

WANDERLÉIA DA CONSOLAÇÃO PAIVA

**OS SENTIDOS DO ENVELHECER:
MEMÓRIAS E IDENTIDADES DE IDOSAS**

São João del-Rei

PPGPSI – UFSJ

2011

WANDERLÉIA DA CONSOLAÇÃO PAIVA

**OS SENTIDOS DO ENVELHECER:
MEMÓRIAS E IDENTIDADES DE IDOSAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais e Socioeducativos

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vieira Silva

São João del-Rei

PPGPSI – UFSJ

2011



PROGRAMA DE
MESTRADO EM
PSICOLOGIA

A Dissertação “Os Sentidos do Envelhecer: Identidades e Memórias de Idosas”

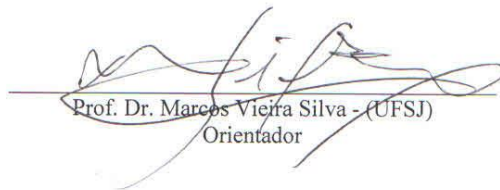
elaborada por **Wanderléia da Consolação Paiva**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

São João del-Rei, 30 de Novembro de 2011

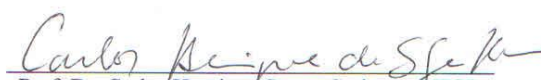
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Marcos Vieira Silva - (UFSJ)
Orientador



Profa. Dra. Vera Maria Antonieta Tordini Brandão - (PUC-SP)



Prof. Dr. Carlos Henrique Souza Gerken - (UFSJ)

Q3q Paiva, Wanderléia da Consolação
Os Sentidos do Envelhecer: identidades e memórias de idosas [manuscrito] /
Wanderléia da Consolação Paiva – 2011.
102p.; il.

Orientador: Marcos Vieira Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei. Departamento de
Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Referências: f. 90-94.

1. Idosas (Psicologia) – Teses. 2. Identidades (Psicologia) – Teses. 3. Memórias
(Psicologias) – Teses. 4. Oficinas de Intervenção Psicossocial (Psicologia) – Teses. 5.
Grupos de terceira idade – (Psicologia) - Teses. I. Universidade Federal de São João
del-Rei. Departamento de Psicologia. II. Vieira Silva, Marcos. III. Título.

CDU: 159.922.6

*À minha mãe, Maria,
que maravilhosamente neste ano
completou 60 anos de muita vida, beleza e graças!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu uma segunda chance de vida.

Aos meus pais, em especial, minha mãe, que sempre acreditaram nas possibilidades de conquista pela via da produção de conhecimento. Se hoje estou nesta etapa, devo a eles.

À minha irmã, Débora, grande parceira, que mesmo na distância amparou-me nas crises e torceu incondicionalmente pelo desfecho do curso.

À Bia, nos seus vividos dez anos, que torceu tanto no momento de qualificação e para a realização da defesa mesmo sem saber exatamente do que se tratava.

Ao Gabriel, pela sua recente chegada. Que bom que está junto de nós para compartilhar esta vitória.

Ao Alex – “vivemos esperando dias melhores” – e Juninho (*in memoriam*) – “dias melhores pra sempre”.

À Giselle, sua escuta sempre atenta e sua companhia durante estes tempos de mestrado foram de estimada valia para fortificar-me no alcance do meu objetivo no curso.

À Liliam, ‘minha irmã’, pelo nosso encontro e cumplicidade em tantos caminhos da vida. Nossa amizade é um presente que se renova a cada momento.

Ao professor Dr. Marcos Vieira Silva, meu orientador, que sempre me estimulou e esteve do meu lado desde a graduação, amparando-me nesta trajetória. Mais uma história nossa para ser contada! A ele, um brinde especial pela sua vida e pela homenagem recebida, no evento promovido pela ABRAPSO 2011, como um colaborador para o pensar/fazer uma psicologia social crítica e comprometida com as pessoas, grupos e comunidades.

Às idosas do grupo pesquisado, que se dispuseram com o coração aberto para contribuir com o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores do mestrado em psicologia, pela disponibilidade de compartilhar seus conhecimentos e pela satisfação em ver-nos produzindo, pensando e reaprendendo. Também pelo empenho em levar adiante a idéia e o projeto deste curso de mestrado.

Às professoras Lúcia Afonso, Valéria Kemp, Vera Brandão e Fátima Queiroz, pelas discussões do projeto, pelas leituras do texto e pelas idéias que trocamos durante o percurso.

Aos amigos especiais: Cristiano, Marcelo, Paulinho, Beto e Renato. Cada um na sua distância, do seu jeito e no seu tempo. Obrigada por compartilharem dos meus momentos difíceis e dos tantos momentos bons que vivemos neste período.

Aos tantos outros amigos(as) que torceram por mim, que disponibilizaram os seus materiais para a confecção deste texto e que participaram comigo de discussões sobre o tema abordado.

Aos colegas da segunda turma do mestrado. Mesmo em diferentes linhas de pesquisa, formamos um grupo com os mesmos objetivos. Que bom que também soubemos curtir momentos maravilhosos que quebraram o protocolo!

À Fidélia, minha fiel companheira e bolsista dos projetos desenvolvidos, que me acompanhou na produção da minha dissertação.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, o meu “muito obrigada”.

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Coralina

RESUMO

Esta pesquisa foi elaborada com o objetivo de compreender como as identidades e as memórias articulam-se para a construção dos sentidos atribuídos ao envelhecimento pelas idosas frequentadoras de um grupo de terceira idade do município de Barbacena. Durante alguns meses, como métodos para a coleta de dados, utilizamos a observação, o diário de campo e, principalmente, as entrevistas e as oficinas de intervenção psicossocial. Realizamos as entrevistas com oito senhoras frequentadoras do grupo e desenvolvemos dezesseis oficinas com o mesmo, abordando temas relacionados ao envelhecimento. Os dados foram analisados à luz da teoria da análise do discurso de Eni Orlandi. Observamos, a partir dos discursos das idosas, as dificuldades das mesmas com a sua própria imagem, sendo o corpo o alvo das primeiras insatisfações, seja no seu aspecto ou no declínio das funções, nos problemas de saúde e nas mudanças da sexualidade. O medo da dependência do outro no fim da vida é um fantasma que assombra as idosas. As histórias das famílias, originárias e formadas a partir do casamento, demonstraram mudanças na identidade da menina para a mulher-mãe. O tornar-se mãe representou a realização enquanto mulher e a necessidade de cumprir os cuidados além dos sofrimentos e cargas de trabalho para suportar a vida de esposa e as dificuldades com a criação dos filhos. Os netos, por sua vez, estão relacionados à vitalidade e continuidade de si. Quanto aos modos de vida antigos e atuais, o passado aparece como sendo melhor que a atualidade nos aspectos de respeito e educação, enquanto os avanços tecnológicos e a liberdade estão relacionados à conquista dos tempos atuais. A religiosidade/espiritualidade marca a condição do transcendental expressada nos rituais, nas figuras religiosas e nas crenças. Quanto ao grupo, sua constituição está relacionada ao espaço/tempo do poder ser, do tempo para si, do fazer o que se gosta, mas o mesmo ainda não representa uma possibilidade de mudanças. Destacamos que o envelhecer apresenta também algumas condições positivas e é tido como a fase do “poder fazer” e da liberdade. Concluímos que as Oficinas cumpriram sua função de pesquisa e ação. Observamos que as memórias dos fatos lembrados favoreceram a construção das trajetórias de vida das idosas e do grupo e tal fato favoreceu as reflexões sobre a identidade enquanto metamorfose. Salientamos as dificuldades de criação e manutenção de novas identidades nesta fase, em função de contexto social marcado pela valorização do novo, da beleza e da produtividade.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento – Identidades – Memórias – Trajetórias de vida.

ABSTRACT

This research was conducted with the goal of understanding how identities and memories may be articulated to the construction of the meanings to aging of the elderly attending a group of senior citizens in the municipality of Barbacena. For a few months we use observation, field diary and, mainly, interviews and workshops of psychosocial intervention as methods for data collection. We conducted interviews with eight women attending the group and developed sixteen workshops covering topics related to aging. The data were analyzed according to the theory of discourse analysis of Eni Orlandi. We observed from the speeches of the women the difficulties with his own image and, as consequence, the body is the target of dissatisfaction presented in his looks or functions of the decline in health problems and changes in sexuality. Fear of dependence on the other at end of life is a ghost that haunts the elderly. The stories of families from the marriage, showed changes in the identity of the girl to the mother-woman. Becoming a mother represented the holding as a woman and need to meet the care beyond the suffering and workloads to support life as wife and difficulties with parenting. The grandchildren, in turn, are related to the vitality and continuity of self. As for the ways of life past and present, the past appears to be better than today in the aspects of respect and education as technological advances and freedom are related to the achievement of our time. Religiosity/spirituality represent the condition of the transcendental expressed in rituals, religious figures and beliefs. Considering the group, its formation is related to the space/time could be time for you to do what you like but it still does not represent a possibility of change. We emphasize that the aging conditions also has some positive and is regarded as the stage of being able to do and freedom. We conclude that the workshop fulfilled its function of research and action. We observed that recall memories of events favored the construction of the paths of life of elderly and the group and this fact has encouraged reflection on the identity as a metamorphosis. We emphasize the difficulties of creating and maintaining new identities at this stage because of the social context marked by the new value, beauty and productivity.

KEYWORDS: Aging – Identities – Memories – Life trajectories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – VELHICE: UM CAMPO DE ENCONTRO	18
<i>1.1. Os diferentes termos e entendimentos da velhice</i>	24
CAPÍTULO 2 – IDENTIDADES E MEMÓRIAS: CONCEITOS ARTICULADOS	28
CAPÍTULO 3 – MÉTODOS.....	39
<i>3.1. O grupo</i>	39
<i>3.2. As idosas entrevistadas</i>	42
<i>3.3 As Entrevistas</i>	44
<i>3.4. As Oficinas</i>	46
<i>3.5. Análise de dados</i>	54
CAPITULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS.....	57
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS.....	95
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO INDIVIDUAL.....	96
ANEXO 2. - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO GRUPAL	98
ANEXO 3. - FOLDER - <i>1º ENCONTRO MULTIDISCIPLINAR - COMPLEXIDADE: O IDOSO EM FOCO</i>	101

INTRODUÇÃO

Olhar no espelho e ver-se, mas não se reconhecer.

Olhar no espelho e perceber as marcas do tempo, os caminhos trilhados, os tantos momentos vividos, as marcas que hoje se encontram no corpo, na memória e na narrativa.

Olhar no espelho e deter-se sobre a própria imagem, conhecer-se, (des)conhecer-se e (re)conhecer-se... dicotomias... conflitos... mistura de emoções... estranhamentos... atravessamentos. É ver-se e não se ver.

As rugas, os cabelos brancos, o corpo mudado, as formas de ser e de estar no mundo, o uso da sabedoria... Assim se aproxima a velhice, pouco a pouco, silenciosa e branda. Marcas denunciadas pelo espelho, espelhos externos e internos. Espelhos que velam e desvelam o objeto de estudo que escolhemos para estudar: a velhice.

Netto (2006) afirma que o processo de envelhecimento e as suas consequências naturais são uma preocupação da humanidade desde o início da civilização, e que o século XX marcou os avanços da ciência do envelhecimento por meio dos estudos realizados em uma centena de anos. Estes estudos tiveram início com Elie Metchnikoff, em 1903, e Ignatz Nascher, em 1909, pioneiros nas áreas da gerontologia e geriatria, respectivamente.

Brandão e Mercadante (2009), em uma análise mais recente, consideram que o envelhecimento e a longevidade vêm sendo tratados como um dos assuntos prioritários do século XXI e, atualmente, estão no foco e na agenda de todos os países.

As estatísticas apontam para dados referentes ao crescimento da população idosa em um futuro bem próximo. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera o período de 1975 a 2025 a Era do Envelhecimento. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (1996), na década de 1970, cerca de 4,95% da população no país era de idosos, percentual que subiu para 8,47% na década de 1990, havendo a expectativa de alcançar 9,2% em 2010. Segundo esse Instituto, em relação à projeção da mortalidade, em 2040 o Brasil atingirá o patamar dos 80 anos de expectativa de vida ao nascer (IBGE, 2003).

Conforme indica Cançado (1996), o aumento do número de idosos também tem sido acompanhado por um acréscimo significativo nos anos de vida da população

brasileira. A expectativa de vida, que era em torno de 33,7 anos em 1950/1955, passou para 50,99 em 1990, chegou até 66,25 em 1995 e deverá alcançar 77,08 em 2020/2025.

De acordo com esses números, os profissionais das áreas da saúde e da educação têm buscado novos conhecimentos, técnicas e modos de lidar com esta parcela emergente da população, uma vez que a mesma possui demandas específicas para a obtenção de adequadas condições de vida.

Este novo panorama constitui-se num desafio, uma vez que ainda temos muitos idosos vivendo em condições indignas de sobrevivência, sendo discriminados e abandonados em instituições que são verdadeiros ‘depósitos’ de pessoas. Tomiko Born (2004) indica e generaliza esta condição para muitas instituições brasileiras, a partir do que observou em sua visita a uma instituição de longa permanência para idosos em Minas Gerais.

Nossa trajetória com a temática parte da realização de um projeto de extensão universitária que teve início em 1999, intitulado “Resgatando a Perspectiva de Vida na Terceira Idade a Partir da Psicologia Social”, desenvolvido juntamente com os professores da Universidade Federal de São João Del-Rei e pesquisadores do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP). Neste projeto abordamos, no período de quatro anos, os idosos de uma instituição de longa permanência (ILP) no município de Barbacena, fato que nos proporcionou conhecer, dentre outras questões, seus discursos e modos de envelhecer (Ireno, Carvalho, Paiva & Vieira-Silva, 1999, 2001, Vieira-Silva, Passos, Paiva, Agostini, Costa, Santos & Silva, 2002).

Posteriormente, no ano de 2007, na UEMG, em Barbacena, coordenamos um projeto de extensão universitária intitulado “EnvelheSendo”¹, que contou com a participação de uma bolsista e uma estagiária e teve como perspectiva analisar a construção do processo de envelhecimento de idosas que frequentavam os grupos de terceira idade no município de Barbacena, através de Oficinas Psicossociais de Dinâmica de Grupo (Fonseca, Gonzaga, Lima & Paiva, 2007, Paiva, Lima, Fonseca & Gonzaga, 2009).

A partir da realização desses projetos percebemos a necessidade de escutar os discursos dos idosos sobre seu próprio envelhecimento, fato pouco comum nos estudos realizados com os mesmos, uma vez que partem do referencial de outras pessoas, grupos e

¹ Este projeto foi financiado pelo Programa PAEx/UEMG (Programa Institucional de Apoio à Extensão – Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG) – 2007.

culturas para definir o que é envelhecer. As autoras Brandão e Mercadante (2009) observaram que as pesquisas gerontológicas falam do idoso a partir de um referencial externo, ignorando o que ele tem a dizer sobre o seu envelhecimento. Muitas vezes, suas palavras aparecem codificadas e deturpadas nos resultados finais de pesquisa.

Este fato já havia sido ressaltado por Beauvoir (1990) que concluiu em sua obra que o idoso é descrito pelo outro e não por ele próprio. Nenhuma condição de pensar a velhice na sua interioridade ou exterioridade é capaz de defini-la. A velhice assume múltiplos aspectos que não se reduzem uns aos outros.

Entretanto, advertiu a autora, “o idoso é um sujeito que interioriza sua situação e que reage a ela” (Beauvoir, 1990, p. 345). Sendo assim, devemos contextualizar a velhice em uma pluralidade de experiências e não reduzi-la a um conceito simples. Entendemos que cabe ao pesquisador confrontar as diferentes experiências de envelhecimento umas com as outras, determinar as razões de suas diferenças e identificar as constantes dos casos estudados.

Para Brandão e Mercadante (2009), dar voz ao idoso significa ouvir o que ele tem a dizer, o que fortalece a sua autoestima, traz-lhe sentido de pertencimento, coloca-o como senhor de suas vontades e favorece a ressignificação das suas experiências de vida, além de trazer uma perspectiva interna à discussão do tema, fortalecendo-o teoricamente. Vale acrescentar que nossas experiências de trabalho com idosos nos mostram que dar voz ao idoso e aos idosos, em atividades coletivas, possibilita o resgate da identidade individual e fortalece a produção da identidade coletiva.

Por outro lado, ressaltamos a necessidade do profissional que trabalha com velhos conhecer de fato o que significa “ser velho”, pois o desconhecimento desta questão induz a práticas com foco ideológico que contribuem para a manutenção e a propagação de mitos, estereótipos negativos e preconceitos acerca da velhice (Neri, 1993). Conforme verificado na pesquisa de Araújo *et al* (2005) onde “as atitudes preconceituosas e a autoimagem negativa da velhice, verificadas entre os idosos pesquisados, são devidas aos construtos psicossociais e ideológicos que permeiam as relações interpessoais e afetivas presentes na atualidade”.

Diante da preocupação de escuta da voz dos idosos e da construção de novas práticas de intervenção para o trabalho com idosos, em 2009/2010 realizamos o projeto de pesquisa “A Construção do Processo de Envelhecimento a partir de Memória de Idosas”,

que contou com uma bolsista² da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – *campus* Barbacena, cujo objetivo foi compreender o processo de envelhecimento a partir das memórias de idosas frequentadoras de dois grupos de terceira idade do município de Barbacena. Ressaltamos que duas das idosas que nos concederam a entrevista neste projeto foram também nossas depoentes nas entrevistas e participantes nas oficinas que compuseram a nossa pesquisa para o mestrado. Os dados foram coletados através de observações grupais, diários de campo e entrevistas individuais com quatro idosas (Silva & Paiva, 2009).

A mesma bolsista, atenta às discussões sobre a terceira idade e inserida no universo da pesquisa, também desenvolveu um outro projeto de ação extensionista entrelaçado à nossa pesquisa de mestrado, denominado “Viver e envelhecer: trajetórias de vida de idosas de um grupo de terceira idade”³, com o objetivo de captar os sentidos do envelhecer para as idosas frequentadoras de um grupo de terceira idade de Barbacena, visando a ressignificação dos fatos de vida que influenciam a construção de representação sobre a velhice e determinam as suas formas de ação na vida cotidiana (Paiva & Vieira-Silva, 2011a, 2011b).

A presente pesquisa, por sua vez, tem como objetivo compreender como as identidades e as memórias se articulam para a construção dos sentidos atribuídos ao envelhecimento pelas idosas frequentadoras de um grupo de terceira idade do município de Barbacena.

Como objetivos específicos nos propusemos a explicitar os sentidos atribuídos ao processo de envelhecimento pelas mulheres idosas e captar os determinantes sociais que interferem na construção das identidades e das memórias sociais destas idosas. Além disso, buscamos identificar/compreender os aspectos/fatos mais importantes nas histórias de vida das idosas, resgatados nas memórias de suas trajetórias de vida ao envelhecer, possibilitando com esse movimento uma possível ressignificação e atualização da identidade.

Nossa pesquisa comunga com a proposta de pesquisa-intervenção psicossocial adotada pelo Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP) da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), associado ao Programa de Mestrado em Psicologia desta instituição. Para Machado (1993), a pesquisa-intervenção psicossocial é uma:

² Apoio do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa – PAPq. PIBIC/UEMG/FAPEMIG. Edital 003/2008.

³ Apoio do Programa Institucional de Apoio à Extensão – PAEx/UEMG. Edital 001/2010.

construção paulatina, inacabada, de uma metodologia de pesquisa da realidade concreta de indivíduos, grupos e organizações na qual a história, formas organizativas e vidas cotidianas são objetos de estudo e na qual o pesquisador reconhece-se intervindo na realidade, transformando-a junto com os sujeitos envolvidos, ele próprio estando implicado no processo. (Machado, 1993, p. 8).

Machado (1993) acrescenta que a metodologia de pesquisa proposta pelos membros do LAPIP é tributária da pesquisa-ação de Lewin, da pesquisa participante de Freire, do grupo operativo de Pichón-Rivière, da análise institucional de Lourau e Lapassade, tendo diferentes caminhos de pesquisa abertos a partir dessas várias contribuições.

Nesta perspectiva, o conhecimento é co-produzido na interação que se caracteriza como uma relação de ajuda e colaboração. Para a interpretação dos dados, além dos procedimentos usuais, interpretações e análises de transferência e contra-transferência têm seu lugar (Machado, 1993).

Chamamos a atenção, em especial, para as produções da psicologia sobre o envelhecer e destacamos que a Psicologia Social, particularmente nas últimas décadas, tem desenvolvido microteorias contemplando a velhice, de modo que tem contribuído, ao lado da Psicologia da Personalidade, para o entendimento dos diversos fatores intrínsecos ao processo de envelhecimento. Assim, tem possibilitado intervenções psicossociais que propiciem melhores condições de vida aos idosos (Neri, 2006).

Em função do recente interesse da Psicologia Social pelos estudos de envelhecimento, queremos resgatar o conceito de identidade social, apresentado por Ciampa (1993), para discutir as questões da velhice a partir do prisma da área. Destacamos ainda a utilização de uma metodologia de coleta de dados desta mesma área, as Oficinas de Intervenção Psicossocial, propostas por Afonso (2000), que juntamente com outros métodos auxiliará no estudo proposto.

Sendo assim, no Capítulo 1, tratamos a velhice como um campo de encontro, destacando a sua complexidade enquanto tema multi/interdisciplinar. Abordamos questões pertinentes à pesquisa sobre envelhecimento, explanamos sobre os primeiros estudos e apontamos os conceitos com suas marcas ideológicas e complexas.

No Capítulo 2 tratamos das definições e da articulação dos conceitos de identidade e memória. Partimos do pressuposto apontado por Brandão e Mercadante (2009) que interrogam: “Se sou o que me lembro, quem sou eu?” Esses conceitos foram tratados em uma perspectiva social, portanto, não nos preocupamos em apresentar definições já superadas sobre o conceito de identidade como uma condição imutável e de memória como descrita pelos neurobiólogos. A proposta de uma discussão sobre esses conceitos implica

em considerar que, a partir deles, poderemos compreender o sentido que as idosas atribuem para o seu envelhecer.

Em seguida, no Capítulo 3, apresentamos o caminho metodológico percorrido para alcançar os resultados desta pesquisa, destacando a complementariedade dos métodos: observações, entrevistas, diários de campo e oficinas de intervenção psicossocial. Estas últimas são uma contribuição da Psicologia Social e ainda não foram utilizadas com idosos para coleta de dados de pesquisas, outro fato que demarca uma condição especial para a nossa pesquisa.

A partir dos métodos citados acima, demonstraremos no Capítulo 4 como pudemos compreender o discurso produzido pelas idosas entrevistadas e participantes das oficinas sobre os sentidos do envelhecer a partir da análise do discurso de Eni Orlandi. A palavra ‘sentidos’ marca os aspectos plural e singular, o respeito àquilo que o sujeito diz (e o que ele não diz) sobre o seu envelhecer. Reconstituindo a trajetória de vida de cada idosa, buscamos compreender, a partir das memórias dos fatos vividos, a constituição das suas identidades.

Este capítulo destina-se a apontar algumas proposições necessárias para a contextualização da pesquisa em questão. Esta contextualização é importante para entendermos o complexo fenômeno do qual estamos tratando.

Estas considerações, embora generalistas, nos permitem pensar que tratamos de velhices e não de velhice, pois o envelhecimento dá-se em uma pluralidade de culturas, grupos, interações e experiências o que não nos permite reduzi-lo a um único e simples conceito. Portanto, para explicá-lo, devemos lançar mão de conceitos, teorias e práticas de diferentes áreas do conhecimento que se propõem a construir um novo paradigma sobre a velhice.

Britto da Motta (2006) afirma que:

A velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente e nem de modo tão evidente quanto se costuma enunciar. Isto é, não existe a velhice, existem ‘velhices’; o que também significa que não existe velho; existem velhos; ‘velhos e velhas’, em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um determinado tempo do ciclo de vida. (Britto da Motta, 2006, p. 76).

Brandão e Mercadante (2009) complementam que tratamos o conceito plural de velhos e velhices quando “ao ouvir e dar voz aos indivíduos em processo de envelhecimento respeitamos suas identidades e subjetividades” (p. 33).

O “III Congresso Ibero-Americano de Psicogerontologia: Subjetividade, Cultura e Poder”, realizado em São Paulo, no período de 03 a 05 de novembro de 2009, abordou o tema velhice em seu aspecto plural. Neste evento apresentamos nossa proposta de pesquisa para o mestrado (Paiva & Viera-Silva, 2009) e ouvimos durante todo o tempo sobre a necessidade de se criar um saber novo para tratar o tema.

Este novo saber aclama para uma perspectiva interdisciplinar. Isso foi anunciado na abertura do Congresso, quando a Profa. Dra. Ruth Lopes afirmou que a velhice não é uma questão simples, nem abstrata, e que ela exige um saber novo, interdisciplinar.

No mesmo evento, na mesa redonda “Desafios da Formação Psicogerontológica Interdisciplinar”, a pesquisadora Dra. Vera Brandão defendeu não a construção de um novo saber, mas um saber renovado e renovador. Ela apontou para o desafio da formação e da prática interdisciplinar lançando duas perguntas: como articular teorias, práticas e diferentes áreas disciplinares? Como construir um saber psicogerontológico

interdisciplinar? As reflexões da autora foram posteriormente publicadas no texto intitulado “Desafios da formação interdisciplinar” (Brandão, 2009).

Para definir a interdisciplinaridade, Brandão (2009) apoiou-se em Ivani Fazenda (2002), que afirma que a real interdisciplinaridade é antes uma questão de atitude no sentido de alterar os hábitos já estabelecidos, o que exige um respeito aos conhecimentos produzidos pelas diferentes ciências, buscando, assim, não fragmentá-los, articulando-os, abdicando da supremacia de qualquer ciência. Portanto, a interdisciplinaridade baseia-se na relação de reciprocidade, de mutualidade, de intersubjetividade e de diálogo das ciências interessadas, tendo como objetivo uma visão integrativa do ser humano.

Brandão (2009) apresenta as versões da interdisciplinaridade nas perspectivas europeia (saber-saber), anglo-saxônica (saber-fazer ou saber-agir) e fenomenológica (saber-ser), esta encontrada nas pesquisas de Ivani Fazenda. Para Lenoir, citado por Brandão (2009, p. 91), deve existir a “necessidade da manutenção indissociável das dimensões do sentido, da funcionalidade e da intencionalidade metodológica buscando articular as práticas e as teorias, considerando sempre que procedem de lógicas distintas”.

Com a finalidade de refletir sobre como exercitar a interdisciplinaridade nas ações práticas, Fazenda (2002) apresenta alguns princípios, tais como: desenvolvimento da sensibilidade, que pressupõe um treino para a arte de aprender a esperar a construção do próprio conhecimento e do outro; desenvolvimento no sentido da criação e da imaginação; coerência na busca; desapego dos saberes disciplinares de base; respeito ao próprio trabalho e ao do outro e humildade ao compartilhar o seu trabalho no grupo.

Em especial, nas práticas gerontológicas, Brandão e Mercadante (2009) e Brandão (2009) revelam a preocupação em produzir pesquisas que colaboram para a construção de um saber gerontológico complexo, interdisciplinar, trazendo à tona as vozes dos próprios idosos que expressam suas identidades, singularidades e subjetividades, desvelando os diferentes modos de viver o envelhecimento. Esta atitude frente ao sujeito que envelhece favorece o seu empoderamento, o sentido de pertencimento e a autoestima, perspectiva que deve guiar as práticas e a construção de um saber renovado e integrado (Brandão, 2009).

Os profissionais da área gerontológica trazem os desafios teóricos da articulação necessária entre os saberes disciplinares e as dificuldades concretas dos trabalhos em equipe, ante a complexidade do processo de envelhecimento em suas múltiplas perspectivas (Brandão, 2009). Neste sentido, observamos que essas considerações apontam para a abertura que os estudiosos do envelhecimento devem enfrentar para abarcar uma

maior condição para refletir e atuar com idosos. Uma atitude interdisciplinar deve envolver uma mudança nos sentidos profissional e pessoal do pesquisador.

Diante da defesa pela interdisciplinaridade nos estudos sobre envelhecimento, não podemos deixar de ressaltar que, se por um lado ela

corresponde à maior riqueza para a gerontologia e a geriatria, por outro, na prática, ela acaba criando equívocos conceituais, principalmente na alocação de pesquisas pelas diversas áreas resultando na pulverização de conhecimentos e em ‘especializações’ desconexas, o que fere frontalmente a natureza científica e epistemológica dessas ciências. (Neri, 2000 citada por Netto, 2006, p. 8).

Diante disso, a autora chama a atenção para a dificuldade dos consultores de órgãos de fomento realizarem propostas na área, seja por desconhecimento da área gerontológica, do corpus teórico metodológico da ciência do envelhecimento ou da relação entre a práxis científica e social neste campo específico. Portanto, é preciso lutar para que a interdisciplinaridade transcenda os limites das discussões teóricas e seja revertida para as atividades práticas e de pesquisa (Neri, 2000 citada por Netto, 2006).

Com a indicação dos cuidados sugeridos acima, utilizamos uma literatura ampla sobre o envelhecimento e variados métodos que são contribuições de áreas distintas, principalmente da antropologia, da sociologia, da biologia, da medicina e da psicologia. Esta condição deu-se também no momento de interpretar os dados coletados em campo. Sendo assim, ressaltamos nossa intenção de contribuir para estudos e práticas interdisciplinares sobre o tema em questão.

Segundo Barros (2006), os estudos antropológicos abriram caminho e apresentaram a questão da velhice como um objeto de investigação, procurando responder a várias indagações. Somente tempos depois outras áreas do conhecimento despertaram o interesse pelo tema. A autora demonstra algumas temáticas de interesse da antropologia:

a antropologia das sociedades complexas contemporâneas desenvolve a análise das relações sociais neste contexto: a heterogeneidade das trajetórias de vida, o campo de possibilidades para a realização de projetos e construção de narrativas de lembranças; a pluralidade de mundos sociais; as diferenças e desigualdades de classe, gênero e geração, e a sociabilidade e as interações sociais nos espaços público e privado. (Barros, 2006, p. 110).

No que se refere à produção do conhecimento sobre o envelhecimento, mais recentemente, Debert (2007) chamou a atenção dos antropólogos para a realização de pesquisas sobre as representações e práticas do envelhecimento. Dentre os seus apontamentos, destacamos a necessidade de considerar a velhice como uma categoria socialmente produzida; descobrir o que há de comum nas diferentes sociedades, ou seja, o

que poderia possibilitar que a velhice seja pensada a partir das variações culturais; definir e considerar a diferença entre idade cronológica, geracional e níveis de maturidade, observando que o curso da vida envolve praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho, está presente para definir questões educacionais, políticas públicas, mercado de consumo, dentre outras.

Britto da Motta (2006) afirma que as ciências sociais, em especial a antropologia, interessam-se pela variedade dos modos de ser velho e do contexto que os determina. A autora aponta as categorias idade, grupo etário e geração como sendo importantes para a construção social de velhice e do envelhecimento. Além destas, apesar de menos consideradas, há também a condição sexuada e as relações de gênero. A autora inaugura a categoria ‘liberdade de gênero’, um achado de suas pesquisas que muitas vezes se sobrepõe à condição geracional.

A mesma autora apresenta uma síntese antropológica do envelhecimento: os idosos estão muito mais numerosos; são mais ativos, dinâmicos e participantes; a maioria é mulheres (60%); há uma probabilidade de equalização dos índices de mortalidade entre os dois sexos; reúnem-se mais em grupo fora de casa, o que pode trazer consequências positivas, dependendo da família em que vivem. A autora considera que há a necessidade de se pensar uma política de atendimento para o idoso em função da sua aposentadoria ou do seu retorno ao trabalho. Além disso, considera-se que eles são uma fatia importante para o mercado de consumo, principalmente aqueles que têm altas aposentadorias e pensões, e muitos idosos são arrimos de família (Britto da Motta, 2006).

Outros dois fenômenos que não podem ser deixados de lado são a longevidade crescente e o seu produto, que é a família multigeracional. Isso traz uma preocupação em relação aos idosos que podem estar sacrificados nestas famílias em termos de assistência, partilhas, contribuições variadas, pressões, trocas e retribuições (Britto da Motta, 2006), condições já apontadas por Vitale (2002).

Já na sociologia, os primeiros estudos sobre a velhice começaram a aparecer a partir de 1960. Até este momento, a medicina e a biologia eram as áreas que tratavam sobre o assunto. Barros (2007) afirma que é muito difícil distinguir os estudos como nitidamente sociológicos ou antropológicos.

O livro *The family life of old people; an inquiry in East London*, escrito por Peter Townsend, lançado em 1957, foi a obra inicial mais relevante escrita sobre a velhice na área das ciências sociais. Neste livro o autor descreve a vida familiar dos velhos de um

bairro operário de Londres e os problemas sociais que os mesmos enfrentavam (Barros, 2007).

No Brasil, a medicina foi a primeira a colocar o problema da velhice como uma questão específica. O livro *A Velhice no Brasil: etarismo e civilização* (1972), de Mário Filizzola, é exemplo dessa perspectiva. Ao iniciar os estudos sobre os velhos, a medicina, especificamente a medicina social, trouxe uma consequência para os estudos realizados na área social. Parte dos estudos tratavam o idoso como um problema social, necessitado de uma assistência social (Barros, 2007).

Na área da ciência, Metchnikoff, sucessor de Pasteur, em 1903, defendeu a idéia da gerontologia prevendo que esta área seria um dos ramos mais importantes da ciência, em virtude das modificações que ocorrem nos últimos anos de vida. Este pesquisador defendia que uma velhice fisiológica normal poderia se alcançada pelo homem, mas não foi creditado na época pela comunidade científica (Netto, 2006).

Em 1909, o médico vienense Nascher criou a geriatria, um ramo que se preocupa com o estudo clínico da velhice. Este estudioso estimulou pesquisas sociais e biológicas sobre o envelhecimento, criou a Sociedade de Geriatria de Nova Iorque, em 1912; publicou em 1914 seu livro *Geriatrics: the diseases of old age and their treatment, including physiological old age, home and institutional care, and medico-legal relations* e tornou-se editor da seção de geriatria da revista *The Medical Review of Reviews* (Netto, 2006).

Nascher, posteriormente considerado o pai da Geriatria, teve grandes dificuldades para disseminar suas idéias na classe médica. Ele observou que a velhice era um fenômeno complexo que envolvia questões de ordem social, mas ele próprio dedicou-se às questões biomédicas da velhice (Netto, 2006).

Marjory Warren, em 1930, passou a ser considerada a mãe da geriatria, tendo introduzido o conceito e implementado ações da avaliação geriátrica especializada, ponto de partida para uma avaliação multidimensional/interdisciplinar (Netto, 2006).

Na psicologia, no primeiro quarto do século XX, Stanley Hall destacou-se com a publicação de seu livro *Senescence: the last half of life*, em 1922, no qual procurou evidenciar que as pessoas idosas tinham recursos até então não apreciados (Netto, 2006).

Segundo Neri (2006), os estudos sobre o envelhecimento na Psicologia são recentes se comparados aos estudos sobre infância e adolescência e constituem-se de ações multi e interdisciplinares. A autora aponta que foram razões de contextos sócio-históricos e culturais que abriram caminhos para o interesse no estudo do envelhecimento.

O envelhecimento populacional, no século XX, trouxe mudanças para a psicologia do desenvolvimento. Nasce, portanto, a psicogerontologia,

caracterizada pela adoção de um enfoque de desenvolvimento ao longo da vida (*life-span*), que leva em conta a multicausalidade, a multidimensionalidade e o caráter complexo das interações entre as influências genético-biológicas e socioculturais. Desta visão originam-se novas metodologias de pesquisa e novas perspectivas teóricas mais orientadas à compreensão e à explicação de aspectos específicos do envelhecimento do que à elaboração de grandes sistemas. Hoje o *life-span* é a corrente dominante na psicologia do envelhecimento e é adotado por um número crescente de pesquisadores da psicologia infantil e do adolescente. (Neri, 2006, p. 75).

Neri (2006) ressalta duas teorias psicológicas da década de 1990 que têm saliência no âmbito internacional, referem-se ao *life-span* e ilustram uma adoção de uma orientação à pessoa na psicologia social do desenvolvimento. São elas: teoria da seletividade socioemocional e teoria de dependência adquirida.

A teoria da seletividade socioemocional, criada por Laura L. Carstensen, 1991-93, nasce para explicar o declínio nas interações sociais e as mudanças no comportamento emocional dos idosos. Ela apresenta-se como uma teoria de *life-span* na medida em que considera que a adaptação é delimitada pelo tempo e pelo espaço e que a fase do desenvolvimento vivida pela pessoa é um importante contexto no qual ela deve se adaptar (Neri, 2006).

A teoria da dependência aprendida, de M. M. Baltes, 1996, trabalha o conceito de dependência, “definida como a incapacidade de a pessoa funcionar satisfatoriamente sem ajuda, devido a limitações físico-funcionais, a limitações cognitivas ou a uma combinação dessas duas limitações” (Neri, 2006, p. 73), e acrescenta elementos importantes para a análise da dependência na velhice: a dependência manifesta-se em todo o curso da vida e “o significado da dependência para os indivíduos adultos e idosos e para a sua rede de relações sociais mais próximas pode produzir maior ou menor tolerância e aceitação e proporcionar melhor ou pior suporte instrumental, informativo, material e afetivo” (Neri, 2006, p. 74).

Segundo Netto (2006), em sua revisão histórica do desenvolvimento dos estudos sobre o envelhecimento, após a década de 1930 começaram a surgir numerosos trabalhos em todas as áreas que compõem hoje a ciência do envelhecimento. Na década de 40 surgiram a *American Geriatric Society*, a *Gerontological Society of America* e a *Division of Maturity and Old age da American Psychological Association*. Na década de 50 e 70

surgiram vários grupos de pesquisa longitudinal sobre a vida adulta e a velhice. Posteriormente, os estudos na área aumentaram significativamente.

No Brasil, Netto (2006) ressalta a fundação da Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG), em 1961, posteriormente designada Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), que já realizou congressos, jornadas e tem contribuído para a formação de profissionais em uma perspectiva multi/interdisciplinar. Destaca ainda, no mesmo período que a fundação da SBG, o início aos programas de lazer e aposentadorias do Serviço Social do Comércio (SESC). Em 1975, foi criado o primeiro serviço universitário na Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Netto, 2006).

Após estas primeiras ações, inúmeras outras foram surgindo e ampliando a perspectiva dos estudos sobre o envelhecimento em diferentes áreas de conhecimento. O número de dissertações e teses defendidas aumentou, englobando profissionais fora dos muros da universidade que ajudaram a pensar sobre a temática. Como exemplo, podemos citar a Clínica Geronto-Geriátrica do Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo, que tem uma visão interdisciplinar e contribui para a pesquisa e o ensino universitário nas áreas de assistência ao idoso (Netto, 2006).

1.1. Os diferentes termos e entendimentos da velhice

Após colocarmos as primeiras explorações sobre a velhice, temos que considerar alguns apontamentos sobre o uso e a complexidade dos termos para denominá-la.

Os termos velho, idoso e terceira idade possuem uma condição histórica impregnada de ideologia, e servem para mostrar como a representação social de velhice muda com o tempo em função de novas políticas sociais e da evolução dos contextos sócio-históricos. Peixoto (2007) traça a trajetória da formulação pública de termos, conceitos e noções vinculados ao envelhecimento, buscando suas representações na França e no Brasil.

Na França, o tema envelhecimento há séculos tornou-se alvo de interesse. Entretanto, somente a partir do século XIX os franceses passaram a dar um tratamento social à velhice, distinguindo os idosos dos mendigos.

No século XIX, na França, a velhice era definida em função da participação ou não de pessoas mais velhas no sistema de produção. Era a classe social que definia as expressões usadas para definir as pessoas acima de 60 anos: designava-se “velho” (*vieux*)

ou “velhote” (*vieillard*) àquele indivíduo que não detinha estatuto social, e chamava-se de “idosos” (*persone âgée*) aqueles que possuíam uma condição social e financeira favorável.

Peixoto (2007) comenta sobre as precárias condições em que viviam as pessoas de mais idade na França. Os empresários e banqueiros, nesta época, empregaram capital para a construção de asilos e foram instituídas as caixas de aposentadoria, mais vantajosas para os empregadores.

No Brasil, de acordo com o mesmo estudo, o termo “velho” surge nos anos 60 e tem a mesma conotação negativa francesa. Nessa época, porém, o termo “velho” referia-se mais a um caráter ambíguo, por ser um modo de expressão afetivo ou pejorativo.

As mudanças europeias sobre a imagem da pessoa com mais idade, em função de uma política de integração da velhice promovida pelo governo francês no final dos anos 1960, recuperou a noção de “idoso”, termo que não estava muito em uso. Os termos “velho” e “idoso” confundem-se e este último passa a marcar um tratamento mais respeitoso, destinado para a população envelhecida em geral, bem como para os sujeitos advindos de camadas populares desfavorecidas.

Sendo assim, ainda segundo a mesma autora, iniciaram-se ações em favor da mudança de nomenclatura. A categoria “idoso” invade os domínios do termo “velho” e passa a compor os textos oficiais. Este movimento de mudança de termos aparece também em análises sociológicas, antropológicas e textos demográficos. Mas, apesar da mudança de nomenclatura, a velhice ainda ficou desprovida de um sistema de proteção que definisse uma política para o idoso, visto que este não aparecia na lista das prioridades nacionais.

Segundo Peixoto (2007), algumas modificações na legislação brasileira quanto à aposentadoria acentuaram a representação social do aposentado associado à velhice, à não-produtividade, à decadência, denominando todos os aposentados como velhos.

No Brasil, em 4 de janeiro de 1994, foi divulgada a Lei 8.842, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso, “sacramentando” o uso do termo idoso.

Quanto ao termo “terceira idade”, este se constitui simplesmente como um decalque do vocábulo francês, adotado logo após a implantação das políticas sociais para a velhice na França.

A rubrica da terceira idade é fundamentalmente empregada nas proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas. Idoso simboliza, sobretudo, as pessoas mais velhas, os ‘velhos respeitados’, enquanto terceira

idade designa principalmente os ‘jovens velhos’, os aposentados dinâmicos, como a representação francesa. (Peixoto, 2007, pp. 80-81).

Diante de uma série de dados demográficos, a autora afirma que o prolongamento da vida das pessoas pressiona o alargamento das faixas de idade mais jovens e cria outras denominações como “quinta idade” (pessoas com mais de 85 anos), já ventilado na França, e “quarta idade”, no Brasil. A quarta idade aproxima-se da imagem tradicional de velhice, associada quase sempre à decadência ou incapacidade física.

Para Brandão e Mercadante (2009), as diferentes denominações encontradas para a temática que se ‘colam’ às identidades dos idosos, com seus nomes e histórias, são:

melhor idade; boa idade; idade de ouro; terceira idade; maturidade; idade da sabedoria; maior de idade; longevidade; idade do aproveitamento; idade ideal; idade da farmácia; jovem há muito tempo; melhor não ter rótulos; velho; idoso. Dessas expressões três foram consideradas mais adequadas pelos próprios idosos, e também por profissionais que atuam na área – terceira idade, melhor idade e maturidade. (Brandão & Mercadante, 2009, p. 51).

Entre os idosos, o termo terceira idade é o preferido. Em uma pesquisa realizada em 2008, os termos “maturidade” e “melhor idade” foram considerados os mais adequados. Para as autoras, “essas diferentes afirmações sobre os termos usados para denominar os pós-60 reafirmam e espelham as múltiplas possibilidades de expressão dessas identidades e subjetividades múltiplas, cruzadas, e em permanente atualização” (Brandão & Mercadante, 2009, p. 53).

Em contrapartida, Neri e Freire (2000) problematizam essa questão de terminologias, afirmando que existem preconceitos subjacentes ao uso dos diversos termos para designar o velho e a velhice. Neste sentido, compactuamos com as autoras ao considerarmos tais aspectos para a mudança das palavras no contexto social e entendermos que o uso das diferentes terminologias presta-se a um processo psicológico de negação da própria condição e de mascaramento da situação existente.

Após a explicitação do significado dos termos, esclarecemos que utilizaremos os termos ‘idoso’ ou ‘velho’, para designar pessoas com mais de 60 anos, ‘velhice’ para designar a última fase da vida e ‘envelhecimento’ como um processo que abarca os sujeitos, a partir dos seus 60 anos, na perspectiva biopsicossocial.

Diante do exposto até o momento, percebemos a complexidade dos estudos sobre envelhecimento. O próprio termo velhice nos coloca diante de uma rede multifatorial com consequências diversas para a pessoa com mais de 60 anos.

A velhice pode ser então considerada uma questão complexa, conforme indicou Mercadante amparando-se em Edgar Morin, “que explica que algo é ‘complexo’ quando indica dificuldades para a sua explicação” (Mercadante, 2005, p. 23). Essa condição também já havia sido exposta por Beauvoir (1990), quando afirmou que a velhice é um fenômeno biológico, que acarreta consequências psicológicas e que tem uma dimensão existencial. “O homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence. O que torna a questão complexa é a estreita interdependência desses diferentes pontos de vista” (Beauvoir, 1990, p. 15).

Mercadante (2005) concorda com Beauvoir (1990) que é uma condição de simplicidade definir a velhice como um fenômeno biológico. Em função de sua complexidade, temos que enxergar a velhice como um fenômeno também sociocultural e histórico. “A diversidade sociocultural indica a existência de uma pluralidade de formas de viver a vida pelos assim denominados velhos” (Mercadante, 2005, p. 25).

De acordo com Brandão e Mercadante (2009, p. 25):

Falar sobre o envelhecimento nos faz refletir sobre seus múltiplos aspectos: o biológico e o cronológico, ambos associados aos diferentes ‘ritmos’ individuais ligados ao tempo – externo/cronológico; ao tempo interno/biológico; e nas interligações com os significados dos tempos vividos – cronos e Kairós – reportando aos aspectos socioculturais.

As autoras acrescentam que “esta perspectiva fundamental coloca o foco no sujeito – um indivíduo constituído nas e por estas três instâncias bio-psico-sociais, ou seja, unos e múltiplos. Sujeito da genética e da história, do tempo e no tempo” (Brandão & Mercadante, 2009, p. 25).

É importante deixar claro que esta pesquisa se interessa por tratar o envelhecimento nesta perspectiva, que abarca os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Entretanto, centraremos nossa atenção na produção do envelhecimento enquanto processo psicossocial, não desconsiderando, evidentemente, as condições/modificações biológicas pelas quais passam os idosos e que interferem na construção da sua identidade.

“Se sou o que me lembro, quem sou eu?”. Iniciamos este capítulo com uma pergunta que nos remete aos dois conceitos que queremos tratar nesta pesquisa: memória e identidade. Essa é uma pergunta que remeteu Brandão e Mercadante (2009) à condição de afirmar que:

somos memória porque a identidade – Quem sou? – está vinculada às lembranças que cada um tem de si – seu nome, os dos seus ancestrais, do lugar de nascimento e outros espaços – territoriais e sociais - que ocupamos ao longo da vida – dimensão pessoal, que envolve fatos objetivos e subjetivos. (Brandão & Mercadante, 2009, p. 75).

Em função de tratar a *articulação* destes conceitos, propositalmente não dividimos este capítulo em subtópicos e abordaremos tanto as definições dos mesmos quanto a sua articulação, conforme propõe a pergunta acima. É nessa perspectiva que tentaremos discuti-los para integrá-los aos nossos apontamentos sobre o envelhecer.

Jacques (2002) indica uma diversidade terminológica e teórico-metodológica dos estudiosos sobre o tema identidade. Igualmente à velhice, sua complexidade expõe os autores a algumas dificuldades conceituais. Alguns termos são citados pela autora como referentes ao conceito de identidade: imagem, representação, conceito de si; conjunto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele mesmo; *self* ou *self-concept* (corrente norte-americana); representação de si (corrente europeia).

Pessoa (1998) traça um percurso histórico do termo identidade na filosofia e na psicologia na perspectiva de diversos autores e escolas de pensamento. Para a psicologia social, especificamente, a autora aponta que a bipolaridade identidade pessoal e identidade social não é pacífica, assim como não o é na filosofia e na psicologia.

Em reação à psicologia social norte americana, desenvolve-se a partir de Henri Tajfel a teoria da identidade social, relevante na psicologia social européia, que investiga a identidade social do ponto de vista grupal e não individual e a teoria de categorização do *self* e seus vários desdobramentos, entre eles o enfoque de minorias e representações coletivas de Moscovici. (Pessoa, 1998, p. 129).

Pessoa (1998) cita uma nova abordagem na psicologia social que entende o homem como um ser social, trazendo contribuições para os estudos de representação social,

identidade e consciência social. Uma das obras desta abordagem é o livro *Psicologia social: o homem em movimento*, de Silvia Lane e Wanderley Codo (1984).

Nesta última perspectiva, identificamos o conceito de identidade social proposto por Ciampa (1993), personificado como um dos marcos iniciais da utilização da noção do conceito naquela área de estudo (Almeida, 2005), que rompe com um modelo de pesquisa de base positivista, baseando-se em estudos do Núcleo de Pesquisa em Identidade da PUC-SP. Para Ciampa (1993), a identidade é sempre um fenômeno social:

não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade. As possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social. (...). É do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade. (Ciampa, 1986, p. 72).

Segundo Almeida (2005, p. 55), “a identidade é um processo social porque o conhecimento de alguém se dá no (re)conhecimento recíproco dos indivíduos nos grupos, nas instituições, na sociedade de que fazem parte”. Ele argumenta que é “social também porque ela é constituída nos e pelos grupos de que os indivíduos fazem parte, pelos papéis sociais (formais e não-formais) que eles desempenham e pelo modo como desempenham” (p. 56).

A identidade é também um processo psicológico. Segundo Almeida (2005, p. 58), “a identidade expressa um processo dinâmico de articulação entre o fazer-se e pensar-se, o representar-se e buscar reconhecimento, de um lado e o ser produzido, representado e reconhecido socialmente, por outro lado”.

Ciampa (1993) define a identidade a partir da superação da dicotomia individual/social. O autor emprega o termo metamorfose para indicar um movimento de constituição da identidade, defendendo que somos personagens e atores dos nossos discursos. Ciampa acrescenta que somos ocultamento e revelação; multiplicidade e unidade; que a nossa interpenetração com nossos vários personagens e com outros personagens no contexto social garantem os modos de produção da identidade.

Ciampa (2003) posiciona-se a favor da idéia da “metamorfose humana como processo inescapável de constituição a identidade social”. A metamorfose é entendida pelo autor tanto no sentido das transformações do ser humano como tal quanto no sentido constitutivo de nossa formação como seres humanos:

A identidade, individual ou coletiva, é sempre a história de nossa metamorfose em busca de emancipação que nos humanize. A emancipação que dá sentido

ético à metamorfose, pode ser impedida ou prejudicada pela violência, pela coerção, invertendo a metamorfose como desumanização. É assim que se revela a natureza intrinsecamente política da identidade. A destruição, a degradação e a indignidade de pessoas e grupos são formas de metamorfose, em última análise, provocadas de modo heterônomo por um poder interiorizado subjetivamente e – ou apenas – exteriorizado objetivamente (Ciampa, 2003, p. 3).

Ciampa (2003, p. 3) nos aponta para a condição de que a “identidade é sempre processo de metamorfose, cujo sentido precisa ser compreendido como emancipatório (ou não) e que sua concretização se dá sempre como ação política (explícita ou não)”. Na mesma abordagem de Ciampa, Almeida (2005) afirma que a identidade é algo suposto ou pressuposto que se forma a partir do que é possível ver, perceber, pressentir e inferir, uma vez que as pessoas não se mostram totalmente.

Temos que chamar a atenção para a identidade-mito, oposta à identidade metamorfose, que é a dificuldade do indivíduo de atingir a condição de ser-para-si que ocorre no mundo da mesmice (da não-mesmidade) e da má infinidade (a não superação das contradições (Ciampa, 1993).

Bosi (2003) reafirma que, diante da nossa experiência de vida, temos o estreitamento e a possibilidade do novo. Em contato com os aspectos do real nós cedemos à condição da facilitação e da inércia, nos entregamos ao processo de estereotipia. Neste processo de estereotipia, os padrões correntes interceptam as informações no trajeto rumo à consciência, e o estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico. Assim, torna-se necessária uma mudança de atitude que exige uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais e uma reestruturação da experiência passada.

Almeida (2005) aborda na sua tese de doutorado as imbricações da noção do conceito de anamorfose, “recurso pictórico adotado para produzir uma imagem deformada de algo ou alguém que implicava em um deslocamento do ponto de vista considerado mais adequado para reproduzi-lo de uma maneira verossímil em um quadro” (p. 104), com o sintagma identidade-metamorfose-emancipação relacionado à velhice, uma vez que esta categoria social traz consigo uma identidade desidentificadora em função dos estigmas e da ausência de reconhecimento.

As políticas de identidade funcionam como as pinturas com ponto fixo, colocando os indivíduos em seus (‘devidos’) lugares sociais e estabelecendo os limites do tolerável nos modos de ocupação destes lugares. Projetos singulares e/ou particulares, idealizados fora dos parâmetros estabelecidos são, a partir daí, considerados como verdadeiras aberrações, como alucinações, como anamorfoses (figuras em perspectiva deformada) das identidades socialmente idealizadas. (Almeida, 2005, p. 106).

Estas posições sociais podem ser sentidas e percebidas como amarras, obrigando os indivíduos e grupos a reproduzirem, reporem cotidianamente as identidades pressupostas. Por isso, é difícil aceitar-se quando se é submetido à degradação resultante da ação do outro e da diminuição da capacidade funcional e interativa (Almeida, 2005).

Por sua vez, o processo de emancipação é tomado como uma anamorfose da imagem prescrita para indivíduos e grupos, uma vez que aquela se refere às mudanças, ao estabelecimento de sentidos outros para a existência, novos projetos de um modo de ser e relacionar-se desejado (Almeida, 2005).

Novas identidades, as anamorfozes dos modelos dominantes, representam uma ‘exigência de superação das deformações impostas a nossas escolhas por interesses específicos ou por necessidades de grupos particulares ou indivíduos de uma comunidade’ (Steerman, 2003, p. 124). Sua existência impediria a vulgarização das identidades socialmente postas, apontando (socialmente) para algo que ainda não é, mas que, ao mesmo tempo, coexistiria com aquilo que é, mas que já não seria o mesmo (em função das metamorfoses realizadas). Ao apontar para um possível social, o vir-a-ser outro, a anamorfose é emancipatória naquilo que recusa de heteronomias e enquadramentos. (Almeida, 2005, p. 115).

Barros (2007, p. 130) observa que “a identidade social sofre, ela própria, valorizações por parte de grupos e/ou indivíduos em interação social, e as características a ela atribuídas são também bem ou mal valorizadas”. A autora nos coloca questões importantes para refletirmos sobre o que é ser velho na sociedade atual, quais critérios definiriam essa condição e defende que este é um assunto de interface com o tema de identidade social.

Esta identidade do idoso deve ser considerada no contexto social onde as relações se processam e o coloca como uma anamorfose normal dos demais indivíduos. As marcas e condições dos idosos os colocam em uma situação de assumir uma identidade que é anamorfose da identidade socialmente considerada desejável e, portanto, uma identidade indesejada, uma deformação daquilo que se valoriza como normal (Almeida, 2005).

Neste sentido, Mercadante (2005, p. 33) aponta para:

(...) a existência de uma identidade construída, com base em um modelo estigmatizador de velho e a verificação da fuga desse modelo pelos próprios idosos, que como indivíduos, como seres singulares, não se sentem incluídos nele, apontam para o mesmo fundamento, próprio da construção de uma identidade social paradoxal: velho não sou ‘eu’, mas é o ‘outro’.

Para Beauvoir (1990, p. 148), “a velhice é particularmente difícil de assumir, porque a consideramos uma espécie estranha: ‘será que me tornei, então, uma outra pessoa, enquanto permaneço eu mesma?’”. De acordo com a autora, “esta é uma relação dialética entre meu ser para outrem – tal como ele se define objetivamente – e a consciência que

tomo de mim mesma através dele. Em mim, o outro que é idoso, isto é, aquele que sou para os outros: e esse outro sou eu.” (p. 148).

Evidentemente, queiramos ou não, somos tentados em algum momento a assumir essa condição de envelhecer que chega, algumas vezes, pelos outros. “O indivíduo sente-se velho através dos outros, sem ter experimentado sérias mutações; interiormente, não adere à etiqueta que se cola a ele: não sabe mais quem é” (Beauvoir, 1990, p. 358). Esse fato nos traz um conflito entre a visão do externo (envelhecer) e o que se deseja internamente (ser sempre jovem).

Segundo Ciampa (1993, p. 186), “à medida que vão ocorrendo transformações na identidade, concomitantemente ocorrem transformações na consciência (tanto quanto na atividade)”. Essas três condições, as transformações na identidade, na consciência e na atividade estão entrelaçadas e acontecem no cotidiano a partir das trajetórias de vida das pessoas.

Trajetoórias de vida ou trajetórias identitárias [são entendidas como] o processo de apreensão da realidade – aprendizagem – da qual cada indivíduo – mergulhado numa cultura (social ampla e familiar) – abstrai, a partir de sua percepção única, reordena e transforma num projeto, profissão, modo e estilo de vida. O indivíduo aprende e ensina, é influenciado e influencia, formando um elo, numa corrente sem fim, do que chamamos ‘saber de si e saber do outro’ que constrói e dá sentido à trajetória humana. (Brandão & Mercadante, 2009, p. 63).

Para Brandão e Mercadante (2009), a perspectiva das trajetórias de vida/identitárias considera e valoriza todo o processo vivido, e, nesse caso, o tempo articula presente, passado e futuro, incluindo a possibilidade de pensar “outros tempos”. Sendo assim, destacamos a articulação da trajetória de vida, das escolhas realizadas e da representação de si como construção da metamorfose. As trajetórias de vida espelham também as escolhas que fazemos. Algumas escolhas são consideradas como realizadas de forma objetiva e consciente, outras são consideradas como ‘acazos’ da sorte, ou azar, com os quais nos deparamos pelas circunstâncias. Na velhice, essas escolhas direcionam para a representação de si mesmo e de suas condições (ou não) de produção de movimento, de metamorfose. Assim, é possível abordar os múltiplos aspectos que envolvem a construção de identidades – objetivas e subjetivas – e sua inerente complexidade.

A anamorfose, [anteriormente tratada], também pode ser pensada a partir de um outro registro, o dos projetos individuais/particulares que se antepõem aos modelos identificatórios estabelecidos, ou seja, do registro daqueles projetos que enunciam a possibilidade de autonomia e de realização pessoal/grupal. Se, do ponto de vista preestabelecido (do sistema, portanto), eles podem ser vistos como aberrações, do ponto de vista dos sujeitos de processos emancipatórios, os modelos que lhes são propostos (impostos) surgem como deformações

(anamorfoses) das imagens de si idealizadas, projetadas, deformações estas que alucinam e provocam incertezas, mal estar, insatisfações. (Almeida, 2005, pp. 108-109).

A construção das trajetórias de vida/identitárias são indissociáveis e se constituem também a partir de um olhar do ‘outro’ – a sociedade – sobre todos os indivíduos. Portanto, retomamos a nossa idéia inicial da importância/influência do social na identidade do sujeito e a premissa de que a sociedade possui um olhar sobre o idoso contaminado por ideologias muitas vezes preconceituosas.

Barros (2007) contribui para pensarmos a questão da estigmatização da velhice e afirma que esta fase vivida como estigma não está relacionada apenas à idade cronológica, mas a uma série de valores e conceitos depreciativos. Barros propõe a questão de que a estigmatização da velhice não se coloca para todos os idosos e ressalta a idéia de sabedoria e experiência valorizadas nesta etapa. Já Beauvoir (1990) propõe que nos atentemos para o sentido de negação ou mascaramento das mudanças no corpo: se o corpo perde, o espírito ganha.

Em sua pesquisa de mestrado, Barros (2007) observa que as idosas investigadas não fazem o uso do termo “velha” para se autoidentificarem e, se isso é feito, existe uma preocupação em diferenciar as formas da velhice. “A auto-identificação como um não-estigma, isto é, como não-velha elimina de suas relações sociais os possíveis traços denotadores de estigma” (Barros, 2007, p. 141). Assim ocorrendo, as senhoras têm um controle sobre a imagem que procuram passar para as demais pessoas com quem se relacionam. Mas com os familiares é difícil manter secreto um aspecto estigmatizador, principalmente porque em casa a “mulher” cede lugar à “velha”.

É interessante notar como algumas idosas que frequentam o grupo de terceira idade que investigamos produzem discursos que afirmam uma condição de “não ser velha”. Sendo assim, concordamos com Barros (2007) sobre o controle da sua imagem para com as pessoas do convívio social. No grupo, muitas vezes surge um discurso de negação desta condição mas, visto de outro ângulo, observa-se a ambiguidade em função da procura da própria pessoa por um grupo de terceira idade. Se não é velha, por que frequentar um grupo de terceira idade?

Diante de tantos determinantes da identidade, a subjetividade deve ser vista como sendo a maneira singular como cada um considera e sente o que é ser velho. Além disso, devemos considerar a execução de papéis sociais como formadores da identidade.

É no mundo do vivido que as identidades se constroem e se afirmam e é do passado que os velhos se nutrem. É de sua trajetória que se origina a própria idéia de 'eu' individualizado, formulado através do desempenho de vários papéis sociais, sendo exatamente esses papéis que irão dimensionar essa identidade. (Britto da Motta, 2007, p. 211).

Então, podemos afirmar que há uma construção permanente de identidades em decorrência destas subjetividades cruzadas e que o discurso permanente, aceito muitas vezes passivamente, de que o 'outro' é responsável pelo modo como me constituo como sujeito, é uma afronta à minha liberdade e ao sentido que quero dar à minha experiência de vida em qualquer idade (Brandão, 2008). Neste sentido, “é esse cruzamento de olhares em sua dinâmica – do outro sobre mim; de mim sobre os outros; de mim sobre mim mesmo – que constrói as identidades e subjetividades cruzadas das quais somos portadores, e que buscamos expressar” (Brandão & Mercadante, 2009, p. 73).

Para Mercadante (2005), as relações de contrastividade do eu com o outro são elementos fundamentais para a construção da identidade. “(...) a identidade do 'eu' é construída pela contraposição à identidade do outro e vice-versa” (p. 30). Especificamente em relação ao idoso, a autora afirma que sua identidade é construída em contraposição à identidade dos jovens, definindo qualidades para o seu perfil identitário que são estigmatizadoras e representam uma produção ideológica da sociedade.

Mais uma vez, as autoras reafirmam a nossa condição de atores do nosso processo de construção da identidade e admitem que o processo grupal é redefinidor da mesma, pois trabalha com memórias individuais e coletivas, trazendo o passado e ressignificando o presente.

Nós não somos apenas sujeitos passivos neste cenário, somos atores corresponsáveis na construção dessa teia de inter-relações – um processo a ser vivido por todos os seres humanos, incluindo o 'eu' subjetivo com todas as idades da vida – com compromissos claros contra o preconceito, o menosprezo, e o distanciamento que marca a trajetória de muitos cidadãos ao longo da vida. (Brandão & Mercadante, 2009, p. 73).

Na nossa pesquisa, um dos métodos adotados na fase de coleta de dados são as oficinas de intervenção psicossocial, que detalharemos no Capítulo 3. A Oficina é um trabalho com grupos que retrata uma forma de ação baseada na sensibilização, esclarecimento, sistematização e elaboração dos participantes sobre a sua própria experiência em relação a um tema abordado. O trabalho da Oficina apoia-se na desconstrução e reconstrução de representações e de identidades sociais (Afonso, 2000).

Nas oficinas surgiram as possibilidades de falar do *estar velha*, de trazer as lembranças/ressignificações, de falar de velhices (o que se conservou, mudanças, *insights*,

sentido de vida com projetos futuros). Velhices que ora reproduzem um discurso social, ora produzem as metamorfoses.

Os tempos presente e futuro foram trazidos à luz do passado a partir de imagens, palavras, sensações e crenças guardadas na memória. Junto à memória compartilhada, surge a possibilidade de ressignificação de experiências. Portanto, para compreender o *estar* velho no presente, recorreremos às narrativas que falam de um tempo passado, de lembranças, reminiscências e memórias.

Félix (1998) nos relata que a temática da memória foi inicialmente abordada no campo dos poetas e, a partir do século V a.C., pelos historiadores e pelos filósofos gregos. No século XX, passou a ser importante objeto de reflexão nas ciências humanas. Para o autor, a problemática multifacetada que a análise das memórias (individuais e coletivas) envolve, está associada aos pesquisadores que se constituíram em matrizes e referenciais para os estudos desenvolvidos na área: Pierre Nora, Michael Pollak e Maurice Halbwachs.

Pierre Nora, historiador, afirma que a memória é por natureza múltipla, desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto. A memória é um absoluto. Nora contribui de duas formas para o entendimento sobre a memória coletiva, que são: a) a análise das diferenças entre história e memória e entre história-objeto e história-conhecimento; b) a necessidade de produção de *lugares de memória* (Félix, 1998).

Mais especificamente com relação aos “lugares de memória”, Pierre Nora elaborou esta expressão “como resultante de um processo de questionamento sobre a memória social, a aceleração histórica (processo) e a necessidade de registro da memória através da história (conhecimento/disciplina)” (Félix, 1998, p. 52).

Os lugares da memória são o material, o simbólico e o funcional. Nora mostra que mesmo um elemento material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investir de uma aura simbólica. Logo, as três dimensões coexistem (Félix, 1998).

A tensão criada pela fronteira entre o vivido, a tradição e suas possibilidades de lembrança, com a aceleração do tempo e o risco da perda de referências espaço-temporal-afetivas dos grupos sociais leva, em nosso tempo, à necessidade da proliferação de lugares de memória, encarregados de dar o suporte da continuidade com o registro de suas marcas através da escrita da história. (Félix, 1998, p. 55).

Em outra perspectiva, Pollak (1992) apresenta a idéia de que a memória deve ser entendida como fenômeno coletivo e social submetido a flutuações, transformações e

mudanças constantes. Michael Pollak estudou sobre as memórias subterrâneas. Examinou as memórias de excluídos e marginalizados, bem como a clivagem entre a memória oficial dominante e as memórias subterrâneas (Félix, 1998).

Ao abordar o sentido social presente na memória dos grupos sociais, Pollak reforça o fator de diferenciação entre os grupos dado pela consciência de fronteiras socioculturais, estabelecidas através dos sentimentos de pertencimento, criadores de identidade. A identidade associa-se também aos *espaços*, onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários. “A busca de identidade(s), elemento essencial à memória, é uma das necessidades/atividades fundamentais da sociedade humana até hoje” (Félix, 1998, p. 42).

Segundo Pollak (1992), as memórias individuais e coletivas são constituídas pelos acontecimentos vividos pessoalmente e acontecimentos ‘vividos por tabela’ por uma pessoa; pelas pessoas e personagens. As personagens podem ser encontradas no decorrer da vida, ou ainda, personagens frequentadas por tabela e pelos lugares da memória, ligadas a uma lembrança pessoal ou sem apoio no tempo cronológico. Podem ser locais muito longínquos, fora do espaço de vida de uma pessoa. Além dos eventos, lugares e personagens, há os vestígios gravados na memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. Para Pollak (1992, p. 5),

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (...). A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referências aos outros (...). Memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Pollak (1989) refere-se à existência, na memória, de zonas de sombras, de silêncios e não-ditos, que estão em perpétuo deslocamento e presentes em discursos carregados de metáforas e alusões. Tais discursos são decorrentes da angústia de não encontrar escuta, demonstrando o medo dos indivíduos e dos grupos sociais de serem punidos ou de se exporem a mal-entendidos.

É essa a fronteira entre o dizível e o não-dizível que separa a existência de uma memória coletiva organizada de uma sociedade que é majoritária ou de um Estado que deseja se impor, de uma outra ‘memória coletiva subterrânea’ da sociedade civil dominada ou de grupos específicos. (Pollak, 1992, p. 48).

Segundo Félix (1998), Maurice Halbwachs (1877-1945), filósofo, trouxe uma grande contribuição para o estudo das memórias, que foi

o pioneirismo nas análises frente às diferenças entre história e memória e a ênfase no caráter social da memória.(...) A constatação da dimensão social da memória implicou a análise dos ‘campos de significados’ e das questões envolvendo tempo e espaço. (Félix, 1998, p. 40).

Para Halbwachs, a memória liga-se à lembrança das vivências, e esta só existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo e ainda os mantêm no presente. O físico ou o territorial e o pertencimento social são fatores que permitem a existência do grupo, tais fatores mantêm o vivido no campo das lembranças comuns, geradoras de memória social (Félix, 1998).

Félix (1998) defende que a memória é mantida pelos laços afetivos e sociais de identidade, e que seu aporte é o grupo social. É este que permite a *reconstrução de memórias*, pois quem desaparece é o indivíduo e não o grupo. Essa dimensão social da memória e da identidade explica também porque podemos considerar a identidade em permanente transformação, isto é, enquanto *processo*. Sendo assim, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo.

A presença do grupo social é imprescindível para o desencadear da memória e para sua própria constituição. A memória é resultado, assim, de relações sociais. As lembranças são construções do presente, feitas e refeitas nas interações sociais, nos diferentes contextos sociais e narradas a partir de perspectivas distintas que dependem da situação social em que o narrador se encontra quando transmite suas experiências de vida. Neste sentido, a memória é relacional e situacional. (Barros, 2006, p. 113).

O trabalho da memória é indissociável da organização social da vida e por ele se dá a construção de coerência e de continuidade da própria história da pessoa; nas palavras do autor, “a reconstrução *a posteriori* da história da vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência” e, “através desse trabalho de reconstrução de si mesmo, o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (Pollak, 1989, p.13).

Mas devemos considerar, também, que vivemos em grupos de experiências solitárias, pois, mesmo participando de determinado evento familiar, ou momento sócio-histórico marcante, a apreensão que faremos deles, e as memórias que construiremos, será única. Daí a ênfase no uso do termo *subjetividade* – o modo de ver, viver e construir o longeviver, próprio e único de cada indivíduo. (Brandão & Mercadante, 2009, p. 77).

Maurice Halbwachs (1990) defende que quando resgatamos as narrativas dos sujeitos trabalhamos com a lembrança única, a experiência de um sujeito único, mas que faz parte de uma comunidade afetiva. Para ele, a lembrança se liga a um contexto social mais amplo.

Neste sentido, de acordo com Ferreira (2007, p. 208):

A memória, enquanto recorte analítico, é tratada como umnexo entre o indivíduo e seu mundo, sempre acionada no presente, disposta na interface entre o indivíduo e o social. A idéia de um indivíduo desmemoriado vem sempre associada com a idéia de seu descolamento do mundo dos significados sociais, de sua fragmentação como sujeito em decorrência da perda da sua história pessoal, de sua trajetória social, de referências de pertencimento.

Para a autora, ainda é preciso discutir o papel da memória no processo de envelhecimento, pois assim entenderemos a construção de identidade do ser velho e as formas de afirmação nos espaços sociais.

A condição de pensar a memória social como um método de trabalho é explorada também por Brandão (2007) na sua vasta experiência com oficinas autobiográficas de idosos e profissionais, no Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) da PUC-SP. A autora afirma que

o processo de reconstrução e ressignificação, por meio das memórias, mostra a identidade como categoria dinâmica, construída, múltipla, passível de ser atualizada e, ainda, a maneira como ela acompanha a construção de um sentido para a trajetória narrada como uma história. A memória estabelece a nossa individualidade e a nossa identidade. (Brandão, 2005, p. 160).

Segundo Brandão (2005), nos grupos, as histórias vão sendo compartilhadas e proporcionam descobertas e empatias que aproximam as pessoas, formando uma nova rede afetiva e o sentido de pertencimento. Nota-se “um fio que percorre as histórias individuais ligando-as a um contexto social – passado/presente –, e que se projeta para o futuro” (p. 161).

Vejamos, no próximo capítulo, o trabalho com oficinas que propomos para esta pesquisa em uma perspectiva diferente da utilizada por Brandão, porém, com os mesmos propósitos quanto à abordagem dos conceitos de identidade e memória.

Este estudo⁴ consiste em uma pesquisa qualitativa que tem como características o interesse pela análise em amplitude e profundidade de microprocessos, através do estudo de ações individuais e grupais e pela flexibilidade quanto ao uso de técnicas de coleta de dados e a heterodoxia no momento de análise dos mesmos (Martins, 2004).

A estratégia de pesquisa utilizada é a pesquisa-ação que, assim como a pesquisa participante, configura-se como uma reação a um modelo dominante de ciência, serve como denúncia do uso da ciência a serviço de classes dominantes, critica perspectivas de pesquisa que não contribuem com soluções para o problema das populações envolvidas e proporciona aos sujeitos a tomada de decisões e a participação nas etapas da investigação e de análise dos resultados alcançados na pesquisa (Flecha, 1995).

Para Thiollent (2002), a pesquisa-ação é definida como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Thiollent, 2002, p. 14).

Dentre os objetivos da pesquisa-ação está a condição de tomada de consciência dos agentes implicados na atividade investigada (Thiollent, 2002), fator preponderante na nossa pesquisa uma vez que, ao despertar o interesse nas idosas de falar sobre o vivido, ressignificá-lo, questionar-se e questionar o grupo de terceira idade traz uma possibilidade de conscientizar-se para assumir ações de ordens coletivas e políticas maiores.

A partir da pesquisa-ação, além da ação, o pesquisador deve “produzir conhecimentos, adquirir experiências contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas” (Thiollent, 2002, p. 22).

3.1. O grupo

No desenvolvimento do projeto EnvelheSendo, citado anteriormente, um dos grupos trabalhados nos chamou a atenção pela sua consistência no tempo, sua organização,

⁴ Esta pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPES/UFESJ, protocolo número 035/2010, garantindo a conformidade com os princípios éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, delineados pela Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde.

envolvimento com a tarefa e interesse em continuar com o trabalho extensionista. Para desenvolver a nossa proposta de mestrado, continuamos em contato, mesmo após a finalização do projeto, com esse grupo específico que, trataremos com o nome fictício “Florescer”.

O “Florescer” nasceu em 1999, depois que sua fundadora participou de uma reunião de um grupo de terceira idade da cidade e sentiu-se motivada para formar outro grupo no bairro. No início, contou com a ajuda de uma psicóloga e as reuniões eram realizadas em um salão comunitário que se transformou em capela. A partir de 2000, o grupo escolheu uma diretoria, cadastrou idosas interessadas em frequentá-lo e começou a desenvolver diversas atividades como bingos, palestras, passeios, chás e festas, como a “Rainha da Primavera”.

Algumas integrantes do grupo remetem-se ao passado do “Florescer” como um período mais produtivo comparado com o presente. Elas defendem que o grupo deveria se envolver mais em trabalhos comunitários e, pelo seu cunho religioso, consideram o exercício da pastoral como algo revigorador.

Ressaltamos que o grupo possui um caráter marcadamente religioso. As idosas sempre rezam nas reuniões, participam de eventos na igreja, recebem sacerdotes nas reuniões e proclamam ‘Deus’ e diversos ‘santos(as)’ em seus discursos marcadamente religiosos. Observamos que nos eventos das trajetórias de vida, a religião se fez presente para fortalecer nos sofrimentos da caminhada e nas aceitações impostas pela fé.

As idosas afirmam também que o grupo já foi mais participativo na comunidade e que, recentemente, a idéia de participar da pastoral implica também resgatar essa característica, pois dentre outras tarefas, as idosas visitaram outras idosas não participantes do grupo oferecendo ajuda. Ressalta-se que no bairro onde o grupo se reúne há um número expressivo de pessoas idosas que moram sozinhas. Portanto, as integrantes do “Florescer” defendem que a prioridade do grupo é ajudar os idosos que necessitam de algo.

Percebe-se que o “Florescer” tem uma preocupação social e de envolvimento em atividades promotoras de boas condições para outros idosos. Porém, parece que, no seu início, as idosas eram mais motivadas e participativas. Com o tempo, o grupo foi se transformando e perdeu parte do entusiasmo, uma vez que algumas idosas morreram, outras abandonaram o grupo e a falta de compromisso de algumas integrantes contribuiu para a paralisação do desenvolvimento grupal. Mas, observa-se que seu tempo de

existência diz de um espaço/tempo que tem sido mantenedor de uma boa prática e inclusive, de um desejo de melhoria das condições acima explicitadas.

As reuniões do grupo são realizadas semanalmente, às quintas-feiras, com duração aproximada de uma hora e meia, e contam com um número de 15 a 25 idosas. Os encontros são realizados no salão dos vicentinos, anexo a um posto de saúde, no bairro onde reside a maioria das frequentadoras do grupo.

As idosas que participam desse grupo vivem em residências nas comunidades, são ativas, locomovem-se para diferentes lugares, moram sozinhas ou com a família, ajudam a cuidar dos netos, têm uma renda própria, ainda que mínima, têm condições razoáveis de saúde, dentre outros aspectos. Sendo assim, percebemos que as idosas que têm capacidade para refletir sobre sua vida, que interagem socialmente, que se mantêm ativas no cotidiano e que apresentam uma condição favorável para sobrevivência e possuem uma representação do envelhecer diferenciada em relação aos idosos abrigados.

Antes de iniciar a nossa pesquisa de campo, participamos das reuniões semanais do “Florescer” durante quatro meses, de agosto a dezembro de 2009, totalizando 12 encontros. Com isso, tínhamos o intuito de observar a sua dinâmica, suas ideologias, perspectivas, inserção na comunidade local, enquadre social e outros aspectos que acreditamos interferir na construção do sentido do envelhecer. Estas observações, devidamente registradas em relatórios, foram retomadas em fevereiro de 2010, momento em que o grupo voltou do período de férias.

Segundo Bosi (2003, p. 56), “quanto mais o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais vai-se configurando a seus olhos a imagem do campo de significações já pré-formadas nos depoimentos.”

Durante os encontros, anotamos as falas das integrantes que estão relacionadas com o processo de envelhecimento para posterior análise, observamos a dinâmica da reunião e a participação das idosas no grupo. Todas as senhoras foram convidadas para conceder a entrevista, porém, somente entrevistamos aquelas que se manifestaram voluntariamente para este fim.

Utilizamos ainda o diário de campo como recurso auxiliar para a coleta de dados. Este instrumento permite captar informações não transmitidas nas entrevistas, documentos, dados censitários e descrições de rituais (Magnani, 1997). Como sugere Bosi (2003, p. 61), no diário de campo estamos a “registrar nossas dúvidas e dificuldades. Nossas falhas, antes

de serem um entrave, irão, se compreendidas, aplainar o caminho dos estudiosos que nos agradecerão por tê-las apontado”.

3.2. As idosas entrevistadas

Segue abaixo a caracterização das idosas entrevistadas⁵ quanto à aposentadoria, idade, estado civil, dados familiares, além de outras informações, colhidas a partir das participações no grupo ou durante as entrevistas, que julgamos peculiares em cada uma delas.

Dona Hortência, aposentada, com 70 anos, do lar, casada, tem seis filhos, tem netos, mas não informou a quantidade. É muito divertida e alegre, adora fazer bijuterias, cuidar de flores e não é muito de medir palavras para falar. É muito religiosa e veste-se como uma pessoa conservadora. Anda sempre de cabelos presos, gosta muito de usar saia e vestidos, prefere roupas com tons escuros e sem estampas.

Dona Hortência é sempre uma das primeiras a chegar para as reuniões do grupo, geralmente não falta e é muito participativa. Está sempre disposta a ajudar. Fala muito, tem amizade com todas as integrantes, procura sempre saber sobre as outras senhoras que não estão indo às reuniões e faz visitas a elas.

Quando convidada para dar a entrevista, ela se dispôs imediatamente a colaborar conosco. No dia agendado ela compareceu, muito bem trajada, pensando que seria também fotografada. Ao iniciar a entrevista ela começou contar a sua história com muita tranquilidade, não foram necessárias muitas intervenções durante a sua fala. Ela parecia desejar contar tudo para alguém. Durante todo o tempo foi muito espontânea e expôs com muita clareza os fatos, apontando todos os aspectos que a incomodavam.

Dona Rosalina tem 67 anos, não é aposentada, trabalha como costureira. É casada, tem quatro filhos e seis netos, é uma pessoa caridosa, gentil, amiga, muito religiosa e está sempre à disposição de todos, principalmente dos filhos. Ela é baixa, tem cabelos curtos e veste-se de maneira bem discreta, tem um semblante meigo e acolhe facilmente a opinião de outras pessoas. Ela ocupa um lugar de destaque no grupo, não falta aos encontros e está sempre disposta a ajudar as outras pessoas. Pede sempre a opinião das outras idosas para resolver algo do grupo, respeita a todas e é também respeitada pelas demais.

⁵ Todas as senhoras que foram entrevistadas e/ou participaram das Oficinas receberam um nome fictício nesta pesquisa.

Quando foi entrevistada, Dona Rosalina pareceu muito tímida, atitude contrária à observada nas reuniões do grupo. Tivemos que fazer algumas perguntas e ela manteve-se muito objetiva, sem entrar em muitos detalhes da sua vida, só falava o que era perguntado, pareceu um pouco constrangida com a entrevista.

D. Margarida, 65 anos, não é aposentada, casada, tem três filhos e dois netos. Ela é alta, forte e tem cabelos curtos e ondulados. Nunca estudou, mal sabe escrever seu nome, veio da Bahia para Barbacena com 14 anos. Apresenta-se vestida frequentemente de camisa de malha e calça. É romântica, amiga, simpática, adora fazer artesanato e é muito caseira.

No grupo ela é uma pessoa discreta, gosta de ajudar no que for preciso, sempre que realizam o bingo ela traz alguma coisa para ser sorteada. Está sempre disposta para ajudar as outras companheiras no que for preciso.

Quando nos concedeu a entrevista, parecia muito nervosa, não quis detalhar muito o passado, a todo momento perguntava se já tinha falado o suficiente, e não nos pareceu tranquila ao relembrar o passado.

Dona Camélia, 70 anos, aposentada, viúva, cinco filhos, não falou a quantidade de netos, mora com uma filha e uma neta à qual ajuda a criar. É morena, baixa, cabelos “chanel”, se veste muito bem, adora usar bijuterias, não aparenta ter 70 anos. É muito conservada para a idade cronológica que apresenta, anda na moda, é muito sorridente, amorosa, simpática, elegante e determinada.

No grupo é a companheira de todas. É frequentadora desde o seu início. Falta muito em virtude de assumir muitos compromissos pessoais. Está sempre escrevendo poemas para suas amigas e para as datas comemorativas do grupo, quando vai é participativa, fala muito, ela tem um entrosamento muito grande com o grupo.

Durante a sua entrevista foi muito espontânea, contou sua vida com muita clareza, não teve nenhum constrangimento em falar. Quem tem um contato social com ela percebe sua atitude otimista perante a vida, não fala que ela passou por tantas dificuldades que lhe trouxeram marcas psicológicas.

Dona Íris tem 65 anos, é professora aposentada, casada, tem quatro filhos e quatro netos. Cabelos ondulados, olhos e pele claros, é vaidosa, usa roupas modernas, é simpática, alegre, religiosa e amorosa.

No grupo, ela ocupa um lugar de destaque e responsabilidade. Não falta e procura informações sobre as amigas quando estas faltam às reuniões. Quando presente, é participativa, gosta de dar opiniões sobre os assuntos discutidos. Foi entrevistada na sua residência por opção própria. Na entrevista manteve uma postura objetiva, sem rodeios.

Dona Magnólia, tem 63 anos, é aposentada, mas não parou de trabalhar, ajudando o marido nos seus ofícios. Gosta de viajar. Tem dois filhos legítimos e um adotivo. Possui estatura baixa, cabelos curtos e sempre pintados, pele clara, se veste muito bem. Sempre está alegre e sorridente.

No grupo fica mais calada e, sempre que fala sobre algo, traz um ensinamento importante. Possui uma visão crítica sobre o grupo, mas não a expõe para as demais idosas com receio da sua recepção.

Dona Gardênia, 76 anos, viúva, aposentada, estatura alta, pele morena, vinda das terras de São Paulo. É umas das participantes mais antigas do grupo. Sofreu com uma doença séria que a fez refletir sobre sua vida. No grupo, fica mais calada ouvindo o que as pessoas dizem. Participa das reuniões, porém de forma mais arredia.

Dona Acácia, 55 anos, doméstica, mãe de três filhos, veio desde cedo participar do grupo “para aprender a viver”. Quando seu marido faleceu, encontrou no grupo o esteio necessário para amparar suas lágrimas. Charmosa, cabelos longos e pretos, pele clara, sempre preocupada com o corpo e sua apresentação. Tem três filhos e mantém-se bastante atualizada sobre os assuntos modernos.

No grupo, já estive em papel de destaque e possui uma visão realista sobre o mesmo uma vez que consegue compreender os pontos positivos e negativos sobre o mesmo.

Todas as entrevistas foram gravadas em um gravador portátil e transcritas para fins de análise. Uma semana após a realização da entrevista agendamos novamente com as idosas entrevistadas, para que as mesmas ouvissem a fita e se manifestassem caso quisessem. As idosas não acrescentaram outros dados às informações anteriores.

3.3 As Entrevistas

Além dos procedimentos já citados anteriormente para a coleta de dados, elegemos as entrevistas semiestruturadas e as oficinas psicossociais em dinâmica de grupo no intuito de possibilitar a ampliação de perspectivas na análise de dados, de integrar em um mesmo

objeto de pesquisa várias estratégias operacionais e de promover o diálogo entre as diversas estratégias de pesquisa e áreas do conhecimento científico, objetivando uma análise cruzada dos procedimentos e resultados (Santos, 2009).

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com oito idosas que participam assiduamente dos encontros do “Florescer”, que apresentaram bom raciocínio, participação ativa nos encontros, grau de lucidez ótimo e o desejo para contar as suas histórias a partir do nosso convite.

Duarte (2004) nos chama a atenção para a importância da entrevista nas pesquisas qualitativas e defende o uso de critérios rigorosos para a coleta e análise de dados a partir deste instrumento. Além disso, a autora nos aponta que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (Duarte, 2004, p. 215).

Para Gaskell (2007, p. 65), “a compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa”. A entrevista é um momento onde podemos oportunizar as idosas a falarem sobre si mesmas trazendo oportunidades para a ressignificação das suas experiências e uma transformação a nível pessoal.

Concordamos com Thompson (2002) que a entrevista se constitui num instrumento onde o registro subjetivo demonstra como uma pessoa olha o seu passado ou parte dele e que não existe entrevista completamente livre. Estabelece-se, de início, um contexto social, o objetivo deve ser explicitado e pelo menos uma pergunta inicial. A partir de tais elementos, juntamente com os pressupostos não expressos, cria expectativas que moldam o discurso do entrevistado.

As entrevistas individuais com as idosas tiveram o propósito de conhecer a sua trajetória de vida para, a partir daí, entender como se deu o envelhecer e quais fatores contribuíram para o discurso produzido sobre este processo. A participação das idosas foi voluntária e as mesmas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (vide Anexo 1).

O TCLE, redigido em linguagem simples e acessível, incluiu informações sobre: justificativa, objetivos e procedimentos utilizados na pesquisa; os desconfortos, os riscos possíveis e os benefícios esperados; a garantia de esclarecimentos das dúvidas das idosas antes e durante o curso da pesquisa; a liberdade das idosas para recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa sem penalidade alguma e sem prejuízo ao seu cuidado; o esclarecimento de que não teriam nenhum gasto com sua participação e que não receberiam nenhum valor para participarem da pesquisa e a garantia do sigilo, assegurando a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. O termo foi lido e explicado para as idosas pela própria pesquisadora. Após a compreensão e o aceite das mesmas iniciaram-se as atividades.

A realização das entrevistas deu-se no local escolhido pelas idosas. A pergunta disparadora da entrevista foi: “o que é envelhecer?”. Acrescentamos que durante a entrevista, outras perguntas foram tratadas, tendo em vista alguns temas apontados pelas idosas na primeira reunião com o grupo e pelos autores da literatura científica definidos anteriormente: **corpo/saúde/sexualidade; família, casamento, criação de filhos e netos; profissão/tarefas de cuidar; religião; modos de vida antigos e atuais; planos futuros e grupo.**

Portanto, não tínhamos um roteiro de perguntas pré-estabelecido, mas tínhamos os temas que iríamos abordar nas entrevistas a partir do discurso produzido pelas idosas.

Orlandi (2001) ressalta a responsabilidade do pesquisador com a pergunta que organiza a sua relação com o discurso, levando-o à construção do seu dispositivo analítico, optando pela mobilização desses ou daqueles conceitos, esse ou aquele procedimento, com os quais ele se compromete na resolução da questão. Portanto, sua prática de leitura, seu trabalho com a interpretação, tem a forma de seu dispositivo analítico.

3.4. As Oficinas

Conforme já dissemos, priorizamos também outra técnica de coleta de dados: as oficinas de intervenção psicossocial⁶ (Afonso, 2000). As oficinas foram utilizadas para a efetivação da dupla dimensão da pesquisa-ação: a construção de conhecimento e a ação participativa em vistas de transformação. Além disso, observamos a eficácia do método para o desenvolvimento da pesquisa (Nascimento, 2003).

⁶ Anteriormente nomeada pela autora de Oficinas Psicossociais em Dinâmica de Grupo.

A Oficina de Intervenção Psicossocial é um método de intervenção baseado nas teorias de grupo e no contexto sociocultural. Segundo Afonso (2000, p. 10), “na esteira do ‘grupo operativo’ e do ‘círculo de cultura’, a Oficina pretende realizar um trabalho de elaboração sobre a interrelação entre cultura e subjetividade”.

Essa técnica para intervenção em grupos reúne autores importantes para a sua constituição. Na área da Psicologia temos, principalmente, as contribuições de Pichón-Rivière, Freud, Bion, Lewin e Foulkes; na área educacional, temos grandes ensinamentos de Paulo Freire. Destacaremos a seguir as contribuições de Pichón-Rivière e Paulo Freire para a compreensão do processo grupal e da aprendizagem.

Na teoria de Enrique Pichon-Rivière, chamamos grupo operativo todo grupo no qual a explicitação da tarefa e a participação, através dela, permite não só sua compreensão, mas também, sua execução. O grupo pode ser visualizado em dois planos: o da temática, extensão de temas que constituirão a armação da tarefa; e o da dinâmica, no qual a interrelação evidenciará o sentir que mobiliza a temática (Baremlitt, 1986).

Pichon-Rivière (1991) define grupo como um conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõem explícita ou implicitamente uma tarefa que constitui sua finalidade. Neste processo, o indivíduo é visto como um resultado dinâmico no interjogo estabelecido entre o sujeito e os objetos internos ou externos e sua interação dialética, através de uma estrutura dinâmica que Pichon-Rivière denomina de vínculo, definido como “uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua interrelação com processos de comunicação e aprendizagem” (p. 184).

A partir daí e do processo de interação grupal surgem as fantasias básicas universais do grupo, que, segundo Pichon-Rivière (1991), bloqueiam a atividade grupal no momento da pré-tarefa, determinando a utilização de técnicas defensivas a partir da presença dos medos básicos, ansiedade de perda e ataques que estruturam o que se denomina resistência à mudança. É no momento da tarefa que acontece a abordagem, a elaboração das ansiedades e que se efetua um salto por somação quantitativa de conflitos, através do qual se personifica e se estabelece uma relação com o outro.

O grupo aparece com uma percepção global dos elementos em jogo, com possibilidade de instrumentalizá-los por meio de um contato com a realidade na qual é possível sua colocação como sujeito ativo e com poder de intervir nas situações, provocando transformações. A idéia de projeto ou produto são aquelas estratégias e táticas

para produzir uma mudança, que, por sua vez, voltariam a modificar o sujeito com o qual o processo se põe outra vez em marcha.

Todo esse processo implica mudanças e, diante da mesma, surgem os medos. O medo da perda, ou seja, medo de que o indivíduo perca o que já possui, leva à ansiedade depressiva e ao medo do ataque, no qual sente temor frente a algo desconhecido, o que leva à ansiedade paranoica.

A técnica de grupo operativo centra-se na mobilização de estruturas estereotipadas e das dificuldades de aprendizagem e comunicação decorrente por essas ansiedades e caracteriza-se por estar centrada, de forma explícita, em uma tarefa, sendo que junto a esta tarefa há outra implícita que aponta para a ruptura, significando um obstáculo frente a toda e qualquer situação de progresso ou mudança (Pichón-Rivière, 1991).

Pichon-Rivière (1991) estruturou um esquema de avaliação do processo grupal por meio de vetores conhecido como Cone Invertido. Segundo o autor, “esses vetores se fundamentam na percepção no interior do grupo. A partir da análise interrelacionada destes vetores se chega a uma avaliação da tarefa que o grupo realiza” (p. 195).

Para Pichon-Rivière (1991, p. 197),

A aprendizagem está ligada tanto a sua teoria de regressão e da fixação libidinal, como também por consequência a suas idéias sobre transferência. O indivíduo nos momentos de intensa resistência à mudança, voltaria regressivamente mais que a comportamentos próprios da etapa libidinal onde está predominantemente fixado, a repetir atitudes mal aprendidas que dificultaram sua passagem a uma etapa posterior. Assim, substituir o conceito de instinto pelo de necessidade não satisfeita. A repetição seria provocada por dificuldades na aprendizagem e na comunicação, não permitindo assim a elaboração de uma estratégia adequada em seu devido momento. Assim, a transferência, mais que uma simples repetição, seria colocação em jogo de estratégias e táticas mal aprendidas, com a intenção de poder corrigir as dificuldades ou os obstáculos (epistemológicos ou epistemofílicos) que puderam ser encontrados daquela vez. A aprendizagem operativa no grupo, através de tarefas, permite novas abordagens ao objeto e o esclarecimento dos fantasmas que impedem sua penetração, permitindo a operação grupal.

Diante da apresentação da teoria de Pichon-Rivière, podemos reafirmar que o grupo pode ser um espaço, um momento importante para a aprendizagem de seus membros, a partir desta condição em que eles conseguem superar a pré-tarefa e seus medos e ansiedades.

Outro teórico que muito contribuiu para o arcabouço teórico das Oficinas foi Paulo Reglus Neves Freire, educador e filósofo brasileiro, que destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência. As contribuições de Paulo Freire levam o educador à consciência de si enquanto ser histórico que continuamente se educa, num movimento dialético com o

mundo que o cerca. Não é por acaso que as idéias de Freire se articulam com os interesses na formação do educador, pois não se perde de vista o caráter histórico do homem associado sempre à prática social (Freire, 1980).

Paulo Freire (1980) refere-se à teoria como um contemplar que tem um significado de ver. De fato, contemplar é uma expressão que, apesar de carregada de conteúdo místico, tem profundo sentido pedagógico, ao fazer desse contemplar a cultura, o sujeito da educação, o fenômeno educativo e principalmente o homem e a sociedade, um passo fundamental do fazer pedagógico. Ou seja, na compreensão de Freire, a teoria é um princípio de inserção do homem na realidade como ser que existe nela, existindo a sua própria concepção da vida social e política.

O método de Freire garante a inserção do homem na realidade. Este autor nos deixa claro que o método é sempre uma reflexão que se faz do concreto, isto é, deve-se partir sempre da experiência do homem com a realidade na qual está inserido, cumprindo também a função de analisar e refletir essa realidade no sentido de pegar para ele um caráter crítico sobre ela. Esse caráter de transformação tem uma razão de ser, pois provém, antes de tudo, da sua vivência pessoal e íntima numa realidade contrastante e opressora, influenciando fortemente as suas idéias (Freire, 2003).

O método freiriano refere-se à relação subjetividade-objetividade. Para ele, é necessário não só conhecer o mundo, mas é preciso transformá-lo. Isto é significativo, visto que o conhecer não é um ato passivo frente ao mundo, é antes de tudo conscientizar, envolver o indivíduo. Isso pressupõe que a educação do sujeito está sempre mediada pelo mundo, então a prática não pode se limitar à leitura descontextualizada do mundo, ao contrário, o indivíduo vincula na busca de ser, estar e agir no mundo, num processo em que o indivíduo apropria-se da prática dando sentido à teoria. Assim expressa Freire (2003, p. 149): “a práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

O pensamento pedagógico de Freire aponta para a comunicação como princípio que transforma o homem em sujeito de sua própria história, através de uma relação dialética vivida na sua inserção na natureza e na cultura, diferenciando-o dos outros animais. Este processo de integração interativa é significativo quando vinculado ao diálogo, levando o sujeito a novos níveis de consciência e a novas formas de agir.

Observa-se que a comunicação possui um caráter problematizador que gera consciência crítica e, através do diálogo, busca-se o compromisso de transformação da

realidade. Sendo assim, todo ato pedagógico para Freire é um ato político e a comunicação é uma relação social, uma prática social transformadora e eminentemente política.

Retomando as Oficinas de Intervenção Psicossociais, sabemos das suas aplicações a situações diversas a partir de um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar em um contexto social. As Oficinas possuem as dimensões terapêutica e pedagógica e possibilitam uma elaboração do conhecimento desenvolvido sobre o mundo e do sujeito no mundo, portanto, sobre si mesmo. Segundo Afonso (2000, p. 9),

a Oficina pode ser útil na área da saúde, educação e ações comunitárias. Ela usa informação e reflexão, mas se distingue de um projeto apenas pedagógico, porque trabalha também com os significados afetivos e as vivências relacionadas ao tema a ser discutido. E, embora deslanche um processo de elaboração da experiência que envolve emoções e revivências, a Oficina também se diferencia de um grupo de terapia, uma vez que se limita a um foco e não pretende a análise psíquica profunda de seus participantes.

Para a construção das Oficinas, Afonso propõe os seguintes passos:

- O tema e a análise da demanda;
- Atenção ao foco e temas geradores;
- Necessidade de enquadrar;
- Planejamento flexível;
- Sequência e organização dos encontros;
- Recurso e técnicas de dinamização do grupo.

De acordo com Afonso (2000), o ponto mais complexo na psicologia social é a análise da demanda, pois é o processo pelo qual o pesquisador faz o primeiro contato com o grupo, para definir como será o trabalho realizado. Mesmo que a demanda diferencie da proposta inicial, ao longo da intervenção é preciso rever o vínculo com a proposta inicial e tentar definir o que continua justificando o trabalho. É através da proposta inicial que se define o foco do trabalho, os grupos-clientes, enfim, o fio condutor para o processo.

As demandas nem sempre aparecem com a proposta feita pelo grupo. Com isso, o profissional necessita fazer uma análise de necessidades do grupo que devem ser traduzidas com a realidade social do grupo em questão.

De acordo com Afonso (2000) a Oficina é proposta pelo profissional a partir de uma interpretação da demanda do grupo. A participação do grupo é voluntária, respeitando sempre o seu desejo e a sua privacidade, condições importantes para a discussão sobre a demanda e para uma apropriação do trabalho pelo grupo.

A partir da demanda é feita uma pré-análise das questões a serem abordadas nas Oficinas, nas quais será realizado um levantamento de dados e aspectos importantes, que poderão ser imprescindíveis para o trabalho. Além disso, o grupo deve aceitar a realização das Oficinas. Na pré-análise, o coordenador deve se inteirar dos problemas a serem discutidos, para assim fazer uma análise psicossocial dos problemas enfocados e orientar a escolha dos subtemas e focos a serem discutidos nas Oficinas (Afonso, 2000).

Essa reflexão não intenciona um ‘programa’ rígido para o grupo e sim qualificar o coordenador para o seu encontro com o grupo e desenvolvimento do trabalho. A pré-análise possibilita, a partir do tema escolhido, o levantamento de ‘temas geradores’, que poderão ser abordados no grupo, sempre respeitando e consultando os participantes. (Afonso, 2000, p. 33).

Para a realização das Oficinas é necessário um tema central, o foco, no qual o trabalho será deslançado. Após a pré-análise, surgirão temas geradores que serão trabalhados durante a realização das Oficinas. Os temas geradores devem estar relacionados com o cotidiano do grupo e deve ser apresentado de forma clara, para um bom entendimento do grupo.

Afonso (2000) compara os temas geradores com as palavras geradoras de Paulo Freire. Os temas estão relacionados aos seus conflitos cotidianos, possibilitando a troca de experiência e a participação de todos os membros do grupo.

As Oficinas são realizadas dentro de um prazo estipulado. Afonso (2000) sugere que haja um ‘enquadre’, no qual é selecionado o número e o tipo de participantes, os contextos que serão abordados, o local, os recursos que serão utilizados, o número de encontros que teremos, ou seja, uma estruturação do trabalho a ser realizado.

A Oficina delimita-se como um tipo de grupo operativo, pois há uma tarefa externa que constitui o foco, no qual define-se o eixo do trabalho, e o enquadre decidido, que permite e limita o trabalho. O coordenador e o grupo não devem se dispersar do foco da Oficina, para, assim, trabalharem a relação das tarefas internas e tarefas externas, possibilitando e limitando o contexto trabalhado.

Afonso (2000) ressalta que a tarefa interna busca tornar consciente elementos inconscientes, além da reestruturação da personalidade, a elaboração dos conflitos básicos, entre outros, visando assim buscar a conscientização dos problemas, um *insight* sobre os conflitos psíquicos, elevando a autoestima e promovendo uma melhoria sintomática.

Em outro momento das Oficinas é necessário planejar cada encontro realizado, detalhando passo a passo do encontro à medida que ele vai acontecendo. O planejamento

resulta da forma de como irá ser explanado o foco, direcionando as discussões dos temas geradores. Este planejamento é um planejamento flexível, ou seja, o coordenador prepara as ações e estratégias para desenvolver as Oficinas, mas tem que estar ciente de que pode haver mudanças no planejamento inicial no decorrer do encontro (Afonso, 2000).

A cada encontro o coordenador deve rever seu planejamento de acordo com o interesse do grupo trabalhado. É importante definir com o grupo combinações necessárias e regras para um bom êxito da Oficina e deixar bem claro que tudo que for discutido no grupo não pode ser comentado fora sem a permissão do mesmo, ou seja, o sigilo é imprescindível. Os encontros são estruturados em três momentos: o primeiro é um momento de descontração, no qual o grupo interage através de conversas informais, brincadeiras, etc. O segundo momento é constituído por reflexões e atividades variadas relacionadas ao tema do encontro. No terceiro momento é feita uma avaliação sobre o desenvolvimento das reflexões e o crescimento que o grupo obteve com o encontro.

É importante que o coordenador pense sobre as dimensões pedagógicas e psicológicas envolvidas e reflita sobre suas técnicas de trabalho, para que facilite a participação dos integrantes do grupo. A metodologia utilizada deve seguir uma sequência, onde se inicia por uma sensibilização e busca a elaboração dos trabalhos realizados.

A partir desse referencial, visamos contribuir para a reflexão sobre o processo de envelhecimento das idosas, sobre a sua própria experiência em relação a temáticas relacionadas ao envelhecimento. Pretendemos, ainda, fazer desse momento uma condição para a ressignificação do passado, condição essa, *a priori*, também desejada nas entrevistas. Para isso, disponibilizamos dinâmicas, jogos e técnicas que favoreceram o despertar/vivenciar da memória que se relacionam aos temas explorados nas entrevistas das idosas.

Para Afonso (2000) é imprescindível que o processo de desconstrução e reconstrução das narrativas considere a congruência entre passado, presente e futuro; problematize as situações atuais vividas pelos participantes e sua perspectiva de mudança e permita a elaboração entre história individual e coletiva no desenvolvimento do processo grupal.

Diante da teoria exposta, descreveremos a organização das dezesseis Oficinas realizadas para a nossa pesquisa, no período de abril a outubro de 2010, momento em que abordamos as temáticas, já mencionadas anteriormente em relação à entrevista, e que foram

selecionadas a partir da literatura sobre a velhice, do levantamento de demandas do grupo e dos recortes das entrevistas individuais (Paiva, Silva & Vieira-Silva, 2011a, 2011b).

Todos os encontros foram filmados com a permissão das idosas e, posteriormente os DVD's foram transcritos e cotados, permitindo o registro das cenas e ações desenvolvidas, sua duração e participantes. Faz-se importante ressaltar que, para a realização das observações e das oficinas no grupo, foi apresentado outro Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o conhecimento e autorização de todas as integrantes (vide Anexo 2).

Segue abaixo o quadro com os temas trabalhados em cada oficina. Os temas foram abordados respeitando a dinâmica grupal em relação à demanda estabelecida, portanto, não seguimos uma lógica de apresentação dos temas de maneira invariável e fixa.

Quadro 1 – Temas dos encontros

ENCONTRO	TEMA	DURAÇÃO
1º	Discussão sobre os temas escolhidos pelo grupo. Contrato grupal.	60'30''
2º	Corpo	75'00''
3º	Família	60'00''
4º	Religião	60'00''
5º	Grupo	60'34''
6º	Grupo	60'88''
7º	Modos de vida	60'89''
8º	Saúde	72'05''
9º	Amizade	78'97''
10º	Netos	60'35''
11º	Sofrimentos passados	60'39''
12º	Sexualidade	74'56''

13°	Fatos de vida – poemas de Cora Coralina	60'58''
14°	Fatos de vida – poemas de Cora Coralina	81'28''
15°	Planos futuros	60'47''
16°	Avaliação das oficinas	82'96''

O planejamento das oficinas foi feito seguindo a teoria de Afonso (2000). No primeiro encontro, nos dedicamos a fazer o contrato grupal, o enquadre e a definição do foco e dos temas para dar prosseguimento às demais oficinas. Os temas trabalhados tiveram uma referência temporal: passado, presente e futuro, analisados na trajetória de vida/identitária das idosas (Brandão & Mercadante, 2009).

3.5. Análise de dados

Após a transcrição de todo o material das entrevistas e da cotação das cenas dos DVD's das Oficinas, escolhemos a técnica de análise do discurso na perspectiva de Eni Orlandi para analisar os dados produzidos.

Segundo Orlandi (2001, p. 15) o discurso “é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando”. Para esta autora,

A análise de discurso trabalha com a língua no mundo, com as maneiras de significar, com os homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (Orlandi, 2001, p. 16).

Orlandi (2001) expõe que a forma histórica de um sujeito, assim como a ideologia da sociedade em que vive, pode alterar sua percepção sobre determinados discursos. Por esse motivo, consideramos importante caracterizar, como o fizemos anteriormente, o contexto social e temporal em que vivem as idosas e o grupo.

Salientamos ainda, baseando-nos nesta autora, que as condições de produção de um determinado discurso compreendem os sujeitos, a situação e a memória. Os sujeitos nada mais são do que os produtores desse discurso, influenciados sempre pela exterioridade na sua relação com os sentidos. A situação se refere ao contexto, imediato ou amplo, levando sempre em consideração o momento histórico e a ideologia que estavam sendo

vivenciadas na época da produção. A memória é o que sustenta os dizeres desse discurso, tudo o que já se disse sobre o assunto tratado (Orlandi, 2001).

A análise de discurso visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando, assim, os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real sentido. Por isso, na nossa pesquisa iremos analisar também os ambientes e as fotos trazidas pelas senhoras.

Vale ressaltarmos que para nós é importante, diante das entrevistas e das oficinas, lembrarmos sempre do “lugar” que ocupamos para as idosas em virtude da nossa profissão, que remete à possibilidade de fazer destes encontros um momento de ressignificação.

Para a realização da análise do discurso, elaboramos o *corpus*, construído a partir dos relatórios das observações, do diário de campo, da transcrição da gravação das entrevistas individuais e da cotação das cenas dos dezesseis encontros de oficinas de intervenção psicossociais filmados.

O primeiro passo para a análise de discurso foi o levantamento dos elementos do contexto de produção como o papel social do produtor e interlocutor, lugar social, momento da produção que já começamos a descrever anteriormente. Feito isso, o próximo passo, indicado por Orlandi (2001), é o trabalho com o esquecimento, o silêncio, as paráfrases, polissemias, metáforas e a relação dizer/não dizer. Neste último, deve-se construir uma nova versão do objeto de análise, dizendo de outra forma o que é dito, para demonstrar que, ao contrário do que parece, o dizer sempre pode ser dito de outro modo sem alterar sua definição semântica, alterando somente a forma como significa dentro do discurso. Sendo assim, ao ouvir as transcrições das entrevistas, propusemo-nos a ‘escutar’ o silêncio dos sujeitos em situações de entrevistas ou de oficinas, inclusive marcando-os nas transcrições e observando qual é o seu significado para o sujeito: reflexões, resistências, emoções, contradições, dentre outros.

Diante do *corpus*, demarcamos os pontos de referência relativos às regularidades e proximidades, bem como as variabilidades, negatividades, contradições, oposições, acasos e dispersões presentes nos enunciados tomados para análise. Após isso, identificamos as relações do discurso com formações discursivas que estejam agindo sobre ele, e assim o relacionamos à ideologia do sujeito para, enfim, podermos chegar às conclusões a partir dos sentidos de discurso já realizados, imaginados ou possíveis.

Analizamos também as implicações (interferências na produção das falas) ocasionadas pela entrevistadora e pela situação de entrevista, além dos ganhos que as entrevistadas estavam obtendo com a concessão da mesma.

Segundo Caregnato e Mutti (2006, pp. 680-681), pode-se afirmar que:

o *corpus* da AD [análise do discurso] é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de idéias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando 'pistas' do sentido que o sujeito pretende dar. Portanto, na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente; o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes.

Como o *corpus* e a análise estão intimamente ligados, fez-se necessário um constante ir-e-vir entre teoria, corpus e análise.

Faz-se importante ressaltar que, no momento da análise, na interpretação dos dados, o analista não faz uma leitura neutra pois ele também é influenciado pelo seu afeto, sua posição, suas crenças, suas experiências e vivências. Sendo assim, a interpretação nunca será única ou absoluta (Caregnato & Mutti, 2006).

Ao finalizar o processo, pudemos enfim tratar os dados coletados e analisarmos os sentidos do envelhecer para as idosas do grupo investigado a partir das articulações das suas memórias e identidades.

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS

Retomamos, neste capítulo, os temas trabalhados nas entrevistas individuais com as idosas e nas oficinas realizadas com o grupo Florescer. A partir da pergunta: “quais são os sentidos do envelhecer?”, uma multiplicidade de significantes perpassaram os discursos das idosas. Cada lembrança, uma memória; cada fato, uma constatação; cada palavra, (re)definições de identidades. Na escrita deste capítulo apontamos para a dinâmica própria do trabalho grupal que justifica o constante ir e vir dos discursos produzidos nas entrevistas e nas oficinas.

Ao tratamos sobre o tema **corpo** nas Oficinas e entrevistas individuais, destacamos nos discursos das idosas os marcadores **feíura, doença e declínio de condições físicas, sexuais e mentais**.

Brandão e Mercadante (2009) concordam com Barros (2007) quanto à estigmatização da velhice:

As reflexões sobre o envelhecimento têm, usualmente, um tom predominantemente pessimista. As doenças, a solidão, a decrepitude, a pobreza e a proximidade da morte foram foco do discurso geriátrico, e também gerontológico, durante muitos anos. E apesar dos inúmeros ganhos e novas perspectivas de um envelhecimento digno, ainda hoje há essa abordagem pessimista, aliada a uma ‘coisificação’ ou infantilização no trato com o idoso. (Brandão & Mercadante, 2009, p. 24).

Diante do tom pessimista em torno da velhice, o espelho torna-se um objeto repugnado. “Espelho, espelho meu... existe alguém mais jovem do que eu?”. É ele que denuncia, desvela e mostra a face da velhice em contradição com o que desejam as idosas: não se verem velhas (Beauvoir, 1990) – principalmente porque tradicionalmente foram cobradas das mulheres juventude e beleza, contenção e disciplina (Britto da Motta, 2007).

Esta condição foi colocada no grupo por algumas idosas na Oficina de 15 de abril de 2010, quando tratávamos sobre o tema **corpo**. Nesta oficina, as idosas levaram fotos dos tempos da infância, adolescência e idade adulta. Elas mostravam as fotos umas para as outras e comentavam sobre os traços, as roupas e os eventos de outrora. Muitas constatações sobre as mudanças do corpo e as dificuldades de lidar com a sua imagem, a pouca resistência física foram discutidas nesta oficina.

Em um momento posterior, na Oficina de 02 de setembro de 2009, quando trabalhamos os poemas de Cora Coralina e o poema criado pelas idosas sobre o envelhecer, Dona Vera admitiu:

eu não me considero velha, eu já quebrei todos os espelhos da minha casa, porque se **você** olhar no espelho, **você** se lembra [que é velha]. Então, eu já me acostumei a maquiagem sem olhar no espelho, a pentear cabelo [sem se ver no espelho] (...). (...) hoje, se eu não encarar o espelho, eu esqueço que eu tenho 60. (grifos nossos).

Nota-se a dificuldade de Dona Vera assumir para si a condição de ser velha não apenas pela negação em olhar-se no espelho como também pelo uso do pronome pessoal, ‘você’, ao invés de referir-se a si mesma na primeira pessoa do singular, ‘eu’: *porque se eu olhar no espelho, eu me lembro [que sou velha]*. Segundo Pollak (1992), devemos analisar o estilo e o emprego dos pronomes pessoais utilizados para falar de si mesmo. O ‘eu’ para falar de ‘si’, o ‘nós’ para falar do grupo e o ‘você’ no sentido de distanciamento.

Dona Francisca também afirma que não se sente com 75 anos, ela diz que se não olhar no espelho, ela não acredita na idade que tem.

Dona Gardênia, comemorando os seus “7.1” anos (leia-se sete ponto um e não setenta e um, como ela mesma fez questão de frisar), disse que se sentiu envelhecendo quando, aos seus 50 anos, a filha fez um bolo de aniversário e ela disse que já tinha vivido meio século e que, como os pais, morreria cedo. No momento estava surpresa, pois já tinha neto de 15 anos e já era bisavó.

Já Dona Camélia envaideceu-se:

É como dizem, né? é uma coisa para o meu ego me faz bem também acho que é por isso ninguém acha que eu tenho 71 anos. Falam que eu tenho, que eu pareço ter 50. Então, isso pra mim já é uma coisa muito boa, né? Quem não gosta? Qual é a mulher que não gosta, né? [de] aparentar menos idade?

Em contrapartida, Dona Ruth disse que tem 74 anos e que não se sente bem com a idade, porque em alguns momentos sente que:

não tô valendo nada, não aguento nada, mal de mim se não fosse ela ali [aponta para Dona Íris, uma amiga do grupo que a acolheu na sua casa].

Dona Rosalina expressa sua condição dizendo que tem 68 anos, mas gostaria de ser mais nova:

Eu tinha vontade de ser de ser **mais nova**, eu queria ter vinte anos, porque eu queria **fazer muito mais** do que eu fiz. Costurei 42 anos, ajudei muito **cuidar** dos meus irmãos do meu pai e minha mãe, fiz tudo por eles enquanto eles estavam aí, mas eu não fiz um terço pro meu pai e pra minha mãe do que eu estou fazendo hoje pra minha cunhada. (grifos nossos).

No depoimento de Dona Rosalina a juventude aparece associada com a condição de fazer mais, de produzir mais. O ato de cuidar da família e o sentimento de que ainda se podia **fazer muito mais** do que foi feito também é expresso neste depoimento.

Dona Lea, na Oficina de 15 de abril de 2010, cujo tema era o corpo, disse que já criou muitos filhos e se sente velha, pois já tem rugas e, por isso, não gosta de se olhar no espelho.

A tentativa de esconder as marcas do envelhecimento vai ao encontro dos novos apelos e discursos sobre o rejuvenescimento.

A imagem física do velho é igualmente desvalorizada. Numa sociedade que aposta na juventude e no seu prolongamento, ser velho é estar fora dela. Uma série de representações negativas acompanha a população que envelhece, avaliando-a pelos aspectos físicos, pela aparência do corpo: beleza, juventude e saúde aparecem como uma tríade quase inseparável nas representações sociais. O crescimento das ofertas no setor de cuidados com o corpo que vão da cosmética à cirurgia plástica, da suplementação alimentar às dietas e aos exercícios, prometem retardar o envelhecimento, isto é, os efeitos da passagem do tempo ou pelo menos algumas das suas marcas mais notórias. (Concone, 2005, p. 139).

Esta teoria apresentada pela autora pode ser confirmada nas observações dos aspectos físicos das idosas do grupo, pois a grande maioria utiliza de tintura para os cabelos e cosméticos para a face. Conforme as afirmações das senhoras Íris e Acácia,

A gente aprende, sabe que muda, mas a gente aprende também a conviver com as mudanças na vida da gente. As mudanças, os cabelos brancos, né? A gente **não nasceu com cabelos brancos**, né? Por isso eu pinto, tinjo os cabelos. (Dona Íris, grifo nosso).

(...) Eu tenho o cabelo todo branco, só que eu não gosto de cabelo branco eu quero mantê-lo todo pintado. Tenho condição, né? Dá pra gente fazer isso! (Dona Acácia).

Nota-se no discurso de Dona Íris o incômodo causado pelas mudanças próprias do envelhecer, afinal, o desenvolvimento do ser humano implica em modificar-se: cor do cabelo, textura da pele, massa muscular, dentre outras.

No dia 15 de abril de 2010, o grupo estava reunido para iniciarmos a oficina que se tratava do tema **corpo**. As idosas estavam eufóricas, pois tínhamos combinado que elas deveriam levar suas fotos em diferentes épocas da vida. Todas observavam umas às outras e comentavam sobre a beleza da juventude, o comprimento dos cabelos, o formato do corpo, as vestimentas da época que tornavam a mulher mais feminina (saias, vestidos) e a marca da maternidade no corpo.

É de Dona Acácia que surge o depoimento:

A mulher é como uma rosa, quando a rosa desabrocha é a mulher **desabrochando** na vida... é a **juventude**. Quando a rosa abre é a mulher se abrindo, é quando se tem os filhos. Ela se torna verdadeiramente mulher. Quando a rosa começa a **murchar**, significa que o **envelhecimento** está chegando... é assim que ela percebe seu envelhecimento. (grifos nossos).

Em seguida, Dona Acácia mostra para o grupo suas fotos em diferentes momentos da vida e diz saudosa: “tempos que não voltam mais”. A rosa desabrocha... é a juventude; a rosa murcha (e depois despetala), o corpo fica desfeito... é o envelhecimento. Neste depoimento de Dona Acácia, observamos que à juventude são atribuídas as condições mais belas e, à velhice, as condições mais deterioradas.

Muito se discutiu sobre a dificuldade de envelhecer e as perdas deste processo. Uma idosa visitante do grupo, Dona Cacilda, deu um depoimento muito angustiante sobre as diversas plásticas às quais se submeteu para tentar ‘recuperar’ a beleza perdida.

A beleza tratada neste momento trazia a imagem social dos padrões de beleza da sociedade: juventude e aparência jovial.

A maior parte das pessoas identifica uma pessoa mais velha pela aparência do corpo. Principalmente pelas rugas e cabelos brancos. Esses são atributos físicos dos mais velhos. Os menos velhos não deixam de ser velhos só porque não possuem cabelos brancos ou rugas. As mulheres que se submetem a cirurgias plásticas não deixam de ser velhas ou menos velhas só porque retiraram os ‘pés – de – galinhas’, ou diminuíram a profundidade do ‘alicate da face’, ou ainda minimizaram as linhas de expressão na testa. Elas continuaram velhas só que com outra roupa. (Monteiro, 2005, p. 71).

Em função do depoimento de Dona Cacilda, Dona Francisca, surpresa com os comentários feitos e em concordância com as afirmações de Monteiro (2005), afirmou: “a pior ruga não é no rosto, é na alma. E essa só Deus pode tirar” (Dona Francisca).

O grupo concordou com Dona Francisca e usaram outras condições para expressar a velhice que traziam o tom de negação: “não ficamos velhas, ficamos mais experientes”. A experiência de vida, que gera a sabedoria, uma das características positivas da idade madura, tira o foco do prisma das perdas e das marcas visíveis do corpo, mascarando-as (Beauvoir, 1990).

No encontro de 20 de maio apresentamos um DVD com fotos das idosas em um evento religioso na cidade de Barbacena. As idosas viam-se no vídeo e cochichavam. Dona Margarida disse que não gosta de ser fotografada, pois está velha e não é mais bonita. Neste momento, Dona Floripes tira da bolsa o seu documento de identidade e mostra sua fotografia quando era moça. Dona Margarida diz que Dona Floripes era bonita, pois tinha um cabelo grande, destacando uma característica da juventude.

Neste encontro, Dona Elza comentou que teve um encontro com suas amigas de colégio. Todas estudaram juntas há 50 anos. Elas tentaram se reconhecer nas fotos de adolescência e Dona Elza constatou as marcas do tempo em si mesma e cada uma delas.

Para Beauvoir (1990, pp. 363-364),

As pessoas nos vêem, cada uma à sua maneira, e nossa própria percepção certamente não coincide com nenhuma das outras. Todos concordam em reconhecer em nosso rosto o de uma pessoa idosa; mas para os que nos reencontraram depois de anos, esse rosto mudou, estragou-se; para os que nos são próximos, ele é sempre o nosso: a identidade sobrepuja as alterações; para os estranhos, é o rosto normal de um sexagenário, de uma septuagenária. E para nós? Interpretaremos nosso reflexo com bom ou mal humor, ou com indiferença, segundo nossa atitude global com relação à velhice.

As autoras Mercadante (2005) e Barros (2007) concordam que existem conceitos depreciativos sobre a velhice como a visão de um corpo imperfeito – “em declínio”, “enfraquecido”, “enrugado” –, o que se relaciona não apenas ao corpo, mas amplia para a constituição da personalidade e do papel social, econômico e cultural do idoso.

Em função disso, compreendemos o porquê de Dona Dolores, ao observar-se filmada em um dos encontros do grupo, diz:

Vou passar uma maquiagem para filmar eu e Wanderléia juntas, para eu ficar mais bonita e jovem. (Dona Dolores).

A maquiagem tem o sentido de não mostrar o que se é de fato, de encobrir sinais do envelhecimento, tido por Dona Dolores como sinal de feiúra. À maquiagem é dado o poder de recuperação da beleza da juventude que faz bem à autoestima e, sendo assim, a coloca numa posição social próxima à do mais jovem.

Além da beleza do corpo, são apontadas a falta de resistência física, a lentidão do raciocínio e a perda do ‘pique’ para diversas atividades:

Mas a gente muda as formas de corpo, de pele, de cabelo, né? Da alimentação (silêncio) até mesmo da alimentação, dentes, tudo é uma mudança muito (silêncio) muito radical na vida. **É lenta, mas é radical.** Eu estou passando pelo problema da menopausa, né? Então isso já foi um dos momentos que eu senti, né? A pele fica mais flácida, né? Não tem mais aquela textura que ela tinha... O cabelo... Tem outra coisa, até mesmo do próprio organismo a gente sente que você não tem mais a resistência pra fazer tudo da forma que você tinha, né? Da forma de pegar peso e tudo (silêncio) e do raciocínio. Às vezes você não tem condição de assimilar as coisas com tanta rapidez, né? Eu pelo menos procuro manter, mais a gente sabe que a dificuldade de você chegar aquele ponto, você tem mais rodeio até chegar lá. (Dona Acácia, grifo nosso).

Dona Íris concorda: “a gente adquire mais peso (...), muda também a resistência física, aquele pique”. E acrescenta:

Algumas coisas que a gente fazia há anos atrás a gente não faz mais. Eu dava aula o dia inteiro... de manhã e à tarde, cuidava dos filhos, da família. Realmente eu sinto que não dou conta se eu voltar a trabalhar, dar aula isso eu não dou conta mais, então isso que é a parte não muito boa do envelhecimento.

Segundo Barros (2006), a imagem negativa da velhice está associada a um declínio de vitalidade, porque já se ultrapassou o ponto máximo da capacidade produtiva como trabalhador. Além disso, tem-se a perda gradual da condição de controle do corpo e da mente (Featherstone, 1994 citado por Barros, 2006, p. 122). “Os sinais negativos da velhice são denunciados pela perda paulatina ou abrupta destas formas de controle de si, exigindo o domínio do corpo e a vigilância constante da mente” (Barros, 2006, p. 121).

Dona Acácia ressalta outros aspectos, inclusive denunciados pelo espelho:

Então depois que eu vi essa mudança, a gente muda muito o corpo, né? O pé, até o próprio pé, uma coisa tão insignificante, mas é diferente ao passo que quando você ta mais jovem você consegue botar um salto, você pisa ali da forma (pausa) é leve, né. Hoje não, eu calço sempre eu não deixei de usar o salto nunca na minha vida, hoje eu calço, mas só que é diferente pra gente a maneira de você pisar, você não aguenta ficar muito tempo, né, você usa, mas não é a mesma coisa. A barriga coisa que eu nunca tive, hoje eu tenho uma barriga, por mais que eu faça as dietas, procuro fazer um exercício a gente sente que isso aí também é outra mudança, a pele você mexe o braço vê que é diferente, a pele da mão é diferente, né? A resistência (pausa) do organismo mesmo já não é mais (...). Tem a curvatura do corpo, que a gente sente, né? **Você vai começando a ver no espelho** as suas costas já dá (silêncio) aquela lombada e você, não é pela sua postura não, é pela... pela idade mesmo, vem chegando e a gente tem que aceitar, né? (Dona Acácia, grifo nosso).

O corpo marca a passagem do tempo. Todo o tempo está marcado no corpo. o reconhecimento das mudanças torna-se inevitável.

Por mais que tenhamos encontrado uma imagem mais ou menos convincente, mais ou menos satisfatória de nós mesmos, temos que viver essa velhice que somos incapazes de realizar. E, em primeiro lugar, vivemo-la no nosso corpo. Não é ele que nos vai revelá-la; mas, uma vez que sabemos que a velhice o habita, o corpo nos inquieta. A indiferença das pessoas idosas para com a saúde é mais aparente que real; se prestarmos mais atenção, é ansiedade que descobrimos nela. (Beauvoir, 1990, p. 369).

A **saúde** é uma a fonte de preocupação expressa nos discursos das idosas: problemas mais graves, envolvendo cirurgias de alto risco, como as cardíacas, isquemias, paralisia dos membros inferiores e outros menos graves que indicam uma condição adquirida durante anos de trabalho.

Segundo Dona Francisca, “o que adianta ficar com o corpo bonito se tem que tomar muitos remédios?”. A saúde é vista como uma compensação em relação ao corpo que não é mais bonito. Este mecanismo traz um alívio para tantas perdas: pode até sentir-se feia, mas saudável.

Na Oficina do dia 08 de julho, diante de reflexões sobre algumas visitas das participantes do grupo feitas a idosos doentes e dependentes que moravam nas suas residências ou em abrigos, as idosas que realizaram suas visitas retornaram ao grupo relatando tristeza e a condição de não mais voltar no asilo ou a visitar alguma pessoa depressiva. Dona Francisca comentou que tinha muito o que agradecer pela sua liberdade de poder ir e vir sem depender de alguém. Dona Dalva ressaltou que elas podem comer no momento que querem e isso não acontece no abrigo. No discurso das idosas aparece a preocupação com a dependência de outras pessoas em função do adoecimento: “envelhecer não é triste, mas envelhecer doente é muito triste” (Dona Francisca).

Neste momento surge o temor de algumas idosas sobre a possibilidade de um dia ter que estar em um abrigo e de ficarem **dependentes** de alguém para qualquer situação. Dona Vera concorda:

Eu acho assim que deve ser ruim quando a pessoa adoce e fica dependente pra tudo, porque sendo uma pessoa como nós, independente, a gente faz tudo que um jovem faz, nem tudo aguenta, mas a gente procura fazer na medida do possível tudo o que se pode fazer, passeia, viaja, diverte, dança, bebe...

Dona Rosalina diz que:

a pior coisa que existe no envelhecer é ficar dependente de outros, **precisar de alguém te olhar** e tudo... pior coisa é isso. As dores, a gente vai se virando, hoje tá doendo em algum lugar, amanhã, você sai vai passear... (grifo nosso).

O depoimento de Dona Vera traz implícito, além da condição de dependência das pessoas quando se está com a saúde debilitada, a dependência do olhar do outro para si mesma: o olhar de (re)aprovação de si mesma quando idosa.

As senhoras Francisca, Elza, Camélia, Íris e Gardênia deram detalhados relatos na Oficina sobre a sua recuperação da saúde. Elas passaram por cirurgias de alto risco e percebemos como a fé em um Deus foi um fator determinante para a sua recuperação.

Em casos que indicam uma condição adquirida pela forma de vida levada, temos o testemunho de Dona Rosalina: “eu sinto assim, dores, problemas na coluna. A gente chega realmente num ponto que todo mundo dá um problema de saúde mesmo”.

É interessante notar que a maioria das idosas queixa-se de dores em diferentes regiões do corpo. Para Gatto (1996), por detrás desta dor física parece haver a dor do desconhecido, do alheio e da perda da identidade corporal. A autora comenta que a não consciência corporal se torna tão marcante desde a juventude que, na velhice, as pessoas prestam atenção no corpo apenas quando ele dói.

No lado oposto a esta condição, quando pensamos que a saúde envolve também a **sexualidade**, existe um alheamento ao corpo-prazer. Nas falas das idosas percebemos que, em alguns momentos, a sexualidade limita-se a uma performance sexual e a uma condição quantitativa do ‘fazer sexo’ e não à qualidade do encontro, o enamoramento, o flerte e o companheirismo.

Ribeiro (1996) afirma que a sexualidade é a maneira como uma pessoa expressa e vivencia o ‘ser mulher’ ou o ‘ser homem’. Como a mulher absorveu o papel de ‘objeto do desejo’, ela atrai e excita-se quando se sente desejada. Por isso, é importante a mulher gostar de si e conhecer seu corpo e suas reações. Na pós-menopausa, a mulher tem a sua autoestima ameaçada ao comparar-se com jovens que trazem um corpo definido pelo que é socialmente esperado:

vai caindo, né? Ficando assim... mais pelancudo, né? Vai ficando mais desfeito, né? Assim, mais cheio de gordura, engorda, porque eu era magrinha quando eu era solteira. Eu era bonitinha, novinha, com cabelo comprido, lindo, loiro, ta lá pra quem quiser ver. Mais **agora** a gente vai, parece que desleixa um bucadinho, né? (silêncio). O outro [o marido] de vez em quando ele cobra da relação [sexual] porque a gente vai ficando velha, parece que eles vai sentindo que não ta mais aquela coisa, igual **antigamente** no princípio, né? Tudo acaba, né? Porque a gente vai ficando um pouco velha, tem que aceitar a velhice um pouco, a gente vai ficando velha... vai mudando, né? (Dona Margarida, grifos nossos).

Dona Margarida ressalta a condição, no passado, da beleza da juventude e do vigor para a conquista do parceiro. Ao tornar-se idosa, nos tempos atuais, deixa-se de cuidar-se e fica pouco atraente.

Dona Hortência fez menção à comemoração de suas Bodas de Ouro com o esposo. Ela falou da não aceitação do marido em festejar este momento e Dona Francisca disse: “ah, mas tem comemoração que é a dois”. Dona Hortência responde: “nós não mexe com isso mais não”.

Posteriormente, na oficina de 19 de agosto, Dona Eva, no início da reunião, apresenta para o grupo um livro intitulado *O que se pode fazer sexualmente depois dos 80*. As idosas riem ao folhear o livro que tinha todas as páginas em branco. Dona Eva explica: “não se pode fazer mais nada”. E Dona Hortência se contradiz, dizendo: “eu ainda posso”.

Retomamos a discussão sobre o assunto do livro, sobre as suas páginas em branco que significavam a condição assexualizada da velhice. Manifestando-se contrariamente ao que foi exposto por Dona Eva, Dona Elza falou que na sua casa tem uma matéria em um jornal que fala de um casal de mais de 80 anos que ia se casar. O homem casou-se com outra pessoa e ficou viúvo. Então foi buscar a senhora que encontrou na sua adolescência.

Dona Hortência diz para Dona Eva: “então seu livro é mentiroso”. Ou seja, se uma pessoa casa-se aos 80 anos, é possível uma vida sexual com a parceira.

Dona Eva ri e diz que prova o que o livro trouxe de conclusão recitando o verso:

O homem, quando **envelhece**, tudo **escurece**, nada amanhece. Vocês já viram como é que é? A junta endurece, o cabelo embranquece ou desaparece, a pele envelhece. A **mulher pede** e ele agradece... **antes, ai se eu pudesse!** (grifos nossos).

Neste depoimento, Dona Eva coloca também em xeque a sexualidade masculina, atribuindo à velhice do homem a não *performance* sexual contraposta ao desejo feminino (a mulher pede). Então o livro é mentiroso?!

As idosas riem após esta declamação de Dona Eva e mudam os rumos das opiniões, expressando novas formas de afetividade. Dona Íris fala do casal de idosos que moram no abrigo e que namoram. Eles saem abraçados e de mãos dadas. Afirmou que é muito bonito ver os dois desta forma.

Dona Camélia disse que acha muito bonito um casal andar de mãos dadas, que ela tinha muita vontade de fazê-lo também, mas que não foi possível, pois seu marido tinha um temperamento muito difícil. Pontuamos para a mesma que ela pode viver estes desejos no momento presente. Ela disse que não sente mais nada e que os filhos a reprimem nas suas manifestações quanto à possibilidade de uma vida sexual ativa.

Dona Camélia fala que, se amasse uma pessoa, ela gostaria que a mesma andasse de mãos dadas, saísse, passeasse, ouvisse música, conversasse... mas depois, cada um para o seu lado, nada de sexo. Ela disse que tem trauma de sexo e que foi beijar seu marido depois do casamento. Ela disse ter sentido dor e vergonha na primeira semana de casada. Ela ficou viúva muito nova e não quis mais envolver-se com homem algum.

Dona Acácia diz para ela que a partir do momento que acontecer o carinho, o abraço, a conversa, vai ter um clima para sexo. Conforme afirma Ribeiro (1996, p. 126), “na pós-menopausa o que está em jogo é o poder de sedução da mulher, da capacidade de despertar o desejo dos homens e não a sua capacidade sexual”.

Mas Dona Camélia reafirma o ciúme dos filhos e o ato de vigilância deles sobre ela. Segundo Ribeiro (1996), os filhos desestimulam a sexualidade dos pais e, quando admitem que ela existe, o fazem como algo depreciativo, como sinal de segunda infância ou demência.

Para Beauvoir (1990), com relação à sexualidade do idoso, seria evidentemente absurdo supor que há simples regressão à sexualidade infantil:

Nunca, em nenhum plano, o velho ‘recai na infância’, uma vez que a infância se define por um movimento de ascensão. Por outro lado, a sexualidade infantil está à procura de si mesma. A do homem idoso conserva a lembrança do que foi, na maturidade do indivíduo. Enfim, os fatores sociais são radicalmente diferentes na primeira e na última idade. (p. 391).

Também concordamos com Ribeiro (1996), anteriormente citado, ao observarmos os relatos de Dona Camélia e de outras idosas do grupo sobre o tema **sexualidade**, que os fatores para a explicação das ‘anormalidades sexuais’ na fase da velhice referem-se, na mulher, a uma vida sexual inibida, rígida, condicionada e fonte de frustração. No homem, as dificuldades estão relacionadas com as alterações na capacidade de ereção. As dificuldades narradas pelas idosas entrevistadas sobre seus maridos estão relacionadas às dificuldades de ereção em função de adoecimento:

Eu não vou dizer que não tenho vontade [de fazer sexo]. Eu tenho vontade, mas eu não vou procurar homem não, o meu [marido] operou de próstata e não vira mais nada. Abraça, beija muito bem e vamos ficar nisso. (...) [meu marido] Pode até falar que eu tô arrumando homem na rua. Mas eu sou honesta. Arrumar homem pra quê? Que isso! Tô com 70 anos, não preciso destas coisas não. (Dona Hortência).

É... houve muitas mudanças, né? principalmente pelo fato dele ter adoecido, né? até sexualmente, né? falando, eu acho que é uma parte, não é a mais importante do casamento. (...) [mas] tenho necessidade [de fazer sexo] porque apesar de eu já ter a idade ter 55 anos, mas eu tenho todos os meus órgãos, né? todos assim todos funcionando bem, eu tive uma vida bem ativa, uma vida sexual ativa. (Dona Acácia).

Pelos relatos acima podemos notar as dificuldades de assumir que as doenças dos maridos são fatores que trazem um conflito interno para as idosas. Este conflito está configurado no desejo de querer expressar suas necessidades sexuais, mas ao mesmo tempo de ter que reprimi-las em função da não condição do marido para a realização deste desejo. Devemos lembrar que, socialmente, cabe ao homem desempenhar o papel ativo nas relações sexuais, expressando a sua masculinidade e, para ele, parece humilhante a situação de não conseguir tal realização.

Sendo assim, observamos que as mulheres abstêm-se da vida sexual e adotam um discurso de negação dos seus desejos apoiado por um discurso social que afirma que a mulher pode viver sem ter relações sexuais e não sentir falta de tal condição. Evidentemente, esta negação não se sustenta quando desenvolvemos um diálogo mais longo com estas mulheres, conforme mostramos acima.

Outro tema que abordamos foi sobre a **família**. Para Bosi (2003), na condição de buscar lembranças, as pessoas se guiam por sinais familiares no tempo e no espaço:

Dentro da biografia há alguns momentos privilegiados: o nascimento, as crises da juventude, a formatura, o casamento, a chegada ou a perda de pessoas amadas... E há espaços privilegiados: a casa da infância, os trajetos do bairro, recantos da cidade, lugares inseparáveis dos eventos que neles ocorreram. A cidade possui focos sugestivos que amparam nossa identidade, percepção e memória. Mas entre as travessias forçadas e os percursos imprevistos, existe a preciosa noção do caminho familiar, com marcos onde a significação da vida se concentra. (Bosi, 2003, p. 114).

Muitas lembranças de histórias vividas pelas idosas vieram à tona. Histórias que marcaram as suas trajetórias de vida (Brandão & Mercadante, 2009), que proporcionaram metamorfoses nas suas identidades (Ciampa, 1993).

Estas histórias vieram contextualizadas nos espaços onde viveram as idosas e suas famílias originárias, geralmente no espaço rural. Nos relatos, a família aparece associada ao **sofrimento** no que diz respeito a vários tipos de **privações** devido à falta de recursos e à família numerosa; ao **trabalho precoce** dos filhos, sacrificando a ida à escola como solução para a diminuição das necessidades da família, e ao **respeito** à ordem dada pelo pai ou mãe.

A quitanda dava pra semana inteira, que num tinha pão naquela época, era roça, a gente saía pra escola, comia um pedaço de angu mal passado assado na brasa, passava manteiga e um pedaço de queijo em cima e um copo de café com leite, **quando comia aquilo!** E ia pra escola (silêncio). Num tinha, só tinha quitanda que ela fazia (silêncio). Graças a Deus, eu tive uma infância boa, trabalhei muito quando era mocinha e até eu casar, trabalhei demais. Mesmo assim quando eu casei, eu fiquei morando uns tempo perto dela [mãe], pra ajudar ela, sabe? (Dona Hortência, grifo nosso).

(...) costurei muito, viu? 42 anos (...) nos tempos de família, a gente passou tudo junto e eu costurando, sempre costurando pra poder ajudar também. (Dona Rosalina).

Eu trabalhei muito, minha fia. E dei muito duro. De panhar mamona na roça, de tudo eu já trabalhei. E era nova, menina nova (silêncio) enquanto os outros tava estudando, eu tava bem ajudando o pai e a mãe. Tudo pra ajudar tratar dos outros. Eu sou a terceira mais velha, então toda a vida eu trabalhei pra ajudar minha mãe a cuidar dos meus irmãos. (Dona Margarida).

A infância (silêncio) foi difícil e ao mesmo tempo, não [foi]. Meus pais eram maravilhosos e criaram os filhos, né? Tive 8 irmãos, 6 mulheres e 2 homens. Meu pai morava em fazenda e criou as filharadas toda em fazenda, e como trabalhava em fazenda, os filhos (voz alta) também na medida em que vai crescendo tem que trabalhar pro fazendeiro também, e eu fui uma delas, né, fui uma delas que trabalhei muito (...). (Dona Gardênia).

O depoimento de Dona Acácia sobre o respeito (ou medo) pelos pais, representa a unanimidade das opiniões das idosas:

Eu nunca apanhei. Não sei o que é apanhar. Castigo sim (pausa). Os meus pais tinham a maneira de não ficar brigando muito com a gente, apenas olhar e depois dava os conselhos.

Na comemoração do dia das mães, em 06 de maio de 2010, Dona Gardênia, eleita a mãe do ano pelo grupo, cedeu-nos uma breve entrevista relatando que tentou educar os filhos de forma enérgica, assim como seus pais a criaram, e observa que hoje filhos e netos não têm o respeito que se tinha antigamente pelos pais.

A saída da filha do âmbito familiar originário e sua entrega ao **casamento** é um fato marcante nos discursos das idosas. A menina moça transforma-se na esposa, dona de casa e posteriormente, mãe de família. Metamorfoses. Para Barros (2007, p. 161),

A mulher está assim presa à família e a tudo que ela simboliza em termos de valores: o mito da mulher-mãe e da esposa submissa, voltada para o mundo interno da casa e cercada de uma série de qualificativos que definem um padrão ideal de mulher. Neste quadro em que ela é um elemento da hierarquia familiar, não há espaço para a mulher-indivíduo e não é aí que ela conseguirá um status enquanto indivíduo.

Quanto ao casamento, as histórias demonstram um jogo de sorte (graças a Deus!) ou azar de cada uma. **Amor, realização de um desejo versus decepções, violências físicas, traições e dificuldades com os maridos.** Os depoimentos abaixo ilustram duas histórias opostas, a de dona Magnólia, que se sente feliz pelo casamento realizado e a decepção de dona Camélia, que tem outra versão sobre o acontecimento.

[minhas irmãs diziam que] nenhuma delas seis teve a **sorte** que eu tive. Então eu falei, mas eu **agradeço muito a Deus** de ter cativado e a gente ter conseguido tudo junto, porque não vamos falar que o casamento é um mar de rosas, tem seus espinhos, mas basta você saber controlar e é o nosso caso, nós até hoje, conseguimos através do diálogo, da compreensão, se tem que ir, se não tá satisfeito com alguma coisa, vamos conversar, vamos ver o que que é, e assim também, nunca deitamos juntos sem conversar com o outro, primeiro nós temos que esclarecer o que que foi, porque que você fez aquilo, teve algum motivo, (silêncio) eu acho que não, então vamos ver que onde tá o erro pra poder corrigir, então **graças a Deus**, são 41 anos de casados. (Dona Magnólia, grifos nossos).

Então depois que nos casamos, o primeiro ano de casada, aí, a primeira noite, eu já **senti horrível**. Foi de uma vez, entendeu? Então, pra quem não estava acostumada, nem beijo, depois você ver tudo, eu já fiquei com trauma. Ainda eu falei: Meu Deus, pensei comigo, casamento é isso? se eu sei que era assim, eu não tinha casado não. Eu guardei isso comigo, né (...). Então, aí eu continuei na vivência de casamento. Foi né? sofrido assim. Eu comecei, assim, desabafar mais nas poesias, né? (...) Então ele [marido] dormia, debaixo do travesseiro dele, com um revólver e um canivete que ele tinha, então eu, eu tinha **medo** de não aceitar ele, às vezes eu não queria ter relação com ele, mas eu, naquele medo né? dele fazer alguma coisa comigo, eu aceitava, então eu aceitei por medo e pelo **perdão**. Eu achei cartas de amor, retratos dele com mulher, tudo isso eu achei. (Dona Camélia, grifos nossos).

Deus aparece nos discursos como sendo o mediador do casamento. A Ele deve-se a sorte de ter um casamento feliz, como no relato de Dona Magnólia e por Ele dá-se o

perdão, que é maior que o medo, para levar o casamento adiante, como no relato de dona Camélia.

Pudemos perceber nas entrevistas das senhoras Hortência, Camélia e Rosalina, em alguns momentos de várias Oficinas e no depoimento de Dona Eva a dor sentida quando **traídas** pelos maridos. Dona Eva, na Oficina de 05 de agosto, quanto abordamos o tema **sofrimentos da vida**, contou a história de traição conjugal do seu marido. Foi uma longa história, na qual o marido mantinha um caso com a vizinha há 25 anos e a aprisionava em casa para que ela não descobrisse nada. Em detalhes, ela conta o sofrimento e a sua elaboração. Hoje, depois de algum tempo, ela considera-se feliz e está vivendo um romance há seis anos com um senhor. Um romance mais liberto, onde cada um vive na sua casa e encontram para namorar. Como definiu sua irmã: “ela tem um namorado”.

A traição não se relacionava apenas à vida de casal, mas também à condição da mulher como dona de casa, cuidadora dos filhos e auxiliar nas despesas do lar uma vez que as idosas narram que faziam trabalhos extras para ajudar financeiramente os maridos na complementação do capital para o trato dos filhos e manutenção de despesas da casa. Muitas histórias de aprisionamento, de falta de dinheiro, da ignorância às necessidades da família foram contadas pelas idosas para ilustrar o sentir-se traída.

Ao mesmo tempo em que se revoltavam com a situação de serem traídas, as idosas sentiam-se pressionadas socialmente a negar esta condição, seja em função da família do esposo, da sociedade ou por uma crença divina.

A **criação dos filhos** é uma das tarefas principais destacadas pelas idosas. Observa-se nas falas, **o cuidado, o amor maternal e a realização enquanto mulher** expressadas pelas idosas em relação aos filhos e a necessidade de **suportar sofrimentos** e uma **carga excessiva de trabalho** para ajudar no que foi e é preciso.

Ai!(suspira feliz) pra mim é muito bom, muito bom. Eu sempre tive um (pausa) ato assim de ser mãe, eu achar que foi pra mim (pausa) eu ainda falava sempre com meu marido eu tinha 3 troféus, e ele ainda ficava morrendo de ciúmes de eu falar que tinha 3 troféus e que ele não era (...) eu adoro ser mãe (feliz) tanto que eu fui mãe de leite de um garoto que hoje eu não vejo mais. Então foi muito bom. (Dona Acácia).

A criação dos filhos? Bem, logo no início, foi criado com muito **sacrifício**, né? Naquela época não usava essa fralda descartável, né? só tinha mesmo, que a gente podia comprar era fraldinha de pano, aqueles pano de lençol, que a gente fazia. Toda vida costurei, aprendi no asilo, embanhava as coisas, fazia camisola pra doente e tudo. Então eu fazia aquelas fraldinha, eu mesmo fazia rôpinha deles e tudo, né? nunca comprei nada pra eles e criei eles **bem**. (Dona Margarida, grifos nossos).

Eu criei meus filhos mais ou menos do modo que eu fui criada, né? E eles assim sempre me respeitaram muito, me respeita até hoje. Tanto faz a mim como o pai deles. E mas eles, eu ajudava muito, dava muita força pra eles como dou até hoje, né? Ensinei muita coisa boa, tenho certeza, que graças a Deus, todos eles também sabem respeitar os outros, né? E eu acho que dei uma boa educação pra eles. (Dona Rosalina).

Observa-se nas falas acima o desejo de ser mãe, o trabalho de educar os filhos e a necessidade de reproduzir (ainda que isso não seja possível por completo!) a educação recebida pelos pais.

Na Oficina de 05 de agosto, Dona Hortência expressa dor e sofrimento para referir-se ao filho que faleceu. Após contar a história, com poucos detalhes, em função da emoção, ouviu de Dona Francisca uma frase de conforto: “você não perdeu seu filho, você devolveu para Deus”.

Nesta mesma Oficina, Dona Francisca conta do seu sofrimento com o filho alcoolista. Após inúmeras tentativas para ajudá-lo e inúmeros fracassos, na última internação, Dona Francisca disse para o filho: “se você não quer viver, então deixa eu viver, porque com você assim, eu não vivo”. Depois, completou: “eu perdi meu marido e sobrevivi e não morreria se perdesse meu filho”.

Parece que, neste momento, ela queria dizer para Dona Hortência sobre a necessidade de ela elaborar a morte de seu filho e de não deixar de viver em função deste acontecimento. Deus aparece no discurso para acalantar as senhoras neste sofrimento tão intenso.

Sair de casa, distrair e fazer novas coisas foram os conselhos dados para Dona Hortência. Para Beauvoir (1990, p. 598) “no caso das mulheres, em particular, a última idade representa uma liberação: submetidas durante toda a vida ao marido, dedicadas aos filhos, podem enfim preocupar-se consigo mesmas”.

Na oficina de 15 de abril de 2010 esta afirmação de Beauvoir ficou evidente no depoimento de Dona Acácia, quando disse que antigamente as senhoras não podiam se reunir como hoje, ou porque o marido não as deixava sair ou porque a sogra implicava com suas saídas. Hoje elas adquiriram mais **liberdade**, deixam os filhos e netos em casa e saem para a reunião do grupo.

Assim como as idosas falaram dos filhos, também falaram dos netos. No discurso das idosas, os **netos** aparecem como uma **continuidade da vida**, como um **motivo para viver e fazer planos**. De acordo com Brandão e Mercadante (2009, p. 94),

a convivência com netos pode despertar uma vitalidade adormecida, e o idoso pode redescobrir emoções por ele já vividas, fortalecendo as ligações

intergeracionais como seus próprios filhos, e vendo nos netos ‘a possibilidade simbólica da imortalidade’. Assim, podemos considerar a avosidade não apenas ligada a ‘uma idade cronológica’, mas a um laço de parentesco localizado nas filiações trigeracionais, do ponto de vista pessoal, familiar e social.

Esta vitalidade é expressa nos relatos:

Eles [netos] chegam aqui e eu **faço tudo** que posso né? Para agradá-los né? E eles também comigo, brincam comigo, esse de 16 anos, ele gosta de puxar meus cabelos e o de 13 anos! Se a gente vai numa procissão, eles querem ir comigo pra mexer comigo o tempo todo da procissão, né? (Dona Rosalina, grifo nosso).

Eu dizia assim pros meus netos: vem cá, **vou ensinar** ocois que tem que ter fé e tem que aceitar a fé que tem. (Dona Hortência, grifo nosso).

Meu plano de vida é continuar, né, nessa caminhada, ver agora meus netos crescerem e (silêncio) procuro assim também **ajudar também orientar** os netos, espero que eles, né, cresçam e tenha uma vida, também assim meus filhos, meus netos, tenham uma vida (silêncio) saudável, uma vida boa, né. Então o meu plano é esse, continuar na minha caminhada e participar e ver, o meu plano maior é ver meus netos crescerem, entendeu? (Dona Íris, grifo nosso).

(...) olha pra você ver, a minha vida, eu não posso dizer assim que, a infância, a adolescência foi de criança feliz, que não realizei nada não. Eu fui realizar nos meus filhos, agora nos netos e bisnetos. (Dona Camélia).

Observa-se nos relatos das senhoras Rosalina, Hortência e Íris as atividades envolvidas na convivência com os netos. Os verbos: fazer, ensinar e orientar demonstram uma condição ativa destas mulheres diante de novos desafios.

Esta discussão sobre o encontro de gerações suscitou-nos pensar sobre **modos de vida antigos e atuais**.

‘No meu tempo’, expressão recorrente nas narrativas de lembranças, incorpora o contraste entre um bom tempo do passado e o momento presente de insatisfação com as mudanças na vida familiar, nos costumes, nos espaços públicos da cidade. Nas falas, predomina o sentimento de rejeição e de não pertencimento ao mundo atual. (Barros, 2006, p. 115).

Os marcadores dos discursos das idosas captados em relação à temática proposta para a discussão foram de um lado o **desrespeito** e a **falta de educação** e, do outro, a **liberdade** e as **conquistas**.

A falta de respeito apareceu com muita frequência nos discursos das idosas relacionada ao desrespeito aos mais velhos, aos pais, à mulher, à professora e à amizade, conforme demonstrado nos depoimentos das senhoras Margarida, Camélia e Rosalina:

Ah! Era muito simples, né, ocê respeitava mais as pessoas, né? Até o próprio namorado, tinha uma relação mais respeitada, mas, hoje não, eles não respeita, quer fazer sexo de todo jeito, entendeu? Então **antigamente era melhor** (silêncio) sobre isso, sobre a parte de respeito, né? (Dona Margarida, grifo nosso).

(...) as crianças na escola, no meu tempo, no primeiro ano que eu estudei, a professora chegou na sala, a gente levantava, fazia silêncio, rezava, cantava, cantava o hino, depois assentava e ficava em silêncio. A professora falou, tá falado! Igual hoje a gente vê, né, os alunos não respeitam a professora, a juventude não respeita a polícia (...) (Dona Camélia).

Eu me lembro, eu, no meu tempo de adolescente, jovem, a gente não podia sair de casa sozinha, né? Namorar? Nem se fala! (ênfatisa), né? não vai dizer que a gente não deixava de namorar escondido! Assim, mais era um namoro assim, só de olhar, né? só de às vezes, é (silêncio) conversar ou bater papo. Hoje em dia a gente vê os namoro estão muito é (silêncio) muito assim, né? permitindo muita coisa, né? Os jovens não preocupam muito em conversar, eles preocupam em namorar, em agora, esse termo, 'ficar' que eles usam, né? Então eu acho assim, nessa parte assim, de também na parte de educação, (silêncio) a gente tem assim, percebido que (silêncio) que muita coisa assim é (silêncio), a televisão mostra, as novelas mostram muita coisa diferente, né? coisa que (silêncio) todo mundo acha que já é tudo normal, né? Agora a **evolução** é muito importante, tudo isso que tem agora esses modernismos, né? Já começa aí, o elevador, o computador, internet, isso é muito bom, eu acho isso ótimo, né? a evolução do mundo. Acho muito bom mesmo. Que antigamente não tinha essas coisas, né? eu falo antigamente, no meu tempo de...de... [moça] não é tão antigamente, né? (risos) (Dona Íris, grifo nosso).

Antigamente as pessoas respeitavam os mais velhos principalmente, né? As pessoas tinham mais amizade, mais confiança (...) as crianças?! bastava os pais falar que elas respeitavam, obedeciam. Era senhor, senhora, dona... Hoje não (...) não tem aquela amizade, aquele respeito. (Dona Rosalina).

Agora... teve outras coisas que eu achei interessante com relação da **liberdade** da mulher sabe? porque muita coisa que a gente **conquista**, a gente antigamente não tinha, você não podia sair a noite, se já era vista que estava saindo para fazer alguma coisa errada, sabe, que você até mesmo conversar com alguma pessoa, sabe, com outro homem por exemplo, agente era bem discriminada tinha muito isso, apesar de eu ter 55 anos, não é um tempo muito grande (pausa) muito antigo, mas na minha época eu senti bastante disso, né? (Dona Acácia, grifos nossos).

A televisão aparece também no relato de Dona Rosalina como a principal vilã do desrespeito:

Eu acho que a televisão desrespeita muito a mulher, porque certas coisas que eles falam na televisão, os homens não fazem e as mulheres fazem e às vezes por dinheiro, né? Então eu acho que [a televisão] ta prejudicando sim. Tem momento que ocê até tem vergonha de ser mulher em certas coisas que mostram na televisão.

Sobre o tema **religião/religiosidade**, observamos durante todo o tempo que estivemos com o grupo, o quanto as senhoras são religiosas. Elas **acreditam piamente em Deus** (e algumas expressaram sua devoção a alguns santos da igreja católica), no seu **poder de cura dos males** e de **fortificação para as situações difíceis**.

Goldstein e Neri (1995) afirmam que a psicologia social tem demonstrado que a religiosidade é um conceito multidimensional que envolve crenças, atitudes, valores e atividades. Em uma pesquisa com 173 adultos, as autoras concluíram que as atitudes e as

atividades religiosas ocupam um lugar mais central na vida de uma pessoa mais velha em função da diminuição das atividades e outros envolvimento por causa da aposentadoria, viuvez ou término de responsabilidades e papéis ligados à parentalidade.

Olha, eu, eu sempre gostei muito de viver religião, sempre senti assim, muita assim, necessidade da gente (silêncio) ter essa vivência religiosa, de busca Deus, né? (...) eu trabalho na catequese, trabalho muito na igreja, tenho outras atividades, participo de grupos de oração, que pra mim me preenche muito (...), só Deus pode mostrar pra gente, o que a gente deve fazer, como deve fazer (...) nos momentos que a gente tá passando por dificuldades, por problemas, a gente recorre a Deus e (silêncio) preenche o nosso coração, né? A gente sente que Deus ama, que Deus ama a gente, que o amor dele pela gente é incondicional (...). Então, isso aí, é que me ajuda também (silêncio) a buscar, né, o caminho da felicidade, o caminho de viver assim, mais tranquila, a viver mais tranquila. (Dona Íris).

Assim como Dona Íris, outras idosas do grupo também têm uma dedicação especial às atividades propostas pela igreja, pela pastoral do idoso, dedicando-se a reuniões, organização de festas religiosas, visitas aos enfermos, dentre outras.

Faria e Seidl (2005) fazem uma distinção dos termos religiosidade e espiritualidade a partir de outros autores: o primeiro termo refere-se à adesão a crenças e práticas relativas a uma igreja ou instituição religiosa e inclui aspectos individuais e institucionais. Já a espiritualidade refere-se a aspectos como transcendência pessoal, sensibilidade extraconsciente e fonte de sentidos para os eventos da vida.

Várias foram as histórias contadas pelas senhoras Magnólia, Francisca, Camélia, Íris, Rosalina e Gardênia nas entrevistas individuais sobre as curas que alcançaram de doenças graves, relacionadas a si mesmas ou aos filhos, devido à crença fervorosa e à fé. A influência da religião e da espiritualidade no enfrentamento de hospitalizações de idosos foram discutidas por Duarte e Wanderley (2011), que afirmam que ambas são recursos utilizados com frequência por idosos diante de diversos problemas, especialmente quando se trata de doenças.

Observamos que as idosas expressam a sua religiosidade na forma de celebrar datas importantes, como em dia das mães, da avó, de Nossa Senhora Auxiliadora, com missas e novenas. Destacamos que todo início de reunião é feita uma oração onde se colocam os agradecimentos pelas graças alcançadas e os pedidos das necessidades pessoais e familiares. A maioria delas participa ou participou de movimentos religiosos, conforme os relatos:

Sou Católica, eu nasci, batizei, fui criada mesmo ali, na religião católica, e sou até hoje. Graças a Deus. (...) Eu participava [de movimentos da igreja] quando eu morava lá no bairro Funcionários, né, lá na capela Nossa Senhora Auxiliadora, aí eu participava lá, de muito eu participei já muitas vezes e tudo, mas pra mim

depois que mudei [para um local mais afastado da cidade ficou muito difícil (...)]. Aí agora eu vou à missa todo domingo e sempre que eu posso, eu ajudo em alguma coisa na igreja, se, quando eles me pedem alguma coisa e tudo, tenho muita amizade com o pessoal aqui da igreja, o padre também ele é muito amigo da gente. (Dona Rosalina).

Sou Católica Apostólica Romana, fui crismada, batizada, primeira comunhão, crismada, casei, e era filha de Maria. Isso mamãe deixava ser, ir pra igreja ela deixava, ela num deixava era ir pra baile, essas coisas ela num gostava que a gente fosse não. (Dona Hortência).

Quando falamos da religião, especialmente a católica, observamos uma condição para além do âmbito familiar, onde a mulher, com suas diferentes formas de participação se sentem valorizadas. Também percebemos certa resistência à aceitação de outras religiões ou práticas religiosas por parte das idosas, situação frequente nos dias atuais, visto que cada vez mais as pessoas aderem a outras religiões, cultos e práticas religiosas diferentes do catolicismo.

[O marido] não bebia, não fumava, era irmão do Santíssimo. Hoje ele é espírita. A minha revolta também que eu não queria que ele fosse espírita, eu queria que ele fosse católico (...) eu não fiz nada pra ele mudar e ele mudou. Alguém virou a cabeça dele, tá?! (Dona Margarida).

Sou católica. Agora tem o seguinte: sou católica fervorosa mesmo e eu tenho dois filhos que é evangélicos. Então, tem um que ele, toda sexta-feira – ele é Jeová – toda sexta-feira ele vem pedir uma autorização pra mim, pra vim estudar a Bíblia. Então, eu conversei com dois padres sobre isso, porque eu achei que é errado eu ser católica e tá ouvindo. (...) Então toda sexta-feira ele vem, sabe. Mas eu peço perdão a Jesus e a Deus, né? Mas eu não deixo de ir à missa, comungar, não deixo nunca. (Dona Camélia).

eu tento seguir a religião católica que é onde eu vejo assim mais facilidade de aproximação até mesmo pelas nossas colegas, as senhoras [do grupo] né? sempre a gente tem mais amigas, então eu sinto essa necessidade eu tenho mantido mais essa parte aí, apesar de também frequentar alguns cultos espíritas que eu ainda gosto também. (Dona Acácia).

Na oficina de 24 de junho de 2010, trabalhamos sobre o tema **grupo**. O assunto começou em função da idéia de juntar três diferentes grupos de idosas em um só, em função do número pequeno de frequentadoras dos mesmos. Imediatamente, as idosas do Florescer manifestaram seu repúdio à idéia, dizendo que o grupo é organizado e que a junção com outros não seria conveniente. Dona Eva disse que o motivo dela estar no Florescer deve-se exatamente à situação do seu grupo antigo ter juntado com outros e ela se sentir perdida. Muitas participantes deram suas opiniões e Dona Rosalina acrescentou que o importante não seria o número de pessoas, mas a qualidade das reuniões do grupo. Este assunto desencadeou a reflexão das idosas sobre a importância do grupo nas suas vidas.

Percebemos, a partir dos discursos produzidos, que para as idosas o grupo é um espaço/momento que representa **descontração, encontros, amizades e suportes emocionais**.

Dona Eva disse que fica ansiosa para chegar quinta-feira e ela poder vir ao grupo. E Dona Hortência afirma: “pra botar as fofocas em dia, né?” Em outra Oficina (27 de maio de 2010) ela já havia feito um comentário admitindo que vai ao grupo para encontrar as amigas e falar ‘besteira’.

Dona Eva propôs idéias já realizadas em outro grupo que frequentava, como realizar um desfile ‘brega e chique’. Dona Rosalina afirmou que todas tinham liberdade para propor e realizar o que quisessem no grupo.

Neste momento, fizemos uma intervenção com a finalidade de ajudar o grupo refletir sobre os seus objetivos. Foi uma discussão difícil, pois as idéias que surgiram seguiam a perspectiva das atividades salientadas anteriormente. Dona Acácia nos perguntou claramente se tínhamos uma sugestão. E a resposta foi imediata: “não podemos sugerir, mas podemos ajudar a pensar”.

Se pensarmos na identidade a partir das nossas ações e construídas a partir das relações grupais, de acordo com Ciampa (1986, p. 64),

para compreendermos melhor a idéia de ser a identidade constituída pelos grupos de que fazemos parte, faz-se necessário refletirmos como um grupo existe objetivamente: através das relações que estabelecem seus membros entre si e com o meio onde vivem, isto é, pela sua prática, pelo seu agir (num sentido amplo, podemos dizer pelo seu trabalho); agir, trabalhar, fazer, pensar, sentir, etc., já não mais no substantivo, mas verbo.

A reflexão sobre a falta de objetivos para o grupo teve como consequência a mobilização de mecanismos de resistência para o grupo, então decidimos retomá-la em outro momento.

As idosas falaram sobre a **amizade** e os **suportes emocionais**:

Dona Francisca, na Oficina realizada em 27 de maio, admitiu que o grupo fez diferença na sua vida, que nele ela encontrou várias pessoas que não via há anos e que fez novas amizades. Neste mesmo dia, Dona Rosalina ressaltou novamente os vínculos de amizade e companheirismo no grupo e Dona Acácia relatou o amparo sentido ao entrar para o grupo no momento de doença e óbito de seu esposo.

Para Dona Gardênia, o grupo funciona como agente terapêutico, pois quando ela se encontra triste e desanimada, ela vem às reuniões do grupo e esquece o que está incomodando.

Na oficina de 15 de julho, abordamos o tema **amizade** e observamos o valor dado pelas senhoras à amizade. Elas se lembraram de amigos de infância e da forma como foram se conhecendo ao chegar no bairro. Observamos que algumas idosas do grupo se conheceram quando o bairro (onde está a sede do grupo e a maioria das residências destas senhoras) começou a se formar.

Encerramos a discussão sobre o tema **amizade** com uma dinâmica que consistia em cada idosa fazer uma flor com uma folha branca e dar para aquela que considera mais amiga, dizendo o porquê da escolha. Nesta hora foram ressaltadas características das idosas escolhidas, como bondade, generosidade, sinceridade. Concluimos a dinâmica, falamos sobre as amizades sinceras e verdadeiras, que são poucas, porém, são fiéis. As idosas saíram do grupo com as flores. Dona Hortência colocou a sua nos cabelos, sorridente.

No dia 22 de junho, mais uma expressão de afetividade: a coordenadora do grupo pede que todas se abracem, pois nesta semana foi o “dia do amigo”. Elas se abraçam dizendo “amigas para sempre”. Nesta Oficina, ouvimos como as senhoras têm consideração umas pelas outras, inclusive em função de umas terem ajudado às outras nas dificuldades.

Retornamos à questão dos objetivos do grupo. Nossa intervenção seguiu perguntando sobre sugestões e opiniões sobre quais objetivos o grupo poderia se propor ou de quais caminhos o grupo dispunha para pensar seus objetivos, quando Dona Francisca respondeu que era lenta para pensar e que esta era uma opinião que exigiria um tempo para ser definida.

Dona Eva falou sobre outros exemplos acontecidos em outro grupo e sua irmã, Dona Vera, acrescentou mais possibilidades.

Dona Francisca, sempre participante e inteligente, afirmou que vem ao grupo para fugir da mesmice de dentro de casa e se no grupo continuar a mesma coisa, ela estará ‘trocando cebolas’.

Dissemos para todas que deveriam pensar e estruturar esta questão que é central, que norteia o grupo e que garante, em grande parte, a sua sobrevivência ao longo do tempo.

Nesta hora, iniciou-se uma discussão acerca de problemas de audição. Dona Eva, cumprindo o papel de porta-voz do grupo, disse que sua filha pediu que ela fosse otorrinolaringologista, pois não estava escutando bem. Ela respondeu à filha que só escuta o que quer. As três irmãs riram e disseram que sua mãe tinha uma prótese auditiva e que só a usava quando queria escutar algo.

Com este comentário, logo após a tentativa de levar o grupo à reflexão sobre seus objetivos, entendemos que muitas vezes é difícil escutar o que incomoda e sugerir mudanças. O novo aparece para o grupo juntamente com os medos básicos e a ansiedade de perdas e de ataque, despertando comportamentos de resistência (Pichón-Rivière, 1991). Apontamos para esta condição de resistência e propusemos então que cada um pensasse quais são os seus objetivos no grupo. Após os risos, o silêncio fez-se presente.

Se opinião e conhecimento requerem um conteúdo de consciência individual, uma apropriação subjetiva, esse momento egóico é perigoso, escorrega para o falso. As motivações que estão por trás da opinião (aplausos do grupo, segurança, repouso no estereótipo) são diferentes das que estão por trás da verdade. Não se trata de procurar uma simples congruência interna de fatos. Deve-se confrontar cada asserção com a experiência e voltar às coisas. (Bosi, 2003, p. 123).

Dona Acácia resgatou da história do grupo ao longo dos anos, o seu envolvimento em situações de cunho social. Foi um primeiro passo. Ela sugeriu: “vamos aos asilos fazer visitas, levar produtos pessoais para os internos e depois discutiremos no grupo sobre as nossas reflexões”.

E assim o fizeram, mas observamos que as visitas proporcionaram mais uma reflexão das diferenças entre moradores de abrigos e idosos do grupo do que de fato uma reflexão coletiva sobre os objetivos do grupo.

Sobre o grupo, constatamos nas entrevistas individuais as necessidades por nós apontadas na Oficina, ressaltando a necessidade de que sejam propostos objetivos para a sua sustentação:

cada dia que cê vai, às vezes cê **não quer** [ir], [e pensa] hoje eu num vou lá não porque hoje **não tem nada** pra mim fazer, eu **não sei nem o que faço lá** hoje. Aí cê chega, aí entra um e outro, conversa e tudo. No final vira uma coisa, uma tarde boa, agradável, porque todas conversam e uma passa o problema pra a outra e tudo, e no final, cê sai dali pensando em voltar na outra semana (...). (Dona Rosalina, grifos nossos).

o grupo? Eu gosto, né? Mas tem certas coisas que a gente **não pode falar, não pode trazer** nada pra ensinar, porque elas não tão dispostas. Elas vieram aqui foi para descansar, não foi pra fazer nada. (Dona Margarida, grifo nosso).

(Silêncio) Ah! O grupo? Eu me sinto bem, eu gosto das amizades que tem lá, só que eu acho que o grupo tá assim, **muito parado**, muita gente tá desistindo,

porque num tem assim, estímulo pra **fazer nada**. (...). Então é assim, tem dia que muitas reclamam: o que eu vou fazer lá? Ficar escutando conversa fiada? (silêncio) porque realmente, o nosso grupo ali, falta um pouco de educação, porque às vezes, você está falando e tem outras falando [junto], mas como você vai chama atenção de uma pessoa idosa? Não tem uma programação. Às vezes eu largo o meu serviço aqui [em casa], eu vou pra lá [reunião do grupo], eu chego lá vejo uma [idosa] fala uma coisa, a outra fala outra, aí eu prefiro ficar em casa trabalhando. (Dona Magnólia, grifos nossos).

Sabemos que as dificuldades apontadas sobre o grupo são inerentes ao processo grupal e que é necessário um movimento a favor da emancipação do mesmo com a concentração nas tarefas grupais e o enfrentamento das crises que mobilizam angústia e medo.

Por outro lado, observamos um **sentimento de pertença e valorização** do grupo pelas idosas. Em uma festa junina realizada pela paróquia do bairro ao qual pertence o grupo, o Florescer era o único grupo de terceira idade que iria apresentar uma dança. Por equívoco, a locutora da festa anunciou-o com outro nome e, neste instante, Dona Hortência que, levantou as mãos acenando que não, dizendo para as pessoas, “não! Este é o grupo Florescer, do bairro X”.

No encontro de 05 de agosto de 2010, quando afirmamos para as idosas que apenas o Florescer estava lá no dia da quadrilha representando a terceira idade, as idosas gritaram “viva” e aplaudiram.

Posteriormente, em relação ao planejamento do evento do dia dos idosos, Dona Elza falou das possibilidades que ofereceram: palestras, missa, confraternização, e reforçou a idéia da participação de todas e da ampla divulgação entre os idosos do bairro, inclusive sugerindo que fossem convidados de casa em casa.

Aproveitamos a fala de Dona Elza para convidar as idosas para participarem do *1º Encontro Multidisciplinar - Complexidade: O idoso em foco*, organizado a partir dos nossos estudos e afinidade com o tema (vide Anexo 3)⁷. As idosas mostraram-se muito animadas e participaram ativamente deste encontro.

Outro momento marcante foi quando o grupo se organizou para comemorar as bodas de ouro de Dona Hortência. Foi uma festa surpresa para ela. Cada uma encarregou-se de algo e tudo saiu como o planejado. É interessante ressaltar que o grupo organizou-se tão bem que foi possível manter o segredo da festa.

⁷ Encontro multidisciplinar realizado em parceria UEMG – campus Barbacena e IF Sudeste MG *campus* Barbacena, em 30 de setembro de 2010.

Outros acontecimentos também nos chamaram a atenção para este senso de pertença grupal. Este fato pode ser potencializado para que tenhamos uma reflexão mais crítica das idosas sobre os objetivos e tarefas grupais.

Na reunião de 09 de setembro, tratamos sobre o tema **planos para o futuro**. Para Bosi (2003, p. 66), “o passado não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de *restauração* e passa a ser *geradora do futuro*”.

A liberdade e a lucidez não servem para grande coisa, se nenhum objetivo nos solicita mais: elas têm um grande valor se ainda somos habitados por projetos. A maior sorte do velho, mais do que gozar de uma boa saúde, é sentir que, para ele, o mundo está povoado de fins. Ativo, útil, escapa ao tédio e à decadência (...). (Beauvoir, 1990, p. 603).

D. Hortência disse que não tinha planos, resistindo à atividade.

Dona Eva expressou: “Na idade que nós estamos tudo isso aqui é futuro (risos)”.

Dona Francisca admitiu: “Eu tenho: caminhar, fazer hidroginástica, viver com qualidade de vida. Pegar meu bisneto no colo”.

Dona Rosalina disse:

A gente pensa mesmo no que é melhor para os filhos e os netos, mas nesse momento a gente tem que pensar em Deus, rezar muito, procurar fazer o que puder pra ajudar a todo mundo que precisar da gente porque a única coisa que nos resta é isso, nós não temos que pensar: eu vou viajar; o mês que vem eu vou lá; vai se puder, se conseguir chegar lá.

Fizemos, nesta Oficina, um varal com as figuras que as idosas escolheram nas revistas. Expusemos os recortes e cada uma falou dos seus planos. Durante a confecção, as idosas conversaram bastante sobre diversos assuntos, mas trabalharam com disciplina.

Para Barros (2007, p. 165), “descobrir ou criar uma razão para o significado de estar vivendo parece ser a questão sempre presente na velhice. A concretização do projeto dá uma resposta possível a essa questão.”

Dentre os sonhos manifestados, o mais destacado pelas idosas representou uma necessidade de acompanhar o desenvolvimento da família desejando **ver os netos e os bisnetos crescerem** (senhoras Magnólia, Neiva, Ruth, Camélia, Íris, Eva, Margarida, Francisca e Dolores). Em seguida, as senhoras Íris, Eva, Clea e Dolores falaram do seu sonho de ver os **filhos realizados**.

Outros planos foram surgindo na realização das entrevistas. Alguns deles, foram sonhos do passado e outros se transformaram para o futuro.

Eu tinha um plano, de ir embora daqui pra Brasília, ficar perto dos meus filhos. O meu plano mesmo. Eu sei que ocê vai perguntar, já vô até te adiantar. A única tristeza que eu tenho é não ter estudado. Mais porquê tinha que ter uma pessoa pra mim orientar (...) [em Brasília] a menina [filha] agora tá muito folgada e ela vai ensinar, né? A fazer alguma coisa, me ensinar a estudar, entendeu? (Dona Margarida).

continuar meu trabalho de voluntária na creche (...) ter os meus netos e poder curtir. (Dona Acácia).

(Pensativa) Ah! Nem sei. (risos)! Eu tenho sim, eu tenho um plano, é que tenho vontade de ajudar as pessoas, as pessoas que não têm nada. Tem gente até que tá passando fome, né? eu tenho vontade de [ajudar], meu plano seria assim (...) e que Deus me dê saúde, e assim, uma paz que eu acho que mais ou menos todo idoso precisa, né? (Dona Rosalina).

(...) que Deus ilumine, [para] que a gente consiga as bodas de ouro, né? e ele [o marido] fica todo feliz, sabe, porque eu falo: ‘Não, se Deus quiser nós vamos alcançar’. E outro dia eu falei com minha netinha: Eu falei, olha, pede pela vovó (...) para que a vovó tenha muita saúde, pra ela poder comemorar seus 15 anos. Falei: ‘se a vovó tiver com saúde, eu vou fazer a sua festa’. (...) eu pretendo agora, sabe, que Deus ajude a minha filha, sabe, que ela quer casar, que ela consiga ter filhos que eu quero conhecer, sabe, é uma preocupação minha para o futuro é que ela não, que ela superou uma fase muito difícil na vida dela (silêncio, chora). (Dona Magnólia).

Foi de Dona Camélia, a poetisa, que lemos sobre os seus mais variados sonhos expressados nos poemas que compôs: o de cantar na rádio, de vestir-se de Madalena com roupa de seda...

chorava, tudo que eu não realizei, eu chorava e, sempre fazendo as poesias, né? (...) então nisso, através do choro, das lágrimas, eu começava a escrever poesias. Eu tenho um diário todinho escrito.

O sonho maior de Dona Madalena é poder lançar um livro de poesias, com direito à noite de autógrafos, já que, pelas suas contas, ela possui 500 escritos. Este sonho, ela pretende realizar enquanto está viva, pois carrega consigo a indagação de que:

dizem que depois que a gente morre é que o sonho é realizado, né? Pra você vê, a gente vê pelos artistas, né? Pra você vê... quanto artista é homenageado depois de morto, né? (Dona Madalena).

Como Dona Madalena é prevenida, já pediu ao neto que, caso ela morra sem lançar o livro, após o seu falecimento, que ele se incumba da tarefa.

Para Barros (2006, p. 111),

Memória e projeto de vida são noções relacionadas. Elas recobrem algumas questões relativas às definições de indivíduo na sociedade contemporânea e às relações entre as percepções de tempo e de indivíduo. O tempo do curso de vida, do nascimento à morte; o tempo do passado elaborado pelas lembranças; e do futuro vislumbrado na construção de projetos de vida, todas estas temporalidades estão conjugadas com outra dimensão do tempo, o tempo da biografia de cada indivíduo que, na sociedade moderna, é capaz de se perceber como uma

trajetória e, ao mesmo tempo, como parte de uma história que o engloba e que ele mesmo constrói.

Buscamos na vida e obra de Cora Coralina a inspiração para falar sobre a vida, **sobre o envelhecer**. Para isso, realizamos duas oficinas utilizando os poemas de Cora Coralina.

As idosas, de posse de vários poemas de Cora Coralina, foram falando sobre a sua vida e a sua condição de superação. Um dos trechos que chamou a atenção das integrantes foi lido por Dona Ruth:

*O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher. (Cora Coralina).*

Houve neste momento uma discussão sobre os frutos colhidos pelas idosas. Dona Ruth, a mais queixosa, disse que não colheu nada na vida. Neste instante, Dona Rosalina aponta para ela que ter filhos, ter o que conquistou e ter netos é uma colheita.

Dona Íris, com sua sabedoria, disse:

muitas vezes a gente cava, semeia, planta mas quem colhe são os filhos, os netos e os bisnetos. Então o que importa não é se a gente vai colher mas que outros vão colher. A gente não pode pensar que porque a gente não vai colher não tem que plantar. Tem que plantar para o outro colher.

Neste momento as idosas se lembraram de várias situações que ocorreram no passado como morte do cônjuge, dificuldades financeiras e adoção de sobrinhos em função da morte da mãe. Elas falaram das **dificuldades** e do quanto **lutaram** para vencê-las. Um dos motivos importantes para vencer está relacionado à **crença em Deus**.

Dona Francisca conta uma história:

Um senhor e seu neto estavam passeando e pararam debaixo de uma jabuticabeira lá eles colheram os frutos e desfrutaram da sombra, então o senhor pegava a semente da jabuticaba e plantava novamente, então o neto perguntou para ele, quanto tempo demorava para um pé de jabuticaba ficar como este, ele então falou que era uns 10 a 15 anos, então o neto falou então: porque o senhor esta plantando estas sementes? O senhor acha que o senhor ainda vai viver mais esse tempo? O senhor então falou com ele: será que quem plantou essa árvore ainda está vivo?

Dona Francisca fala que a história é uma lição de vida, que o neto estava pensando no presente e temos que pensar no futuro: “você planta e não vai colher, mas no futuro alguém vai colher”.

Dona Rosalina lê e comenta outro trecho:

Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores. (Cora Coralina).

Dona Rosalina disse que, com o auxílio da neta, ela fez um desenho sobre o trecho e, mostrando-o, explicou:

Quando a gente é criança a gente é uma coisa, depois vai crescendo tudo na vida é bonito e tudo, mas depois vêm os problemas todos, você casa, vêm os problemas, então nem tudo são as flores, então a gente começa a escalada da montanha os problemas apertam, você necessita de compreensão, solidariedade, bondade, união, carinho, confiança, amigos, então, cada um é uma parte na escalada da vida. Aí, todas essas palavras vão te ajudando você remover as pedras e no final, no final, a idade que estamos a gente fica plantando flores. (Dona Rosalina).

Dona Rosalina repete as palavras que ela leu, diz que Deus está acima de tudo e que:

eu acho que assim, tá bom, você conversa muito, tem mais alto e baixo na vida do que tudo, então você tem que tentar com a compreensão, com a solidariedade e com a fé em Deus e você consegue chegar, graças a Deus, até a onde que eu cheguei.

Dona Neiva comenta o mesmo trecho lido por Dona Rosalina:

Eu sou uma mulher de poucas palavras, eu escalei muita coisa no passado, passei por vários problemas também de saúde, principalmente, tive muito aborto, e por fim tirei fora, tirei muitas pedras também e colhi muitas flores e continuei colhendo as flores. (Dona Neiva).

Dona Íris lê sua frase:

O saber a gente conhece com os mestres e os livros, a sabedoria a gente aprende com a vida e os humildes. (Cora Coralina).

Dona Íris comenta:

O saber a gente aprende na escola, com os mestres, com os livros, a gente aprende na escola o saber, a sabedoria é diferente, é a vida, é o dia-a-dia, é a convivência um com o outro, os altos e baixos da vida da gente, leva a gente a sabedoria, sabedoria para vencer as barreiras, tirar as pedras do caminho, sabedoria pra se busca aquilo que é o melhor, isso a gente aprende, é no dia a dia, é vivendo com os filhos, o meu filho tinha escrito no muro lá de casa: 'A escola da vida não tem mestres, não tem reprovação'. Uma coisa assim, a escola da vida é essa a gente vai vendo adquirindo sabedoria, à medida que a gente vai vivendo um com o outro a gente vai vivendo com sabedoria, eu penso assim. (Dona Íris).

Dona Acácia lê seu trecho:

Todos estão matriculados na escola da vida onde o mestre é o tempo. (Cora Coralina).

Dona Acácia comenta:

Eu vejo isso bem pra minha vida. Parece ser uma sequência, porque a gente é realmente matriculado, porque cada um tem que passar por problemas, felicidades, pois a gente não passa só por coisas ruins, passa por coisa boa também, a gente é matriculado pra casar, pra ter os filhos, pra viver a vida dos filhos, da família, em geral, mas por outro lado a gente tem que saber que o tempo vai ser o mestre, o tempo que vai ensinar a gente passar, se você passa por uma felicidade, ótimo! Você tá vivendo aquela felicidade, nisso aí o tempo que a gente passa, com certeza a gente aprende alguma coisa, então a gente sabe que o professor da vida ta nos ensinando, mas se a gente tem uma tristeza a gente tem o mesmo tipo de problema, a gente também precisa do tempo para esquecer, igual eu to passando por tudo isso, eu to passando por um tempo de, nem de esquecimento, como eu digo, um tempo de convivência com a falta, então é o professor que eu to tendo que é o tempo, a gente vai passando, e a gente vai mudar pode ser pra melhor pode ser pra pior, então no caso aqui que ela deixou bem claro que o mestre é o tempo.

Dona Marilu recomeça:

A minha é igual da Dona Acácia. Eu acho que o tempo pra mim foi o meu mestre, porque eu fui uma sofredora. Criei oito filhos, porque o meu marido morreu. Já tive derrame e fiquei internada muito tempo, mas Deus me deu a cura pra criar meus filhos, eu não tive condição de dar faculdade pra eles, mas eles tem uma profissão, uns são aposentados, outros estão bem, eu sou uma pessoa realizada, pois tenho muita fé em Deus, meus filhos são maravilhosos, meus netos, a vida tem sido muito boa pra mim, eu não peço a morte, mas se eu morrer hoje eu morro feliz, engraçado o tempo é meu professor a cada dia que passa eu aprendo mais com vocês todas, e mais com você, porque você é uma psicóloga [referindo-se à Wanderléia], deve entender bem, todos aqui são minhas amigas eu sinto muito feliz de pertencer esse grupo.

Dona Vera reinicia:

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina. (Cora Coralina).

Eu me incluo aqui porque tudo que eu sabia e sei eu ensinei para os meus filhos, netos, pros meus pacientes, que eu trabalhei em hospital de psiquiatria, e hoje em dia tudo que eu ensinei pra eles eu estou reaprendendo que eles estão sabendo fazer melhor do que eu, então eu acho que é isso tudo que eu ensinei pra eles foi muito bom, porque além de aprenderem ainda renovaram o que eu ensinei, e é gratificante demais ver uma coisa que a gente passou está melhor ainda no mundo atual, que tem gente que para no tempo, eu aprendi assim, minha mãe me ensinou assim e eu vou passar pros meus filhos assim, e não é tem que renovar, é porque a fila anda, e a Cora Coralina quis dizer isso tudo que ela passou pra frente foi muito bom porque voltou e ela aprendeu melhor ainda. (Dona Vera).

Após conhecer Cora Coralina, sua biografia e sua obra, as idosas sentiram-se estimuladas a criar seus próprios trechos para definir o envelhecimento. **Envelhecer é...**

Envelhecer é ser feliz. “Eu sou feliz, eu tenho meus filhos meus netos, e ter saúde”.
(Dona Ruth)

“Envelhecer é ser feliz: 70 anos, 53 de casada, 7 filhos vivos, 12 netos e 1 tataraneto”. (Dona Dalva)

“É poder aproveitar a vida com saúde”. (Dona Magnólia)

“É aceitar a velhice como ela vem. Viver em paz com a gente mesmo. Gostar de si mesmo”. (Dona Marilu)

“Espero os 90 anos alcançar, para deste tema falar”. (Dona Vera)

“Envelhecer é aprender muita coisa, conforme vamos aprendendo no nosso dia a dia, é ter muita força para sempre continuar lutar, sempre vencer, exemplo de vida!”. (Dona Eva)

“Envelhecer é ser feliz, lutar para o futuro e o dia-a-dia que ainda virão”. (Dona Margarida)

“Envelhecer é bom, sinto na idade de estar com meus 50 anos, com meu espírito jovem, sou feliz. Quero chegar aos 90, com saúde”. (Dona Neiva)

Dona Eva pergunta se foi 50 que ela falou. Dona Neiva responde: “queria estar com 50”. Dona Eva fala: “eu tenho 67, mas não queria que ninguém soubesse a minha idade”. Todas riem.

“Envelhecer é ter coragem para viver, sorrir, chorar, ajudar e chegar a hora de morrer”. (Dona Acácia)

“Envelhecer é desfrutar do presente e não ter que pedir perdão”. (Dona Francisca)

“Envelheci chegando aos 77 anos, com as graças do Pai, Filho, Espírito Santo. Amém”. (Dona Dolores).

“É aprender com as vitórias e os fracassos. É transformar esses fracassos em novas vitórias, é buscar a felicidade no dia a dia”. (Dona Íris)

“Envelhecer é estar em paz com a própria consciência”. (Dona Rosalina)

“Envelhecer é bom, ver os filhos casando, os netos chegando... é a felicidade dos avós”. (Dona Floripes)

O envelhecimento está relacionado ao sentimento de **ser feliz** quando associado ao aumento da família: crescimento e casamento dos filhos, chegada de netos, conhecimento de bisnetos e tataranetos... enfim, a continuidade da história de cada idosa nas vidas dos seus herdeiros. A saúde física e mental também aparece nas definições das senhoras e em seguida, a luta para viver com os fracassos e as vitórias.

O envelhecimento aparece também nos discursos produzidos durante as entrevistas com as idosas, em uma perspectiva positiva, como a fase do **poder fazer** e da **liberdade**,

depoimentos que demonstram o lado positivo, de superação, ressignificação, contrários à vitimização (Brandão & Mercadante, 2009).

Envelhecer para mim está sendo uma fase muito boa porque o que eu não tive na minha infância, eu estou tendo agora na terceira idade (...). Depois de uma certa idade é que eu to adquirindo mais coisa, melhorando a minha casa, coisa que eu nunca tive na infância, hoje eu tenho. (Dona Magnólia).

(...) mas a gente faz muitas outras coisas, por exemplo: sair, passear, viajar... muitas coisas que a gente pode fazer que não vai atrapalhar. Aí, vem esses problemas de artrose, artrite... Tira de letra, o que eu vejo que é muito bom no envelhecer é isso: ter disposição, hoje a gente tem mais disposição que muito jovem, o jovem fica cansado antes da hora, e a gente tá aí, lutando e trabalhando. (Dona Rosalina).

(...) no envelhecimento a gente também tira coisa boa, né? Experiências de vida, né? (silêncio) a gente vê assim, a gente vai ficando mais velha, vê os filhos, né?, os filhos adultos construindo família, coisa boa isso!, né? Muito bom. (Dona Íris).

Como o viver é um processo ambíguo, não podemos deixar de considerar as angústias do envelhecer. Dona Elza trouxe uma poesia para retratar esta condição:

Envelhecer...

Envelhecer... o sol se põe no horizonte

Aos poucos vai perdendo o brilho e as cores.

Nem se avista o verde daquele monte

De sonhos, ilusões, grandes amores.

Silêncio... cai a noite escura e fria

Vai o nosso, vem o fantasma da solidão

Dá voltas o pensamento, sem alegria.

Traz saudades, dói, machuca o coração.

Contempla no céu uma estrela guia.

Espalhe ternura, paz, somente amor

Agradeça o dom da vida ao Criador.

Amanhã, novo sol, um novo dia

Risos de crianças, flores no jardim

*Envelhecer **não é tão ruim assim!***

Na poesia de Dona Elza, as expressões em negrito, grifadas por nós, traduzem o sentimento de perdas, da solidão, da falta de alegria e da saudade dos tempos de outrora.

No final da poesia, a expressão “envelhecer não é tão ruim assim”, associada com sol, dia, crianças, flores, demonstra a necessidade de equacionar a realidade tratada nos versos anteriores.

Na Oficina de 08 de julho, as idosas fizeram um trabalho com recortes de gravuras de revistas, demonstrando o que sugerem para que se envelheça bem. Dona Íris explicou o cartaz produzido pelo seu subgrupo: **envelhecer bem** é, principalmente, ficar com a **família, viajar, amar e cuidar de si**.

Dona Hortência ressalta a necessidade de **harmonia no lar** para acontecer um envelhecimento saudável.

Dona Francisca mostra o cartaz produzido pelo seu subgrupo, destacando que para envelhecer bem é preciso ter **fé, alimentar-se bem**, estar com a **família e ser alegre**.

Discutimos sobre quais destas condições as idosas cuidam. As mesmas, de forma geral, dizem tentar fazer o melhor e por isso, na medida do possível, estão saudáveis.

Sob a **perspectiva negativa**, além do que já citamos ao abordar outras temáticas, destacamos a **solidão** como outra situação relacionada ao envelhecimento:

(silêncio) eu acho que o envelhecer (pausa) é a hora em que você vai estar mais sozinha, que a gente perde a companhia dos filhos, né? (...) (Dona Acácia).

Mas eu comecei sentir mesmo a idade, ou a velhice, não sei, foi depois dos 60 anos, que aquele tempo que eu fiquei viúva, sozinha, lutando (...) as meninas que eu criei, casaram e foram embora. (Dona Camélia).

No dia 16 de setembro de 2010, encerramos nossa pesquisa e fizemos uma **avaliação** das oficinas com o grupo. Foram apontados como **pontos negativos** a ausência de idosas que poderiam ter aproveitado das discussões e as dificuldades próprias do grupo para a escuta e concentração, conforme expressou Dona Vera:

Eu sou muito franca, quando a coisa não está me satisfazendo eu falo, eu acho que ta faltando muita atenção e respeito quando uma pessoa está falando, porque eu, por exemplo, sou uma pessoa que quer participar de tudo, mas tem hora que não escuto (...).

Dona Dolores, que sempre se manifestou pouco nas Oficinas, disse:

isso que ela falou eu também ia falar, a falta de atenção a hora que a Wanderléia está explicando, falando, na hora do trabalho, muita gente conversando, tem que ter mais um pouquinho que atenção, isso que eu ia falar.

Em seguida, as idosas partiram para os **pontos positivos**, destacando o entrosamento que ocorreu entre elas (Dona Elza); a valorização ao grupo em função de ter sido o escolhido para a realização da pesquisa (Dona Eva) e as aprendizagens ocorridas.

Dona Camélia falou do quanto se sentiu bem ao ser entrevistada; Dona Rosalina falou que os encontros foram muito bons e fizeram refletir sobre a vida, lembrar do passado e fazer projetos para o futuro.

Perguntamos se as idosas destacavam pontos positivos de alguma reunião em especial. Dona Rosalina e Dona Hortência destacaram algumas dinâmicas.

Dona Clea disse que a da quinta-feira do varal foi ótima também, ela diz que expressou o que estava sentindo na vida.

Dona Elza comentou:

Eu me lembro também quando você colocou a aceitação da idade, o que a pessoa sente, até alguém disse que não sentia bem, pavor, então isso tudo foi legal, porque se não se aceita envelhecendo, automaticamente vai ficar difícil, porque o fato é que a pessoa envelhece mesmo. (Dona Elza lembrou a idosa visitante do grupo que falou isso).

Dona Rosalina, referindo-se à situação de coordenação do grupo, disse:

Uma coisa muito boa que você me ajudou foi aquele dia que te falei: fulana foi boa presidente, fulana fez isso, mas eu acho que na vida tudo passa, nem o presidente da república vai ficar lá eternamente, nem eu vou ficar também aqui toda vida, eu só estou porque não me mandaram embora até hoje.

Dona Rosalina aproveitou o momento para expressar muitas idéias que tinha sobre o grupo e colocou algumas insatisfações enquanto coordenadora do mesmo. Consideramos muito importante a sua manifestação, pois ela sempre estava insatisfeita com o grupo e alimentando fantasias persecutórias de alguns membros em relação a ela.

Dona Vera disse:

na minha opinião, que pro grupo manter não é criticar, tem alguma idéia boa chega pra Dona Rosalina, o que a senhora acha de fazer assim, assim, não é que vai dar certo, vamos tentar, não é criticar, entendeu, só ficar falando pelas costas que não tá indo bem, mas não faz nada pra ajudar.

Finalizamos a oficina estimulando as idosas a pensarem no que foi dito e apontamos para o compromisso grupal e para a paciência nas realizações da tarefa.

Agradecemos a oportunidade que o grupo nos deu para a realização do nosso trabalho e prometemos convidar a todas para o momento da apresentação dos dados, na defesa. Mais uma vez as idosas demonstraram se sentirem valorizadas.

CONCLUSÃO

Pretendemos aqui tecer algumas considerações finais desta pesquisa, retomando nosso objetivo que é a reflexão sobre as articulações entre identidades e memórias para a construção dos sentidos para o envelhecer.

Em função disso, resgatamos o caráter interdisciplinar, complexo e plural para pensar as velhices, suas identidades e memórias. Estes aspectos apontados nos desafiaram durante toda a realização da pesquisa, visto que não os tratamos apenas no âmbito da teoria, mas nos propusemos partir para a prática por meio de métodos que por si só já traziam o desafio de intervir e coletar dados, como é o caso das oficinas de intervenção psicossocial.

As oficinas foram cuidadosamente trabalhadas para que a nossa pesquisa produzisse não apenas dados, mas também uma condição de reflexão/ação do próprio grupo sobre as questões abordadas. Este fato implicou em uma responsabilidade dupla para nós que nos vemos diante da intersecção pesquisa-intervenção.

A convivência por um tempo maior junto ao grupo investigado nos trouxe grandes contribuições para analisar os dados. O mergulho neste universo dos sujeitos nos aproximou do objeto pesquisado e nos fez apropriar daquilo que as idosas diziam. A todo o tempo pensamos nestes ‘dizeres’ e nestas idosas inseridas numa história vivida e contada por vários atores em diferentes ocasiões.

As lembranças dos fatos foram surgindo aos poucos e sendo trazidas para o compartilhamento com as demais pessoas presentes nos momentos dos encontros (seja nas entrevistas ou nas oficinas). Observamos o amparo dos fatos das memórias que tinham suas referências em aspectos sociais e históricos, afinal, nossas interpretações não poderiam ser descontextualizadas.

Outro desafio foi a condição de “captar os significados implícitos e considerar o jogo das aparências. A preocupação é com o que se oculta, fundamentalmente como desvelamento do que se mostra velado” (Ciampa, 1993, p. 139), por isso, escolhemos uma teoria de análise do discurso que nos trouxe um suporte importante para a leitura do não dito nas entrelinhas dos discursos produzidos.

A partir das memórias trazidas nos diálogos e nos discursos das idosas, observamos como a identidade foi sendo construída no processo do envelhecer.

Saudades, emoções, silêncios... todo o movimento de idas e vindas que são próprios do viver-envelhecer.

Observamos nas trajetórias de vidas os caminhos percorridos, as aprendizagens que se fizeram e que constituíram a identidade metamorfose: transformações do corpo, de papéis sociais, de atividades, de projetos e da consciência.

Os sentidos do envelhecer podem ser tratados também na condição de ambiguidade de toda a existência, no constante ir e vir, nos progressos e retrocessos que se fizeram presentes nos fatos narrados pelas idosas. Histórias de emancipação e escravidão. Identidade-Metamorfose. Identidade-Mito.

Observamos como o discurso social impregnado com sua ideologia de endeusamento da juventude, da beleza e da produtividade afetam as idosas. Seus discursos sobre o envelhecer trouxeram as marcas profundas do perceber-se 'outra' que não aquela exigida pela sociedade.

Por fim, e como todo fim é um novo início... partindo da perspectiva dialética da psicologia social, pretendemos com esta dissertação contribuir para o pensar/agir dos profissionais que trabalham com idosos. Se desde a elaboração desta dissertação (pesquisa) mantivemos um diálogo com o ensino (debates e mesas redondas produzidas em eventos) e com a extensão (intervenção nas oficinas), temos, a partir de agora, um compromisso ainda maior diante da construção do envelhecer com qualidade de vida, com políticas públicas construídas para o reconhecimento das necessidades dos idosos e com produção de identidades para a emancipação dos sujeitos em envelhecimento.

REFERÊNCIAS

- Afonso, M. L. (Org.). (2000). *Oficinas em dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.
- Almeida, J. A. M. de. (2005) *Sobre a Anamorfose: identidade e emancipação na velhice*. 251 f. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, S.P., Brasil.
- Araújo, L. F. (2005). Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicologia: ciência e profissão*. 25(1), 118-131. Recuperado em 27 outubro, 2010, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932005000100010&script=sci_arttext
- Baremlitt, G. F. (1986). *Grupos: teorias e técnicas*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Barros, M. M. L. (2006). Trajetória dos Estudos de Velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 52(1), 109-132. Recuperado em 13 de abril, 2009, de <http://sociologiapp.iscte.pt/fichaartigo.jsp?pkid=540>.
- Barros, M. M. L. (2007). Testemunho de Vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In M. M. L. Barros (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política*. (4a ed.). Rio de Janeiro: FGV.
- Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Born, T. (2004). Asilo de idosos: a estação final de uma trajetória marcada por indignidades. *Portal do Envelhecimento*. Recuperado em 12 dezembro, 2009, de <http://www.portaldoenvelhecimento.net/acervo/retratos/retratos1.htm>
- Bosi, E. (2003). *Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Brandão, V. M. A. T. (2005). Memória Autobiográfica – reflexões. In B. Corte, E. F. Mercadante & I. A. Arcuri. (Orgs.). *Velhice, Envelhecimento e Complex(idade)*. (pp. 155-182). São Paulo: Vetor.
- Brandão, V. M. A. T. (2008). *Labirintos da memória: quem sou eu?* (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano). São Paulo: Paulus.
- Brandão, V. M. A. T. & Mercadante, E. F. (2009). *Envelhecimento ou Longevidade?* (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano, 8). São Paulo: Paulus.
- Brandão, V. M. A. T. (2009) Desafios da Formação Interdisciplinar. *Revista Kairós: gerontologia - Divers-idade, subjetividade, cultura e poder*. 5, 88-99. São Paulo:

EDUC. Recuperado em 18 agosto, 2011, de <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/issue/view/213>

Britto da Mota, A. (2006). Visão antropológica do envelhecimento. In E. V. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll & M. L. Gorzoni. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (Cap. 8, pp. 78-82). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Britto da Motta, A. (2007). Chegando pra idade. In M. M. L. Barros (Org.). *Velhice ou terceira idade?* (4a ed.). Rio de Janeiro: FGV.

Brockmeier, J. & Harré, R. (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 16(3), 525-535. Recuperado em 08 novembro, 2008 de <http://www.scielo.br/scielo.php>

Cançado, F. (1996). Epidemiologia do envelhecimento. In F. Cançado. *Noções práticas de geriatria*. (pp. 16-43) São Paulo: COOPMED.

Caregnato, R. C. A. & Mutti, R. (2006, Outubro/Dezembro). Pesquisa Qualitativa: análise do discurso versus análise do conteúdo. *Texto & Contexto em Enfermagem*, Florianópolis, 15(4), 679-84.

Ciampa, A. C. (1986). Identidade. In S. Lane & W. Codo (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.

Ciampa, A. C. (1993). *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social*. (3a ed.). São Paulo: Brasiliense.

Ciampa, A. C. (2003, Julho). A Identidade Social como Metamorfose Humana em Busca da Emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico. *Anais do XXIX Congresso Interamericano de Psicologia*, Lima – Peru.

Concone, M. H. V. B. (2005). O corpo: cultura e natureza. Pensando a velhice. In B. Corte, E. F. Mercadante & I. A. Arcuri (Orgs.). *Velhice, Envelhecimento e complex(idade)*. (pp. 131-144). São Paulo: Vetor.

Debert, G. G. (2007). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In M. M. L. Barros. *Velhice ou Terceira Idade?* (4a ed, pp. 49-67). Rio de Janeiro: FGV.

Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, 24(1), 213-225.

Duarte, F. & Wanderley, K. S. (2011). Religião e espiritualidade em idosos internados em uma enfermagem geriátrica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 27(1), 49-53.

Faria, J. B. & Seidl, E. M. F. (2005). Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão de literatura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 381-389.

Fazenda, I. C. A. (2002). *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia?* (5a ed.). (Coleção “Realidade Educacional”). São Paulo: Loyola.

Félix, L. O. (1998). *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF.

Ferreira, M. L. M. (2007). Memória e Velhice: do lugar da lembrança. In M. M. L. Barros (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* (4a ed., pp. 207-222). Rio de Janeiro: FGV.

Flecha, R. D. (1995). Pesquisa Participante/Pesquisa-ação: uma opção metodológica. *Revista do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e Letras – FAHL/FINP*, Belo Horizonte, (7), 82-94.

Fonseca, R. M. F., Gonzaga, K. M., Lima, C. L. & Paiva, W. C. (2006, Novembro) EnvelheSendo: a construção do processo de envelhecimento a partir de oficinas psicossociais. *Cadernos de Resumos do Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG*, Ituiutaba, MG, Brasil.

Freire, P. (1980). *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2003). *Pedagogia do Oprimido*. (36a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gaskell, G. (2007). Entrevistas Individuais e Grupais. In M. W. Bauer & G. Gaskell. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. (6a ed., pp. 64-136). Petrópolis: Vozes.

Gatto, I. B. (1996). Aspectos Psicológicos do Envelhecimento. In M. P. Netto. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. (pp. 109-113). São Paulo: Atheneu.

Goldstein, L. L.; Neri, A. L. (1995). Tudo bem graças a Deus: religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. In A. L. Neri (Org.). *Psicologia do Envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. Campinas: Papirus.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais.

Ireno, E. M., Carvalho, K. A., Paiva, W. C. & Vieira-Silva, M. (1999, Outubro). Resgatando a perspectiva de vida na terceira idade a partir da psicologia social. *Cadernos de Resumos da XIII Semana de Estudos e Divulgação de Pesquisa*. São João del Rei, MG, Brasil.

Ireno, E. M., Carvalho, K. A., Vieira-Silva, M. & Paiva, W. C. (2001, Novembro). Resgatando a perspectiva de vida na terceira idade a partir da psicologia social. *Anais do XII Encontro Mineiro de Psicologia Social: Psicologia Social em Minas: novos desafios, antigas questões*. São João del Rei, MG, Brasil.

Instituto de Geografia e Estatística – IBGE. (1996). *Governo do Brasil. Censo demográfico 1980, contagem populacional de 1996 e projeções demográficas 1995 a 2020, Brasil IPEPA*. Recuperado em 04 março, 2008, de www.ibge.gov.br/

Instituto de Geografia e Estatística – IBGE. (2003). *Tábuas completas de Mortalidade*. Recuperado em 22 janeiro, 2009, de http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=266

- Jacques, M. G. (2002). Identidade. In M. G. C. Jacques, M. N. Strey, N. M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca. *Psicologia Social Contemporânea*. (7a ed., pp. 159-167). Petrópolis: Vozes.
- Machado, M. M. (1993). Pesquisa e Intervenção Psicossocial. *Vertentes*, (19), 7-21.
- Magnani, J. G. C. (1997, Maio). O (velho e bom) caderno de campo. *Revista Sexta-Feira*, (1), 8-12.
- Martins, H. H. T. S. (2004, Maio/Agosto). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 30(2), 289-300.
- Mercadante, E. F. (2005). Velhice: uma questão complexa. In B. Corte, E. F. Mercadante & I. A. Arcuri (Orgs.). *Velhice, Envelhecimento e complex(idade)*. (pp. 23-34). São Paulo: Vetor.
- Monteiro, P. P. (2005). Somos velhos porque o tempo não pára. In B. Corte, E. F. Mercadante & I. A. Arcuri (Orgs.). *Velhice, Envelhecimento e complex(idade)*. (pp. 57-82). São Paulo: Vetor.
- Nascimento, R. F. (2003). Pesquisa-ação e oficinas psicossociais: recursos metodológicos de trabalho social-comunitário. In M. L. Afonso. (Org.). *Psicologia social e direitos humanos*. (pp. 209-226). Belo Horizonte: Edições do Campo Social.
- Neri, A. L. (1993). Qualidade de Vida e Idade Madura. Campinas: Papirus.
- Neri, A. L. & Freire, S. A. (2000). Apresentação. Qual é a idade da velhice? In A. L. Neri & S. A. Freire (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. (pp. 07-19). Campinas: Papirus.
- Neri, A. L. (2006). Teorias Psicológicas do Envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In E. V. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll & M. L. Gorzoni (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Cap. 7, pp. 58-77). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Netto, M. P. (2006). O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In E. V. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll & M. L. Gorzoni (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. (2a ed., pp. 02-12). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Orlandi, E. P. (2001). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. (3a ed.). Campinas: Pontes.
- Paiva, W. C. & Vieira-Silva, M. (2010). *Narrativas sobre o envelhecer: memórias e histórias de idosas*. Recuperado em 20 março, 2010, de http://geracoes.org.br/arquivos_dados/foto_alta/arquivo_1_id-143.pdf
- Paiva, W. C., Lima, C. L., Fonseca, R. M. F. & Gonzaga, K. M. (2010). *EnvelheSendo: a construção do processo de envelhecimento a partir de oficinas psicossociais*. Recuperado

em 20 março, 2010, de http://geracoes.org.br/arquivos_dados/foto_alta/arquivo_1_id-121.pdf

Paiva, W. C., Vieira-Silva, M. & Domiciano, F. S. (2011a, novembro). Viver e Envelhecer: trajetórias de vida de idosas de um grupo de terceira idade. *Anais do 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*, Porto Alegre, RS, Brasil

Paiva, W. C., Vieira-Silva, M. & Domiciano, F. S. (2011b, novembro). Viver e Envelhecer: trajetórias de vida de idosas de um grupo de terceira idade. *Anais do XI Congresso Iberoamericano de Extensão Universitária*, Santa Fé, Argentina.

Peixoto, C. (2007). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In M. M. L. Barros. *Velhice ou Terceira Idade?* (4a ed., pp.69-84). Rio de Janeiro: FGV.

Pessoa, C. (1998, Dezembro). Identidade: de que se está falando? *Revista de Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, 21(2), 121-135.

Pichón-Rivière, E. (1991). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 03-15.

Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212.

Ribeiro, A. (1996). Sexualidade na Terceira Idade. In M. P. Netto. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. (pp. 124-135). São Paulo: Atheneu.

Santos, T. S. (2009). Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. *Sociologias*, (22). Recuperado em 7 março, 2009, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222009000200007&lng=pt&nrm=iso

Silva, F. D. & Paiva, W. C. (2009, Novembro). A Construção do Processo de Envelhecimento a partir da Memória de Idosas. *CD-room de Resumos do 11º Seminário de Iniciação Científica e Extensão da UEMG*. Barbacena, MG, Brasil.

Thiollent, M. (2002). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. (11a ed.). São Paulo: Cortez.

Vieira-Silva, M., Passos, I. C. F., Paiva, W. C., Agostini, C., Costa, L., Santos, A.P. A. & Silva, E. M. B. (2002). A produção da identidade grupal e da auto-estima na terceira idade a partir da psicologia social. *Boletim do LAPIP*, São João Del-Rei, p. 51, 12 out. 2002.

Vitale, M. A. F. (2002). Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In A. R. Acosta & M. A. Vitale. *Famílias: redes, laços e políticas públicas*. (pp. 93-105). São Paulo: Cortez, Instituto de Estudos Especiais PUC-SP.

Thompson, P. (2002). *A voz do Passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO INDIVIDUAL

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Título da Pesquisa: “Os Sentidos do Envelhecer: Memórias e Identidade de Idosas”

Pesquisadora responsável: Wanderléia da Consolação Paiva

Instituição: Universidade Federal de São João Del-Rei.

Telefone _____ para _____ contato: _____ (_____
32)3331-3912 ou (32) 9983-7832

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos.

R.G. ou CPF: _____

A Senhora está sendo convidada a participar da pesquisa “Os Sentidos do Envelhecer: Memória, Identidade e Histórias de Idosas.” de responsabilidade da pesquisadora Wanderléia da Consolação Paiva.

Este projeto justifica-se em função do aumento do número de idosos no mundo e a necessidade de ouvir o próprio discurso desta população para entender a sua representação de envelhecimento, alertando assim os profissionais que trabalham com esta clientela para propor alternativas de intervenção.

Os objetivos desta pesquisa são: explicitar o sentido que as pessoas idosas dão ao seu processo de envelhecimento; captar as questões de gênero apresentadas nos discursos das idosas que remetem ao envelhecimento; compreender como a constituição da identidade e da memória se articulam ao sentido atribuído ao envelhecer.

Por estes motivos, a senhora está sendo convidada para participar voluntariamente de uma entrevista individual, agendada previamente e realizada em local escolhido. A entrevista será gravada apenas com a sua autorização.

Não existem riscos presentes. Podem ocorrer desconfortos de ordem emocional em função da narrativa sobre fatos passados e desconfortos de ordem física em função do local e horário escolhidos pelas idosas.

Os resultados desta pesquisa são de grande valia, pois podem promover uma re-significação de fatos passados pelas idosas e pode auxiliar na melhoria dos encontros dos grupos de terceira idade a que pertencem as idosas pesquisadas. Ainda, atentam aos profissionais para escutar o discurso do próprio idoso para propor intervenções.

A qualquer momento, a entrevistada será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. A participação é voluntária. Garante-se os direitos de recusar a participar, retirar o consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. As pessoas entrevistadas não serão identificadas em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE:

Eu, _____
fui informada (o) dos objetivos da pesquisa “Os Sentidos do Envelhecer: Memória, Identidade e Histórias de Idosas” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. A pesquisadora certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que esta pesquisa não gerará ônus para mim. Estou ciente que, qualquer dúvida pode ser esclarecida com a pesquisadora Wanderléia da Consolação Paiva, pessoalmente ou pelo telefone (32) 3331-3912 ou (32) 9983-7832. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Data: _____

Assinatura: _____

R.G. ou CPF _____

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO GRUPAL

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Título da Pesquisa: “Os Sentidos do Envelhecer: Memórias e Identidades de Idosas.”

Pesquisadora responsável: Wanderléia da Consolação Paiva

Instituição: Universidade Federal de São João Del-Rei.

Telefone para contato: (32)3331-3912

NOME DO REPRESENTANTE DO GRUPO: _____

_____ R.G. _____

O grupo de terceira idade _____ está sendo convidado a participar da pesquisa “Os Sentidos do Envelhecer: Memória, Identidade e Histórias de Idosas.” Sob a responsabilidade da pesquisadora Wanderléia da Consolação Paiva.

Este projeto justifica-se em função do aumento do número de idosos no mundo e a necessidade de ouvir o próprio discurso desta população para entender a sua representação de envelhecimento, alertando assim os profissionais que trabalham com esta clientela para propor alternativas de intervenção.

Os objetivos desta pesquisa são: explicitar o sentido que as pessoas idosas dão ao seu processo de envelhecimento a partir da compreensão de como a constituição da identidade e da memória se articulam ao sentido atribuído ao envelhecer.

Por estes motivos, serão realizadas observações durante as reuniões do grupo onde a bolsista realizará anotações que serão posteriormente tomadas para a análise de dados.

Num segundo momento, a pesquisadora e a bolsista executarão oficinas de intervenção psicossociais onde os encontros serão gravados e/ou filmados, sob autorização do grupo.

Não existem riscos presentes. Podem ocorrer desconfortos de ordem emocional em função da narrativa sobre fatos passados e desconfortos de ordem física em função do local e horário escolhidos pelas idosas.

Os resultados desta pesquisa são de grande valia pois podem promover uma re-significação de fatos passados pelas idosas e pode auxiliar na melhoria dos encontros dos grupos de terceira idade a que pertencem as idosas pesquisadas. Ainda, atentam aos profissionais para escutar o discurso do próprio idoso para propor intervenções.

A qualquer momento, os membros do grupo podem pedir esclarecimentos sobre a pesquisa. A participação é voluntária. Garante-se os direitos de recusar a participar, retirar o consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A pesquisadora irá tratar a identidade das participantes com padrões profissionais de sigilo. As pessoas não serão identificadas em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

A participação no estudo não acarretará custos para nenhum membro do grupo e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE:

Eu, _____,
na condição de representante do grupo _____,
declaro em nome de todas as idosas freqüentadoras do grupo que fomos informadas sobre os objetivos da pesquisa “Os Sentidos do Envelhecer: Memória, Identidade e Histórias de Idosas” de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e modificar nossa decisão se assim o desejar. A pesquisadora certificou-nos de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sabemos que esta pesquisa não gerará ônus para nenhuma das participantes. Estamos cientes que, qualquer dúvida pode ser esclarecida com a pesquisadora Wanderléia da Consolação Paiva, pessoalmente ou pelo telefone (32) 3331-3912 ou (32) 9983-7832. Declaramos que concordamos em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

Data: _____

Assinatura: _____

R.G. ou CPF _____

Nome do grupo: _____

Endereço: _____

Assinatura das outras integrantes:

FOLDER - 1º Encontro Multidisciplinar - Complexidade: O idoso em foco

I ENCONTRO MULTIDISCIPLINAR COMPLEX IDADE: O IDOSO EM FOCO	I ENCONTRO MULTIDISCIPLINAR COMPLEX IDADE: O IDOSO EM FOCO	I ENCONTRO MULTIDISCIPLINAR COMPLEX IDADE: O IDOSO EM FOCO
<p>Meu Destino.</p> <p>Nas palmas de tuas mãos Leio as linhas da minha vida. Linhas cruzadas, sinuosas Interferindo no teu destino. Não te procurei, não me procurastes Fomos sozinhos por estradas diferentes. Indiferentes, cruzamos Passavas com o fardo da vida... Corri ao teu encontro. Sorri. Falamos. Esse dia foi marcado com A pedra branca da cabeça de um peixe. E, desde então, caminhamos Juntos pela vida...</p> <p>Cora Coralina</p> 	<p>Evento de natureza científica proposto e organizado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais Campus Barbacena (IFSUDESTEMG) e pela Universidade do Estado de Minas Gerais Campus Barbacena (UEMG)</p>	
Inscrições pelo site www.barbacena.ifsudestemg.edu.br (32) 3693-8612	Inscrições pelo site www.barbacena.ifsudestemg.edu.br (32) 3693-8612	DIA 30 de setembro de 2010 De 8:00 às 22:00 horas IF Sudeste de MG - Campus Barbacena (Antiga Escola Agrotécnica Federal)

PROGRAMAÇÃO

HORÁRIO	ATIVIDADE		
8:00 às 8:30	Credenciamento		
8:30 às 10:00	Abertura do evento pelo Diretor do IF Sudeste MG - Campus Barbacena e Diretora da UEMG Campus Barbacena. Palestra com Dr. Cláudio Bomtempo - Envelhecimento Saudável		
10:00 às 10:30	Relatos de Experiência		
10:30 às 11:00	Esquete - IF Campus Barbacena		
11:00 às 13:00	Intervalo para almoço		
13:00 às 14:00	IF tour nas dependências do IF Sudeste MG – Campus Barbacena		
14:00 às 16:00	<table border="0"> <tr> <td style="vertical-align: top;"> Oficinas: 1 - Recreação (20 vagas) 2 - Jardim/horta suspensa (20 vagas) 3 - Agroindústria (16 vagas) 4 - Jogos de Memória (20 vagas) 5 - Bioexpressão: Caminhos para o conhecimento do corpo (30 vagas) </td> <td style="vertical-align: top; padding-left: 20px;"> Mesa redonda: Qualidade de vida e envelhecimento Wanderléia da Consolação Paiva (psicóloga) Palestrante e Mediadora Eurico Peixoto César (educador físico) Denise Resende (fonoaudióloga) Valter Adriano Paulino de Campos (enfermeiro) </td> </tr> </table>	Oficinas: 1 - Recreação (20 vagas) 2 - Jardim/horta suspensa (20 vagas) 3 - Agroindústria (16 vagas) 4 - Jogos de Memória (20 vagas) 5 - Bioexpressão: Caminhos para o conhecimento do corpo (30 vagas)	Mesa redonda: Qualidade de vida e envelhecimento Wanderléia da Consolação Paiva (psicóloga) Palestrante e Mediadora Eurico Peixoto César (educador físico) Denise Resende (fonoaudióloga) Valter Adriano Paulino de Campos (enfermeiro)
Oficinas: 1 - Recreação (20 vagas) 2 - Jardim/horta suspensa (20 vagas) 3 - Agroindústria (16 vagas) 4 - Jogos de Memória (20 vagas) 5 - Bioexpressão: Caminhos para o conhecimento do corpo (30 vagas)	Mesa redonda: Qualidade de vida e envelhecimento Wanderléia da Consolação Paiva (psicóloga) Palestrante e Mediadora Eurico Peixoto César (educador físico) Denise Resende (fonoaudióloga) Valter Adriano Paulino de Campos (enfermeiro)		
16:00 às 17:00	Intervalo Intervalo Intervalo Intervalo Intervalo Intervalo Intervalo		
17:00 às 19:00	Exibição do filme: Elza e Fred		
19:00 às 19:30	Discussão sobre o filme (mediadora: Profª Roseli Auxiliadora Barroso - IF Campus Barbacena)		
19:30 às 19:45	Ação Cultural: CORAL		
19:45 às 21:30	Palestra Educação ao Longo da Vida: uma perspectiva de educação continuada Palestrante: Profª Dra. Vera Maria Antonieta Tordini Brandão		
21:30 às 22:00	Encerramento pela equipe de coordenação do evento		

① Vagas somente para idosos. Conforme estatuto do idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, Art. 1º ... é considerado idoso pessoas com idade igual ou acima de sessenta anos.